

Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Bernadete Campello

Fontes de Informação I

Semestre

2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro

Faculdade de Administração
e Ciências Contábeis
Departamento
de Biblioteconomia

2018



Permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor

Murilo Bastos da Cunha

Comissão Técnica

Célia Regina Simonetti Barbalho

Helen Beatriz Frota Rozados

Henriette Ferreira Gomes

Marta Lígia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento

Mariza Russo (in memoriam)

Ana Maria Ferreira de Carvalho

Maria José Veloso da Costa Santos

Nadir Ferreira Alves

Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio

Eliana Taborda Garcia Santos

José Antonio Gameiro Salles

Maria Cristina Paiva

Miriam Ferreira Freire Dias

Rômulo Magnus de Melo

Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de

Desenvolvimento Instrucional

Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional

Marcelo Lustosa

Diagramação

Patrícia Seabra

Revisão de língua portuguesa

Beatriz Fontes

Projeto gráfico e capa

André Guimarães de Souza

Patrícia Seabra

Normalização

Dox Gestão da Informação

C193f Campello, Bernadete.

Fontes de informação I / Bernadete Campello ; [leitor] Murilo Bastos da Cunha. – Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.

156 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-85229-59-7 (brochura)

ISBN 978-85-85229-58-0 (e-book)

1. Recursos de informação. 2. Fonte de informação. I. Cunha, Murilo Bastos da. II. Título.

CDD 028.7

CDU 025.5

Catálogo na publicação por: Solange Souza CRB-7 / 6646

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Câmera fotográfica	15
Figura 2 –	Livros, porta, entrada.....	25
Figura 3 –	Dicionário.....	39
Figura 4 –	Enciclopédias.....	55
Figura 5 –	<i>Torre de Babel</i>	69
Figura 6 –	Grafite feito em homenagem ao cantor e compositor <i>Bob Dylan</i> , numa rua em Verona, na Itália. Ele foi o primeiro músico a ganhar o prêmio <i>Nobel</i> de literatura	83
Figura 7 –	Livros e <i>smartphone</i>	99
Figura 8 –	Biblioteca, eletrônica, e e-livro	113
Figura 9 –	Estátua, em Londres, de Sherlock Holmes: o famoso personagem criado por <i>Arthur Conan Doyle</i>	116
Figura 10 –	Folhetos de cordel estendidos em cordas	120
Figura 11 –	Ilustração inspirada no livro <i>O Pequeno Príncipe</i> , obra literária traduzida para mais de 220 idiomas e dialetos	131
Figura 12 –	<i>Monteiro Lobato</i>	132



SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA	11
	EMENTA	11
1	UNIDADE 1: FONTES DE INFORMAÇÃO – POR QUE CONHECÊ-LAS? ... 13	13
1.1	OBJETIVO GERAL	13
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.3	INTRODUÇÃO	15
1.4	O QUE SIGNIFICA FONTE DE INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA?	16
1.5	POR QUE O BIBLIOTECÁRIO PRECISA CONHECER AS FONTES DE INFORMAÇÃO?	18
1.6	O QUE A DISCIPLINA FONTES DE INFORMAÇÃO I VAI ABORDAR?	20
1.7	CONCLUSÃO	21
	RESUMO	22
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	22
2	UNIDADE 2: FONTES DE INFORMAÇÃO – COMO ENCONTRÁ-LAS?	23
2.1	OBJETIVO GERAL	23
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
2.3	INTRODUÇÃO	25
2.4	CARACTERÍSTICAS	26
2.5	TIPOS DE BIBLIOGRAFIA	27
2.6	LOCALIZAÇÃO DE FONTES NA <i>INTERNET</i>	31
2.6.1	Atividade	32
2.7	O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA ELABORAÇÃO DE BIBLIOGRAFIAS	34
2.8	CONCLUSÃO	36
	RESUMO	36
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	36
3	UNIDADE 3: DICIONÁRIO – O “PAI DOS BURROS”?	37
3.1	OBJETIVO GERAL	37
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	37
3.3	INTRODUÇÃO	39
3.4	A ORIGEM DOS DICIONÁRIOS	39
3.5	FUNÇÕES DOS DICIONÁRIOS	40
3.6	TIPOS DE DICIONÁRIOS	42
3.6.1	Atividade	49
3.7	AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS	50
3.8	IDENTIFICAÇÃO DE DICIONÁRIOS	50
3.9	CONCLUSÃO	50
	RESUMO	51
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	51

4	UNIDADE 4: ENCICLOPÉDIA – ISTO AINDA EXISTE?	53
4.1	OBJETIVO GERAL	53
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	53
4.3	INTRODUÇÃO	55
4.4	O VERBETE COMO GÊNERO TEXTUAL.....	56
4.5	A MUDANÇA DO FORMATO DA ENCICLOPÉDIA	58
4.6	AUTORIA	59
4.7	A WIKIPÉDIA	59
4.8	USO DE ENCICLOPÉDIAS.....	60
4.9	A QUESTÃO DA CREDIBILIDADE	62
4.9.1	Atividade	64
4.10	CONCLUSÃO	65
	RESUMO	66
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	66
5	UNIDADE 5: INTERNET OU BIBLIOTECA?	67
5.1	OBJETIVO GERAL	67
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	67
5.3	INTRODUÇÃO	69
5.4	A VARIEDADE DE INFORMAÇÕES NA <i>INTERNET</i>	70
5.5	A <i>INTERNET</i> E OS NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS	71
5.6	ESTUDOS DE USO DA <i>INTERNET</i>	72
5.6.1	Atividade	74
5.7	AVALIAÇÃO DE INFORMAÇÕES DA <i>INTERNET</i>	75
5.8	CONCLUSÃO	79
	RESUMO	80
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	80
6	UNIDADE 6: TEXTOS LITERÁRIOS – MACHADO DE ASSIS OU PAULO COELHO?	81
6.1	OBJETIVO GERAL	81
6.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	81
6.3	INTRODUÇÃO	83
6.4	O FENÔMENO DA CONVERGÊNCIA	84
6.5	CÂNONE LITERÁRIO.....	86
6.6	OS AGENTES DE CONSTRUÇÃO DO CÂNONE	87
6.6.1	Atividade	93
6.7	CONCLUSÃO	94
	RESUMO	95
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	95
7	UNIDADE 7: GÊNEROS TEXTUAIS E FONTES DE INFORMAÇÃO	97
7.1	OBJETIVO GERAL	97
7.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	97
7.3	INTRODUÇÃO	99
7.4	O QUE É GÊNERO TEXTUAL?.....	100

7.5	GÊNERO TEXTUAL E APRENDIZAGEM.....	101
7.6	GÊNEROS DA LITERATURA DE MASSA.....	102
7.6.1	Atividade	108
7.7	CONCLUSÃO.....	109
	RESUMO	109
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	109
8	UNIDADE 8: MAIS GÊNEROS LITERÁRIOS	111
8.1	OBJETIVO GERAL	111
8.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	111
8.3	INTRODUÇÃO.....	113
8.4	GÊNEROS NA BIBLIOTECA	113
8.4.1	Biografia	113
8.4.2	Romance policial	115
8.4.3	Ficção científica	117
8.4.4	Histórias em quadrinhos	118
8.4.5	Literatura de cordel	119
8.4.6	Atividade	123
8.5	JOGOS ELETRÔNICOS.....	124
8.5.1	Atividade	125
8.6	CONCLUSÃO.....	126
	RESUMO	127
	INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE	127
9	UNIDADE 9: EXPLORAR O MUNDO, CONHECER PESSOAS: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	129
9.1	OBJETIVO GERAL	129
9.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	129
9.3	INTRODUÇÃO.....	131
9.4	A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL.....	132
9.5	A ILUSTRAÇÃO.....	133
9.6	O CÂNONE LITERÁRIO ESCOLAR.....	134
9.7	ADAPTAÇÃO DE LIVROS PARA FILMES.....	136
9.8	<i>FANFICS</i> : UM GÊNERO DIGITAL.....	138
9.9	CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	139
9.9.1	Atividade	142
9.10	CONCLUSÃO.....	144
	RESUMO	144
	REFERÊNCIAS	145
	SUGESTÃO DE LEITURA	149



APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

As fontes de informação constituem um tema sempre presente nos currículos de Biblioteconomia. O primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, de responsabilidade da Biblioteca Nacional, já se preocupava com esse assunto, que era estudado no âmbito de uma disciplina então chamada Bibliografia. Atualmente, devido à quantidade e complexidade de fontes existentes, disciplinas que tratam de fontes de informação continuam centrais nos currículos de Biblioteconomia, pois o bibliotecário precisa conhecer uma variedade de recursos que respondam às necessidades de informação dos usuários da biblioteca. Neste curso, a disciplina *Fontes de Informação I* vai proporcionar o conhecimento do universo informacional contemporâneo, fundamental para preparar o bibliotecário para construir uma boa coleção, bem como para ajudar o usuário a usar as fontes de forma eficiente. Na unidade 1 você vai saber em detalhes por que é importante o estudo das fontes de informação.



UNIDADE 1

FONTES DE INFORMAÇÃO – POR QUE CONHECÊ-LAS?

1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a função da disciplina Fontes de Informação I no contexto de sua formação profissional.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- explicar o conceito de fonte de informação na Biblioteconomia;
 - compreender as fontes de informação como artefatos culturais;
 - esclarecer sobre o papel das fontes de informação no trabalho da biblioteca.
-



1.3 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Câmera fotográfica



Fonte: Pixabay¹

Quando uma pessoa está preparando uma viagem, precisa de muitas informações: itinerários e horários de voos, preços de passagens, locais para visitar, disponibilidade de hotéis, dados de clima e tempo, etc. Ela então consulta guias de viagem, agências de turismo, *sites* de empresas aéreas, amigos e conhecidos. Todos esses recursos são fontes de informação.

Na verdade, numa perspectiva ampla, qualquer objeto pode ser considerado uma fonte de informação. Por exemplo, o fragmento de uma rocha é uma fonte de informação para o geólogo; uma planta é uma fonte de informação para o botânico; uma bula de remédio é uma fonte de informação para o doente, dependendo de suas necessidades e dos significados que as informações têm para quem vai utilizá-las.

As pessoas também são fontes de informação. Na Biblioteconomia/Ciência da Informação, elas estão na categoria de fontes informais ou pessoais e há inúmeros estudos mostrando sua importância para diferentes grupos de usuários. Pesquisadores, cientistas, profissionais em diferentes organizações utilizam constantemente fontes pessoais. Elas são consideradas insubstituíveis, mesmo com a proliferação das fontes eletrônicas. Em localidades onde o acesso a bibliotecas e à *internet* é difícil, pessoas podem constituir fontes valiosas, e a biblioteca pode valer-se delas para obter informações históricas e outras que não estejam registradas em suportes formais.

¹ SANKOWSKI, Dariusz. **antigo-retro-vintage-clássico-foto-1130731**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/antigo-retro-vintage-clássico-foto-1130731/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2018.

É necessário compreender que, dependendo do contexto ou da área do conhecimento em que é utilizada, fonte de informação tem um significado diferente. Na História e no Jornalismo, por exemplo, o significado varia.

1.4 O QUE SIGNIFICA FONTE DE INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA?

Na Biblioteconomia, quaisquer recursos que respondam a uma necessidade de informação dos usuários da biblioteca são considerados fontes de informação. As pessoas vão à biblioteca para buscar determinadas informações que geralmente se encontram em livros e em outros materiais, impressos ou não, e mais recentemente na *internet*. A biblioteca já tem selecionadas, organizadas e reunidas em sua coleção as fontes de informação que considera adequadas para atender às necessidades específicas de seus usuários.

Na disciplina *Fontes de Informação I*, vamos conhecer algumas das chamadas **fontes gerais de informação**. Essas fontes distinguem-se das **fontes especializadas**, no sentido de que são elaboradas para um leitor na condição de não especialista. Imagina-se que possam ser compreendidas pelos leitores, independentemente de sua especialidade. Uma **enciclopédia geral**, por exemplo, é uma fonte elaborada especialmente para levar o conhecimento científico a um público leigo. Outro exemplo é a revista em quadrinhos, que pode ser apreciada por qualquer pessoa, independentemente de sua profissão e especialidade. Essas são fontes consideradas gerais. Já um **artigo científico** ou uma **enciclopédia especializada** são considerados fontes especializadas, por exigirem um conhecimento específico do usuário. Em *Fontes de Informação I*, vamos estudar as fontes gerais, e, em *Fontes de Informação II*, você vai ter oportunidade de conhecer as fontes especializadas e perceber melhor as diferenças entre as duas.

Outra maneira de abordar as fontes de informação é categorizá-las em primárias, secundárias e terciárias. No livro *Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia (2001)*, Murilo Bastos da Cunha descreve cada uma dessas categorias, explicando que as fontes ou documentos primários são os que apresentam novas informações ou interpretações originais de ideias e/ou fatos. Já os documentos secundários não são propriamente originais; eles apresentam informações veiculadas anteriormente em fontes primárias, mas filtradas e organizadas com a finalidade de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias. Murilo Cunha chama os documentos secundários de “organizadores dos documentos primários” e, de fato, eles são arranjados segundo um plano definido, como a ordem alfabética de assuntos encontrada nos

dicionários e enciclopédias, por exemplo. Os documentos terciários têm como função principal ajudar o leitor na pesquisa de fontes primárias e secundárias. São, segundo *Murilo Cunha*, “[...] sinalizadores de localização ou indicadores sobre os documentos primários ou secundários [...]” (2001, p. IX). Podem ser exemplificados por guias, bibliografias, bancos e bases de dados, índices e catálogos. As fontes secundárias e terciárias são **consideradas obras de referência**.



Explicativo

Na Biblioteconomia, a expressão **obra de referência – livro de referência ou fonte de referência** – traduzida diretamente do inglês (*reference source*), designa a obra de uso pontual e recorrente, ao contrário de outras que são destinadas, normalmente, a serem lidas do princípio ao fim. São obras a que se recorre para procurar pequenas parcelas de informação, dentro do enorme conjunto de informações que esse tipo de obra normalmente contém. Por isso, há quem utilize também a expressão **obras de consulta** para se referir a essas fontes, que geralmente ficam reunidas em um setor especial da biblioteca.



A categorização apresentada foi elaborada com base no esquema proposto originalmente por *Denis Grogan* no livro *Science and Technology: an Introduction to the Literature*. Existem outras que podem diferir; portanto é bom ficar atento se você encontrar categorizações que apresentem divergências.

Denis Grogan é um autor britânico, muito conhecido na área de Biblioteconomia por seus livros sobre o trabalho de referência. Um deles, *Practical Reference Work (A prática do serviço de referência)*, foi traduzido para o português e publicado pela editora *Briquet de Lemos*, em 1995.



Atenção

As fontes terciárias, com sua função de busca e localização de informação, constituem instrumentos de trabalho do bibliotecário e, não se pode deixar de enfatizar que esse profissional tem responsabilidade também na produção desses instrumentos. No item 2.5 desta disciplina, “O papel do bibliotecário na elaboração de bibliografias”, você vai conhecer bibliotecárias que se destacaram na organização de repertórios bibliográficos e por isso foram altamente reconhecidas pelas comunidades a que serviram.



1.5 POR QUE O BIBLIOTECÁRIO PRECISA CONHECER AS FONTES DE INFORMAÇÃO?

As fontes de informação são a matéria-prima do trabalho do bibliotecário e, portanto, ele vai precisar conhecer diversos aspectos relativos a elas: sua natureza, sua função, sua origem, sua estrutura ou organização, e especialmente como são usadas e avaliadas. Tudo isso a fim de ajudá-lo a escolher as melhores e as mais adequadas para seus usuários.

As diferentes atribuições do bibliotecário exigem o conhecimento de distintos aspectos das fontes de informação:

- a) **na seleção e aquisição do acervo:** quando está escolhendo, selecionando e adquirindo materiais para compor a coleção, o bibliotecário precisa conhecer as opções disponíveis. Nessa perspectiva, ele deve ter uma ampla noção dos produtores de cada tipo de fonte. Por exemplo, no que se refere aos gêneros literários que irão fazer parte do acervo da biblioteca, precisa acompanhar as tendências do mercado editorial, conhecer as editoras e os últimos lançamentos e ter familiaridade com os principais autores que possam ser de interesse dos seus leitores;



Atenção

É bom lembrar que os materiais selecionados devem atender às necessidades dos usuários a que se destinam. Na disciplina Formação e Desenvolvimento de Coleções, essa questão será mais aprofundada.

- b) **no trabalho de referência:** atuando no trabalho de referência, como mediador que faz o elo entre a coleção e os usuários, o bibliotecário vai precisar conhecer a função que a fonte desempenha no contexto de seu uso, e principalmente sua relação com aquele usuário específico. Usando novamente como exemplo os textos literários: o bibliotecário tem que saber com que finalidade um texto foi indicado para determinado usuário e o grau de dificuldade que ele pode ter no uso daquele texto. Fica claro, então, que o conhecimento das fontes está atrelado ao conhecimento do seu uso;

- c) **no desenvolvimento da competência em informação dos usuários:** no desempenho de sua função educativa, o bibliotecário vai ensinar os seus usuários a utilizar fontes de informação. Atualmente, a complexidade do aparato informacional faz com que seja necessário que as pessoas desenvolvam capacidades para localizar, selecionar e usar as fontes. O domínio dessas habilidades é a chamada competência em informação, um conceito que veio reforçar a responsabilidade do bibliotecário na educação do usuário. Isso significa que esse profissional precisa conhecer bem as fontes de informação para que possa ensinar seu uso adequado.



Atenção

Na disciplina *Educação de Usuários* você vai entender melhor essa questão e aprender a planejar, implementar e avaliar programas de educação de usuários.



Explicativo

Competência em informação pode ser entendida como “a mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes direcionada ao processo construtivo de significados a partir da informação, do conhecimento e do aprendizado” (DUDZIAK, 2008, p. 42). Essa definição, bem ampla e genérica, foi dada por *Elizabeth Dudziak*, bibliotecária que tem pesquisado sobre esse conceito. Outra definição, que concretiza melhor as habilidades informacionais, foi apresentada pela pesquisadora norte-americana *Christina Doyle*, que afirma que:

[...] a pessoa competente em informação é aquela capaz de reconhecer a necessidade de informação; reconhecer que informação acurada e completa é a base para tomada de decisões inteligentes; formular questões baseadas na necessidade de informação; identificar potenciais fontes de informação; desenvolver estratégias de busca adequadas; acessar fontes de informação, inclusive eletrônicas; avaliar informação, organizar informação para aplicações práticas, integrar nova informação ao corpo de conhecimentos existente; usar informação para pensar criticamente e para solucionar problemas. (DOYLE, C.)

1.6 O QUE A DISCIPLINA FONTES DE INFORMAÇÃO I VAI ABORDAR?

Em *Fontes de Informação I*, vamos conhecer algumas fontes gerais de informação. Para começar, é preciso ter em mente que as fontes constituem artefatos culturais dinâmicos e, portanto, mutantes. A enciclopédia, por exemplo, é um tipo de fonte que existe há séculos, sofreu pequenas mudanças ao longo do tempo e, com o advento da *internet* e o aparecimento da *Wikipédia*, sua concepção mudou radicalmente.



Atenção

Na unidade 4 você vai estudar a enciclopédia como fonte de informação e entender por que a *Wikipédia* revolucionou a concepção do que seja uma enciclopédia.

Outro aspecto que varia em relação às fontes é o valor que lhes é atribuído. É o caso de alguns gêneros textuais, como, por exemplo, a história em quadrinhos que, durante muito tempo, foi um gênero considerado secundário e não fazia parte dos acervos das bibliotecas. Os Estudos Culturais possibilitaram conhecer melhor a natureza e função desse gênero e, atualmente, muitas bibliotecas públicas e escolares se preocupam em manter gibitecas, reunindo esse material, que tem grande apelo para muitos leitores.



Explicativo

A valorização de artefatos da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, antes desprezados, ocorreu pela via dos chamados Estudos Culturais, que consideram que a cultura das camadas sociais mais baixas está em igualdade de condições com o mundo da cultura erudita. O fundamento dos Estudos Culturais é a crença de que as classes populares possuem suas próprias expressões culturais, que devem ser estudadas e compreendidas, da mesma forma que a chamada alta cultura ou cultura da elite.

A leitura do artigo “Uma introdução aos Estudos Culturais”, de *Ana Carolina Escosteguy*, é uma boa maneira de você se familiarizar com esse campo de estudo, já que ela apresenta a trajetória dos Estudos Culturais, desde os seus antecedentes até a atualidade. Esse artigo encontra-se disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>>.²

Retomando a ideia de que as fontes de informação são mutantes, enfatiza-se que estas devem ser compreendidas como artefatos culturais inventados para resolver determinado problema de informação e duram enquanto essa necessidade persiste. Usando novamente a enciclopédia como exemplo, ela foi criada quando houve a necessidade de reunir o conhecimento de maneira sistemática, de forma à servir a educação. Outro exemplo é o jornal diário, que surgiu para possibilitar às pessoas se manterem atualizadas sobre os acontecimentos do dia a dia. As funções dessas fontes, inventadas há muito tempo, ainda persistem, razão pela qual elas existem até hoje, mas modificadas em função dos avanços tecnológicos.

Outro fenômeno que atinge as fontes de informação atualmente é a **convergência**, que faz com que tipologias de fontes, que procuram caracterizar com precisão cada fonte ou gênero, pareçam supérfluas e inúteis.



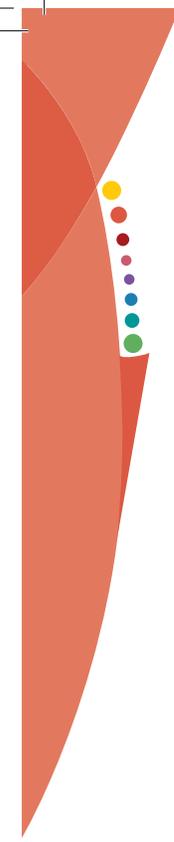
Atenção

Você vai entender melhor o fenômeno da convergência nas unidades 6, 7 e 8, quando iremos estudar os diferentes gêneros literários.

1.7 CONCLUSÃO

Esta unidade foi o ponto de partida para o estudo das fontes gerais de informação e serviu para você compreender que essa disciplina é fundamental para preparar o bibliotecário para construir uma boa coleção, bem como para ajudar o usuário a usar esses recursos de forma eficiente.

² ESCOSTEGUY, A. C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, p. 87-97, dez. 1998. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>>. Acesso em: 4 de agosto de 2016.



É importante que você esteja consciente de que o conhecimento das fontes de informação não se esgotará nesta disciplina. Em *Fontes de Informação II*, principalmente, você terá oportunidade de estudar outras fontes que dão acesso ao conhecimento científico, que complementarão seu conhecimento de fontes adquirido em *Fontes de Informação I*.

Como bibliotecário, você precisa estar pronto para acompanhar e entender as modificações que afetam o universo informacional, além de ficar atento ao aparecimento de novas fontes que deverão estar presentes na coleção da biblioteca.

RESUMO

O bibliotecário vai utilizar seu conhecimento sobre as fontes de informação nas variadas tarefas que executa na biblioteca: seleção, aquisição, mediação. Esse conhecimento não se esgota nesta disciplina, pois novas fontes são constantemente criadas para atender a novas necessidades, e as fontes existentes sofrem transformações. Assim, o bibliotecário deve estar constantemente alerta, acompanhando a evolução do universo informacional.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade, você vai conhecer um tipo de instrumento que ajuda na identificação e localização de fontes de informação: as bibliografias.

UNIDADE 2

FONTES DE INFORMAÇÃO – COMO ENCONTRÁ-LAS?

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar instrumentos que ajudem na identificação e localização de fontes de informação.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) identificar instrumentos para localização de fontes, tais como bibliografias, guias, manuais, repertórios;
 - b) compreender que esses instrumentos podem ter variadas finalidades e formas;
 - c) entender o seu papel na elaboração de instrumentos (guias, bibliografias, bases de dados) que ajudem na identificação e localização de fontes de informação.
-



2.3 INTRODUÇÃO

Figura 2 – Livros, porta, entrada



Fonte: Pixabay³

Se considerarmos a enorme quantidade de fontes de informação hoje existentes e que são produzidas cada vez mais rapidamente, é necessário perguntar: como fazer para acompanhar esse crescimento e se manter a par do que está sendo produzido, que seja de interesse da biblioteca e dos usuários? Como conhecer materiais que foram produzidos há muito tempo?

De fato, no âmbito da Biblioteconomia, sempre houve preocupação de se produzir mecanismos que facilitassem esses processos. Tais mecanismos se concretizaram nas chamadas **bibliografias**, que começaram a ser produzidas logo após a invenção da imprensa. A primeira foi a obra de *Joham Tritheim, Liber de Scriptoribus Ecclesiasticis*, bibliografia de teologia e filosofia, publicada em 1494, que deu ao autor o título de “pai da bibliografia”.

Você deve conhecer o termo **bibliografia** associado à lista de documentos (livros, artigos e outros) que um estudante ou pesquisador utilizou e/ou citou para realizar um trabalho e que é colocada no final do texto escrito. É bom esclarecer que o título correto dessa lista é **referências**, conforme recomendado pela norma da ABNT – NBR 14.724/2011, já que a palavra bibliografia tem significados bem mais amplos, como veremos a seguir.

³ CARE, Nino. **livros-porta-entrada-itália-cores-1655783**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/livros-porta-entrada-itália-cores-1655783/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

2.4 CARACTERÍSTICAS

Na área de Biblioteconomia/Documentação, a palavra bibliografia designa:

[...] um ramo da bibliologia – ou ciência do livro – que consiste na pesquisa de textos impressos ou multigrados para indicá-los, descrevê-los e classificá-los com a finalidade de estabelecer instrumentos (de busca) e organizar serviços apropriados a facilitar o trabalho intelectual. Quatro operações se destacam em uma ordem lógica: pesquisa, indicação, descrição e classificação; elas dão origem ao repertório bibliográfico ou bibliografia. (CUNHA, CAVALCANTI, 2008, p.46).

Esta definição é dada pelo *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*, de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho Cavalcanti (2008), a partir do *Manuel de bibliographie*, de autoria de Louise-Noëlle Malclès, uma grande estudiosa da bibliografia, cuja obra apoiou a formação de muitos bibliotecários brasileiros.



Multimídia

Em um *blog* de alunos da *Facultad de Biblioteconomia y Documentación da Universidad de Granada* você pode conhecer um pouco da vida dessa grande estudiosa da bibliografia. Para tanto, consulte:

<http://http://www.ugr.es/~anamaria/mujeres-doc/biografia_louise_noelle_malcles.htm>. ⁴

Portanto, como um campo de estudo, a bibliografia auxilia no processo de identificar variações em um texto impresso, possibilitando confirmar ou ratificar escritos originais ou versões definitivas. É a chamada **bibliografia textual**, utilizada por historiadores, pesquisadores, bibliófilos e pessoas interessadas em obras raras para validar textos de autores e livros antigos.

O termo também designa o objeto resultante do trabalho bibliográfico. Isso nos leva ao segundo significado do termo: a bibliografia como instrumento que possibilita a identificação de materiais, e em alguns casos, a sua localização. É nessa acepção que a bibliografia interessa a esta disciplina, pois ela é uma fonte que permite identificar outras fontes, funcionando como um mecanismo organizador, de muita utilidade no universo informacional caótico em que hoje vivenciamos.

⁴ FACULTAD DE BIBLIOTECONOMIA Y DOCUMENTACIÓN. **Mujeres documentalistas**. Louise-Noëlle Malclès (1899-1977). Disponível em: <http://www.ugr.es/~anamaria/mujeres-doc/biografia_louise_noelle_malcles.htm>. Acesso em: 28 de junho de 2017.

A bibliografia como produto varia, tendo em vista sua funcionalidade. Pode ser uma pequena lista de referências de documentos sobre assunto bem específico, de interesse de um grupo restrito de leitores, elaborada por uma única pessoa, como, por exemplo, a *Bibliografia brasileira sobre aves urbanas*, de *Martha Argel*, ou publicada como artigo de periódico, como *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada*, ou até uma obra que inclui a produção bibliográfica de um país, como a *Bibliografia Brasileira*, de responsabilidade de uma instituição, a *Biblioteca Nacional (BN)*.

É importante que o bibliotecário entenda o conceito de bibliografia, já que alguns dos títulos dessas obras apresentam uma variedade terminológica que dificulta sua caracterização. É o caso do *Guia Bibliográfico Brasileiro de Museologia*, do *Jovens e músicas: um guia bibliográfico*, do *Arquivos universitários: repertório bibliográfico preliminar*, do *Catálogo bibliográfico Brasil, Rússia, Índia, China e África Do Sul – BRICS*, que exemplificam essa variedade terminológica. Assim, palavras como **guia**, **catálogo**, **repertório** e outras podem denominar bibliografias.

Para o bibliotecário, o importante é conhecer a qualidade e a utilidade das bibliografias que podem auxiliar sua prática.

Assim, é necessário ler com cuidado o texto introdutório da bibliografia que deve esclarecer os seguintes aspectos:

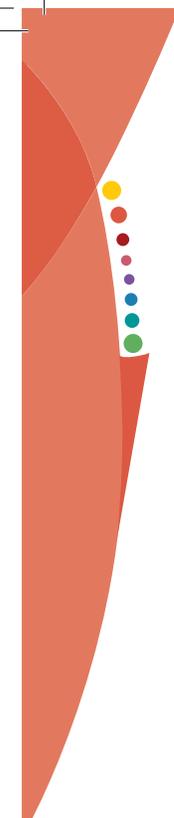
- a) seu propósito ou objetivo, ou seja, uma explicação do porquê, ou em que circunstâncias a bibliografia foi ou está sendo elaborada;
- b) seu alcance, explicando a abrangência temporal e geográfica;
- c) o tipo de material que inclui;
- d) seu arranjo (alfabético, sistemático, cronológico, geográfico, etc.);
- e) o tipo de informação que fornece para cada documento (referência, resumo, comentário crítico, *url* ou biblioteca onde possa ser localizado, etc.);
- f) os critérios para inclusão do material.

2.5 TIPOS DE BIBLIOGRAFIA

Os diversos termos específicos usados para qualificar uma **bibliografia** revelam a diversidade de formas em que elas podem se apresentar. Algumas delas são:

- a) **analítica, anotada, crítica ou avaliativa:** uma bibliografia analítica (Ex.: *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*), ou anotada (Ex.: *Homossexualidade no Brasil: uma bibliografia anotada*) inclui, além dos elementos descritivos dos documentos, comentários/resumos sobre eles. A bibliografia crítica ou avaliativa (Ex. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*) vai além, pois os comentários fazem a apreciação sobre a importância ou valor do documento;



- 
- b) **sinalética ou enumerativa:** a bibliografia chamada de sinalética ou enumerativa, ao contrário, inclui apenas as referências dos documentos. Como exemplo, há *Fontes de informação em biblioteca escolar: guia bibliográfico*, organizada por Cláudio Marcondes de Castro Filho e Larissa Bernardes Campos, que é também um exemplo de bibliografia que indica a localização do documento, ou seja, em que biblioteca ele se encontra;
- c) **seletiva:** uma bibliografia seletiva, como por exemplo, *Leituras de direito internacional: bibliografia seletiva*, como o próprio nome diz, inclui apenas documentos selecionados com base em critérios estabelecidos pelo autor, e não a totalidade de documentos sobre o tema;
- d) **exaustiva:** já a bibliografia exaustiva busca incluir a totalidade dos documentos sobre um tema. É claro que nesse caso são temas bem restritos. Um exemplo é a *Bibliografia completa de Henrique Cláudio de Almeida Vaz*, conhecido como *Padre Vaz*, jesuíta brasileiro falecido em 2002, disponibilizada no site <jesuitasbrasil.com>⁵;
- e) **corrente:** a bibliografia corrente é disponibilizada em intervalos regulares: mensal, semestral, etc., em um processo de atualização contínua. Outra possibilidade de atualização é a inclusão dos documentos na bibliografia à medida que são publicados. Essa atualização ágil só é possível quando a bibliografia está automatizada. É o caso da *Bibliografia Nacional Portuguesa*, atualizada diariamente para incluir as publicações recebidas por meio do depósito legal. A tecnologia facilita, assim, o que se pode chamar de **bibliografia aberta**, inacabada, exemplificada pelo projeto bibliográfico da *Cátedra Internacional José Saramago*, denominado **bibliografia ativa** que, além de informações sobre os livros do escritor e de suas traduções, visa reunir a totalidade dos textos críticos sobre a figura e a obra do *Prêmio Nobel de Literatura de 1998*. No site do projeto informa-se que “A bibliografia encontra-se em construção e, por enquanto, está ainda incompleta”;
- f) **retrospectiva:** já a bibliografia retrospectiva relaciona textos de determinado período, compondo o que se pode chamar de uma **bibliografia fechada**. Exemplo disso é o livro *Arte brasileira, publicações de 1943-1953: bibliografia comentada com índice remissivo*, publicado em 1955;
- g) **especial:** a chamada bibliografia especial pode ser entendida como aquela produzida em determinada circunstância, como exemplificada pela *Violência contra a mulher: bibliografias selecionadas*, produzida pela *Secretaria de Documentação do Superior Tribunal de Justiça*, por ocasião dos 10 anos da promulgação da *Lei Maria da Penha*;
- h) **especializada, temática ou de assunto:** a bibliografia especializada se caracteriza por abordar um assunto específico. É o tipo mais comum de bibliografia, podendo abordar um assunto amplo, como o faz a *Bibliografia Brasileira de Odontologia*, até um tema bem restrito como a *Bibliografia de Plantas Medicinais*, de Tânia Maura Nora Ricciari;

⁵ PORTAL Jesuítas Brasil. **Bibliografia**. Disponível em: <<http://www.padrevaz.com.br/index.php/bibliografia/bibliografia-completa/233-artigos-editoriais-verbetes-e-notas-bibliograficas>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.



Atenção

Na disciplina *Fontes de Informação II* você vai estudar os serviços de indexação e resumo, que é como são denominadas as bibliografias especializadas correntes.



- i) **geral:** a bibliografia geral é aquela que aborda todos os assuntos e é representada principalmente pelas *Bibliografias Nacionais*, grandes repertórios que pretendem incluir a produção bibliográfica de um país, geralmente recolhida pela biblioteca nacional por meio do depósito legal;
- j) **nacional:** vários países se preocupam em produzir sua bibliografia nacional, apesar de ser esta uma tarefa cada dia mais difícil, especialmente para países que contam com poucos recursos para projetos culturais. O Chile, entretanto, tem mantido a *Bibliografía Chilena on-line*, que permite o acesso à produção bibliográfica do país;



Multimídia

Para entender os problemas de produção da bibliografia nacional brasileira, desde o seu início em 1918, quando foi criada com o título de *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional*, leia o artigo *A Bibliografia Nacional Brasileira: histórico, reflexões e inflexões*. Para isso, basta acessar o link a seguir: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769/116240>>. ⁶

- k) **universal:** a bibliografia universal pode ser entendida como uma bibliografia que pretende abranger todo o conhecimento produzido no mundo, tarefa impossível, mesmo em 1545, quando Conrad Gesner produziu a *Bibliotheca universalis*. Observe que Gesner usou a palavra *bibliotheca* com o significado de bibliografia, como também o fez Diogo Barbosa Machado, bibliógrafo português que compilou a *Bibliotheca Lusitana*, publicada entre 1741 e 1758. Atualmente, o termo com esse significado não é praticamente usado;

⁶ JUVÊNCIO, C. H.; RODRIGUES, G. M. A Bibliografia Nacional Brasileira: histórico, reflexões e inflexões. **INCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 7, p. 165-182, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769/116240>>. Acesso em: 26 de junho de 2017.



Multimídia

Para conhecer um exemplar da *Bibliotheca universalis*, assista a um pequeno vídeo feito na *Universidade de Iowa* (Estados Unidos), que possui na sua coleção de obras raras um exemplar da obra, publicado em 1583 (o vídeo é em inglês): <<https://www.youtube.com/watch?v=Kj-qL1xAuFo>>. ⁷

No final do século XIX, o ideal da bibliografia universal se manifestou no *Repertório bibliográfico universal*, que começou a ser organizado por *Paul Otlet* e *Henri La Fontaine*, em Bruxelas. O projeto de *Otlet* e *La Fontaine* foi uma iniciativa muito além de uma bibliografia.



Multimídia

Para ter uma idéia do que foi o trabalho bibliográfico empreendido por *Otlet* e *La Fontaine* no *Instituto Internacional de Bibliografia*, em Bruxelas, Bélgica, assista ao vídeo *Présentation du Répertoire bibliographique universel* (o vídeo é mudo, e as legendas são em francês): <<https://www.youtube.com/watch?v=3MiUsHQumrU>>. ⁸

Atualmente, o ideal da bibliografia universal é representado pelo conceito de controle bibliográfico universal;

- l) **internacional:** o termo bibliografia internacional é usado para indicar a abrangência de bibliografias especializadas, que se propõem a incluir material de variadas procedências geográficas e em diferentes idiomas. Exemplo disso é a *Biblioteca digital: bibliografia internacional anotada*;
- m) **sistemática, metódica, classificada, cronológica:** essas categorias de bibliografias dizem respeito ao seu arranjo, isto é, à maneira como as referências são organizadas. Os três primeiros tipos (sistemática, metódica, classificada) são bibliografias arranjadas de acordo com determinado sistema de classificação. É o caso da *Brasil: obras de referência 1999-2013*, de *Ann Hartness*, arranjada por grandes assuntos – definidos pela autora – e subdivididos por tipo de documento, unidade geográfica ou assuntos mais específicos. Exemplo de bibliografia organizada

⁷ YOUTUBE. **Conrad Gesner, Bibliotheca Universalis (1583)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kj-qL1xAuFo>>. Acesso em: 3 de julho de 2017.

⁸ YOUTUBE. **Présentation du Répertoire bibliographique universel**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3MiUsHQumrU>>. Acesso em: 30 de junho de 2017.

cronologicamente é a *Bibliografia Machadiana: 1959-2003*, que referencia trabalhos sobre *Machado de Assis*, separados por ano. O acesso por autor é feito por meio do índice onomástico no final da bibliografia;

- n) **biobibliografia:** são repertórios que incluem informações sobre a vida de uma pessoa, além de suas obras. Exemplo é *Paulo Freire: uma biobibliografia*, organizada por *Moacir Gadotti* e a *Biobibliografia de Anísio Teixeira*, publicada pelo *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)*, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. A apresentação das características das bibliografias conforme feita acima serve apenas para chamar atenção para a variedade de formas em que elas podem se apresentar e não para estabelecer uma tipologia rígida. É bom observar que a tecnologia trouxe modificações na produção de bibliografias (elas passaram a ser entendidas como base de dados) e que, muitas vezes, a versão eletrônica de uma antiga bibliografia impressa, recebe um título diferente. Por exemplo, o *Engineering index*, bibliografia sobre engenharia que teve início em 1884, é conhecida hoje como *Compendex*.



2.6 LOCALIZAÇÃO DE FONTES NA INTERNET

As bibliografias foram, portanto, bastante úteis para auxiliar na localização de informações no universo do impresso, e continuam necessárias no ambiente virtual, funcionando como instrumentos estruturantes no processo de recuperação de informação, em razão da clareza de seus objetivos e dos critérios de seleção dos documentos que incluem. Nesse sentido, pode-se ver a bibliografia como um mecanismo de mediação entre o usuário e a informação, já que o material ali incluído representa uma filtragem, geralmente feita por especialistas.

Já na *internet*, a lógica da localização de informações é diferente. A natureza da *web* encoraja a independência do usuário, eliminando a necessidade de mediação proporcionada pelas bibliografias. Aqui o usuário "navega" ou "surfa" – verbos que caracterizam bem as práticas de utilização da *internet* – localizando ele próprio o que deseja ver/ler. Mas, o desenvolvimento de instrumentos sofisticados permite atualmente uma busca mais estruturada. Há diversos mecanismos de busca (também conhecidos como "motores de busca" – em inglês, *search engine* –, ou simplesmente "buscadores") à disposição dos usuários.



Curiosidade

No primeiro volume de sua obra *Diccionario bibliographico brasileiro*⁹, dedicada ao Imperador Dom Pedro II, o bibliógrafo, Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, faz uma introdução (p. v – xxiii) onde descreve as dificuldades que encontrou em todo o processo de elaboração da bibliografia, desde a identificação do material até a publicação. O texto, em português arcaico, revela as agruras do trabalho bibliográfico realizado por um indivíduo no final do século XIX, mas esclarece com precisão os aspectos que devem ser levados em consideração na apresentação de uma bibliografia: seu objetivo, abrangência temporal e geográfica, tipo de material que inclui, arranjo, tipo de informação que fornece para cada documento e os critérios de inclusão. Leia, você vai gostar.



2.6.1 Atividade

A introdução de qualquer bibliografia deve servir para revelar o seu conteúdo e suas condições de produção, dando ao usuário clareza sobre o que ela pode oferecer como fonte de informação.

Estude os textos introdutórios da *Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes* e da *Bibliografia sobre financiamento da educação no Brasil* e verifique se eles apresentam com clareza os aspectos acima citados, e outros que esclareçam as peculiaridades da obra. Para orientar sua tarefa você pode fazer as seguintes perguntas:

- O objetivo da bibliografia está claro? Com que finalidade ela foi elaborada?
- Qual a sua abrangência temporal: que período de tempo abarca?
- Qual a abrangência geográfica? O material só foi publicado no Brasil? Só em português?
- Que tipo de material inclui? Livros, artigos, trabalhos acadêmicos, outros?
- Há explicação sobre o arranjo (alfabético, sistemático, cronológico, geográfico, etc.)? E sobre a existência de índices que forneçam outros pontos de acesso?
- Há explicação sobre que tipo de informação fornece para cada documento incluído?
- Que critérios foram usados para a inclusão do material?

⁹ BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario bibliographico brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681>>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

Você pode organizar os dados em um quadro, conforme exemplificado abaixo. O primeiro item (Objetivo) está preenchido. Preencha os outros e veja como esse recurso facilitará sua análise.

Aspectos a serem observados	<i>Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes</i>	<i>Bibliografia sobre financiamento da educação no Brasil</i>
Objetivo	O objetivo não está claro. Parece que a bibliografia foi elaborada para comemorar o centenário de Carlos Gomes	O objetivo está claro no texto. “Um dos objetivos do trabalho foi reunir o maior número possível de informações bibliográficas num único documento, de modo a facilitar a pesquisa aos interessados, que quase sempre se deparam com a dispersão das informações, um dos maiores obstáculos à pesquisa no Brasil.”
Abrangência temporal		
Abrangência geográfica		
Tipo de material incluído		
Arranjo		
Crítérios de seleção		



O quadro é apenas uma parte do trabalho e servirá para organizar suas ideias, a fim de fazer a análise crítica dos textos introdutórios. Apresente sua análise comparativa em um texto claro de uma página.

A *Bibliografia brasileira de Antônio Carlos Gomes* está disponível em <<https://ufpadoispontozero.wordpress.com/2014/08/12/bibliografia-brasileira-de-antonio-carlos-gomes/>>, e a *Bibliografia sobre financiamento da Educação no Brasil*, em <<http://www.rede-financiamento.ufpr.br/antigo/nic02.pdf>>.

Resposta comentada

Lembre-se de que você não vai estudar as bibliografias propriamente ditas, mas a qualidade dos seus textos introdutórios. Em ambas as bibliografias analisadas, os aspectos que você procura podem não estar presentes, ou estarão pouco claros ao longo do texto. Comparando, você vai perceber a diferença entre a quantidade e a qualidade de informações que cada uma oferece para esclarecer seu conteúdo e apoiar sua utilização. Sua tarefa é fazer um comentário crítico sobre a qualidade dos textos introdutórios, isto é, se eles explicam com clareza o que as bibliografias podem oferecer como fonte de informação. Então você estará preparado para fazer um bom trabalho quando for preparar bibliografias para seus usuários.

2.7 O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NA ELABORAÇÃO DE BIBLIOGRAFIAS

Até aqui você viu a utilidade da bibliografia como instrumento para identificar e localizar materiais, possibilitando ao bibliotecário ampliar as possibilidades de atendimento às necessidades do usuário. Mas o bibliotecário deve também se colocar na posição de elaborador de tais fontes. Na verdade, alguns desses profissionais se destacaram, longo tempo atrás, em seu trabalho como elaboradores de bibliografias e foram reconhecidos pela comunidade a que serviram.

Poderíamos, por exemplo, citar a bibliotecária *Dolores Iglesias*, que faleceu em 1984. *Dolores* foi chefe da biblioteca do *Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)* durante 35 anos, de 1930 a 1965. Enquanto bibliotecária dessa instituição, *Dolores* foi a responsável pela elaboração da *Bibliografia e Índice da Geologia do Brasil*, juntamente com *Maria de Lourdes Meneghezzi*. Na homenagem prestada a *Dolores* pela *Revista Brasileira de Geociências*, pode-se perceber a importância do trabalho desta bibliotecária exemplar. Descrevendo resumidamente a carreira de *Dolores* no DNPM, os editores enfatizam sua função de bibliógrafa:

Dando início a uma preciosa fonte de informações sobre a geologia brasileira, Dolores recebeu em 1938 a incumbência de completar e atualizar a bibliografia geológica e mineralógica que havia sido publicada em 1928 pelo antigo Serviço Geológico e Mineralógico. Concluiu essa tarefa em 1943, em coautoria com Maria de Lourdes Meneghezzi, reunindo trabalhos publicados de 1641 até 1940. A publicação, intitulada “Bibliografia e Índice da Geologia do Brasil”, foi a sétima de uma seqüência de bibliografias, com periodicidade de dois anos, e um volume decenal cumulativo. São obras de referência, cuja importância para o avanço do conhecimento geológico no país foi reconhecida pelo DNPM, que durante mais de meio século tem dado constante apoio à edição de suas sucessivas fases. A coleção marca hoje presença obrigatória nas estantes das nossas bibliotecas de geociências e constitui fonte de permanente consulta (SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA, 1984, p. 2).¹⁰

Outra bibliotecária reconhecida pelo seu trabalho bibliográfico foi *Luiza Keffer*, chefe da *Biblioteca do Departamento de Profilaxia da Lepra*, de São Paulo, responsável pela elaboração do *Índice Bibliográfico de Lepra: 1500-1943*, em três volumes, obra reconhecida pela comunidade científica da área como de consulta obrigatória para todos os estudiosos da leprologia.

¹⁰ SOCIEDADE BRASILEIRA DE GEOLOGIA. In Memoriam. *Revista Brasileira de Geociências*, v. 14, p. 2, 1984. Disponível em: <<http://bjg.siteoficial.ws/1984/n1/inmemorian.pdf>>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.



Multimídia

Leia a ata em que a *Sociedade Paulista de Leprologia* homenageia *Luiza Keffer*, concedendo-lhe o título de Sócia Benemérita e descrevendo a carreira desta bibliotecária, que é um modelo a ser seguido.

Disponível em: <<http://hansen.bvs.ilsl.br/textoc/revistas/braslepro/1962/PDF/v30n1-2/v30n1-2splepro.pdf>>. ¹¹



Atualmente repertórios bibliográficos, na forma de bases de dados, são produzidos de forma institucional por algumas bibliotecas, oferecendo contribuição inestimável para o acesso organizado a informações dispersas. Exemplo disso são as bases PERI e *Literatura Brasileira em Biblioteca Escolar* (LIBES), ambas produzidas pela *Biblioteca Etelvina Lima*, da *Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG).



Multimídia

A base PERI está disponível em <<http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>>, e a LIBES, em <<http://libes.eci.ufmg.br/>>.

Outro tipo de produção que deve ser assumida pelo bibliotecário são guias que ajudam o usuário novato a conhecer de forma ampla a literatura de determinada área. Em bibliotecas universitárias esses guias auxiliam, por exemplo, os calouros, a se familiarizarem com as fontes de informação de sua área, apresentando uma gama de recursos informacionais e funcionando como um roteiro para seus estudos e pesquisas.



Multimídia

A *Biblioteca Albert B. Alkek*, da *Universidade Estadual do Texas*, disponibiliza uma lista de mais de cem desses *research guides*, que estão disponíveis em: <<http://guides.library.txstate.edu/research>>.

¹¹ BARROS, J. M. de. Sociedade Paulista de Leprologia. Ata da Assembleia Geral Ordinária realizada em 12 de fevereiro de 1962. **Revista Brasileira de Leprologia**. Disponível em: <<http://hansen.bvs.ilsl.br/textoc/revistas/braslepro/1962/PDF/v30n1-2/v30n1-2splepro.pdf>>. Acesso em: 24 de outubro de 2017.

2.8 CONCLUSÃO

Em um universo de informações abundantes, há necessidade de instrumentos organizadores que ajudem a encontrar fontes numa perspectiva seletiva. As bibliografias cumprem esse papel há muito tempo e, embora a etimologia da palavra **bibliografia** remeta ao livro impresso, ela ainda nomeia de forma significativa os instrumentos para localização de informações. Na verdade, o termo **bibliografia** na *internet* se refere à organização da informação, no caso, os conteúdos disponíveis, por exemplo, em sítios, páginas *web*, documentos em formatos diversos (em PDF, por exemplo), vídeos, fotografias, etc.

O bibliotecário usa e produz esses instrumentos, colaborando para a organização da informação e aperfeiçoando as possibilidades de acesso a materiais dispersos.

RESUMO

O conceito de bibliografia como instrumento que possibilita a identificação de materiais e, em alguns casos, a sua localização é importante para o bibliotecário, que precisa desses mecanismos organizadores para orientar sua prática de mediador entre o universo informacional e o usuário, mesmo com as mudanças nas maneiras de localizar informações trazidas pela *internet*.

As fontes bibliográficas se apresentam de variadas formas e, nas introduções dessas fontes, é possível verificar o escopo, a abrangência e os critérios que orientaram a seleção dos materiais incluídos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade você vai estudar uma fonte que a maioria das pessoas conhece e que provavelmente você já utilizou tanto na escola quanto em casa: o dicionário.

UNIDADE 3

DICIONÁRIO – O “PAI DOS BURROS”?

3.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar as diferentes funções e os diversos usos do dicionário como fonte de informação.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

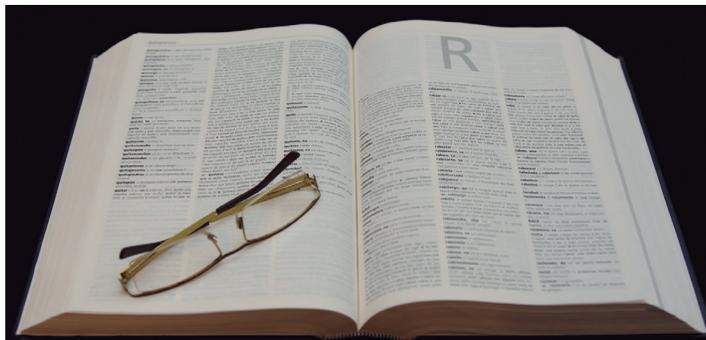
Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) compreender os diferentes tipos de dicionários e suas funções;
 - b) saber distinguir as informações que os dicionários oferecem;
 - c) conhecer critérios para seleção de dicionários;
 - d) saber utilizar e ensinar a utilização de diferentes tipos de dicionários.
-



3.3 INTRODUÇÃO

Figura 3 – Dicionário



Fonte: Pixabay¹²

A expressão **pai dos burros** como “apelido” para o dicionário parece constituir uma troça, uma brincadeira que zomba da capacidade intelectual das pessoas que costumam consultá-lo e é usada, nesse sentido, pelo escritor *Humberto Werneck* no título da sua obra *O pai dos burros – Dicionário de lugares-comuns e frases feitas*.

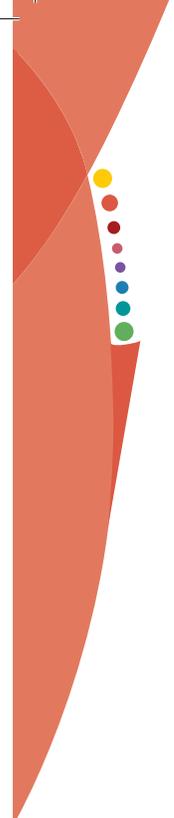
Embora a expressão denote o sentido figurado da palavra, algumas pessoas, como a professora *Albertina Ramos*, se apressam em resgatar o valor do dicionário. Ela diz: “chamar dicionário de ‘pai dos burros’? Nunca mais! Consultar dicionário é coisa de gente inteligente”.

Outros educadores lembram que o paradigma da “decoreba” foi superado e hoje o ensino valoriza o esforço para aprofundar um assunto, buscar novos significados, pesquisar mais detalhes, em suma, saber mais. Portanto, memorizar é tarefa delegada ao computador. E assim o dicionário ganha cada vez mais espaço na educação.

3.4 A ORIGEM DOS DICIONÁRIOS

Muitos estudiosos consideram que a origem do gênero dicionário remonta à Grécia Antiga, quando os copistas elaboravam *glosas* ou explicações para palavras do texto que consideravam difíceis. Era uma época em que o latim clássico estava sendo substituído pelo **latim vulgar**, isto é, quando houve uma grande expansão do uso da língua latina. Assim, as glosas eram necessárias para ajudar os leitores e sua prática continuou durante a Idade Média.

¹² Gabrielle RRI. **carta-r-dicionário-moldura-2351442**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/carta-r-dicionário-moldura-2351442/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.



A palavra glosa na sua origem significa **termo obscuro**, mas ao longo do tempo passou significar comentário ou explicação. No início, as glosas eram feitas nas margens ou entre as linhas do documento, mas depois passaram a ser colocadas no final do texto e organizadas em ordem alfabética, compondo o que se chama de glossário, que reúne palavras consideradas como de difícil entendimento para o leitor. Considera-se essa prática como a origem do processo de criação do dicionário, como a manifestação mais antiga da lexicografia, a ciência da produção de dicionários.

Embora a palavra glossário tenha um sentido próprio, designando a lista de palavras e expressões regionais, ou pouco usadas, que vêm em ordem alfabética ao final de um documento, ela é algumas vezes utilizada como sinônimo de dicionário e aparece em títulos de obras que são tipicamente dicionários, geralmente especializados. É o caso das obras a seguir que, embora sejam intituladas glossário, são dicionários especializados, isto é, apresentam definições de termos dentro da área que abrangem: *Glossário ilustrado de botânica*, *Glossário de ecologia*, *Glossário de biologia*, *Glossário de moda*, *Pequeno glossário ilustrado da cultura afro-brasileira*.

3.5 FUNÇÕES DOS DICIONÁRIOS

O dicionário é uma obra de referência, no sentido de que não é um livro para ser lido do princípio ao fim, mas para ser consultado em determinadas situações em que há uma necessidade de informação pontual:

- a) **função social:** a função pragmática do dicionário – ajudar na compreensão de vocábulos e termos – sempre foi clara desde sua origem e ainda hoje ele é mais conhecido como um repositório de palavras com seu respectivo significado. Entretanto, o dicionário tem uma função social, mais ampla, que precisa ser compreendida.

Reunindo de modo sistemático o léxico, isto é o conjunto das palavras criadas e utilizadas por uma comunidade linguística – um país, por exemplo – o dicionário, especialmente o chamado **dicionário de língua**, funciona como memória da língua, conferindo identidade linguística a essa comunidade, representando o processo de constituição do léxico e de certo consenso sobre o significado das palavras. Funciona também como um código que define os padrões de uso do idioma e que o legitima.

Assim, embora seja um gênero textual facilmente identificável e de aparente simplicidade, o dicionário não pode ser visto apenas como uma lista de palavras. Na perspectiva de sua função social, o dicionário deixa de ser visto como um instrumento inquestionável da “verdade linguística”, já que ele é resultado de um processo complexo que imprime marcas subjetivas na sua produção. Isso significa que as palavras incluídas em determinado dicionário não são

abstratas. Elas se relacionam a pessoas e comunidades, a situações em que essas pessoas e comunidades vivem, enfim, a condições sociais e históricas específicas, podendo até mudar de significado ao longo do tempo.

Isso leva à necessidade de se entender o dicionário como um **discurso sobre a língua**, isto é, em que as definições ali apresentadas não são neutras, mas elaboradas a partir de um lugar discursivo que pode não coincidir com o lugar do leitor. Essa é uma perspectiva que pode orientar o bibliotecário a ter um olhar mais crítico na seleção de dicionários;



Curiosidade

"MPF pede retirada de circulação do dicionário Houaiss: Para o órgão, a publicação contém definição preconceituosa para o verbete "Cigano"

POR O GLOBO

27/02/2012 18:36

BRASÍLIA – O Ministério Público Federal de Minas Gerais (MPF-MG) quer que o dicionário Houaiss seja retirado de circulação, e que a tiragem, venda e distribuição de novas edições sejam suspensas, caso seja mantida a definição para a palavra "cigano". Segundo o órgão, o verbete da edição atual contém "expressões pejorativas e preconceituosas" relativas a essa etnia.

– Ao se ler em um dicionário, por sinal extremamente bem-conceituado, que a nomenclatura cigana significa aquele que trapaceia, velhaco, entre outras coisas do gênero, ainda que se deixe expresso que é uma linguagem pejorativa, ou, ainda, que se trata de acepções carregadas de preconceito ou xenofobia, fica claro o caráter discriminatório assumido pela publicação – disse o procurador da República Cléber Eustáquio Neves".

A notícia acima exemplifica esse aspecto ideológico do dicionário. Leia a notícia completa em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mpf-pede-retirada-de-circulacao-do-dicionario-houaiss-4083015>>.

- b) **função pedagógica:** além da função pragmática e social, pode-se dizer que o dicionário tem também uma função pedagógica, que é observada quando as pessoas o utilizam especificamente para aprender. A variedade de dicionários designados como escolares reflete os diversos usos feitos para se atingir esse fim.



Explicativo

Tesouro

Quando se fala de dicionários, é necessário explicar o significado da palavra tesouro, já que, na lexicografia, ela tem um sentido diferente do que é dado na Biblioteconomia/Ciência da Informação.

Na lexicografia, a palavra tesouro (ou “*thesaurus*”) designa o chamado dicionário analógico, um tipo de dicionário que parte do conceito e não da palavra, permitindo encontrar palavras quando se conhece somente a ideia ou o conceito que elas representam. Nesse caso, o ponto de partida é o conceito, que leva à denominação ou às palavras que representam melhor esse conceito. Esse tipo de dicionário é útil na elaboração de textos, permitindo ao escritor encontrar um termo que lhe permita expressar uma ideia adequadamente, pois o conceito que conhece está agrupado em verbetes ligados a essa mesma ideia.

O mais famoso dicionário analógico é o *Thesaurus of English Words and Phrases: classified and arranged so as to facilitate the Expression of Ideas and assist in Literary Composition*, de Peter Mark Roget, publicado pela primeira vez em 1852, conhecido como *Thesaurus de Roget*. Em português, existe a obra do Padre Carlos Spitzer, *Dicionário analógico da língua portuguesa*, publicada em 1936 e reeditada várias vezes; e mais recentemente, o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo*, que teve sua segunda edição lançada em 2010.

A noção de *thesaurus* na ciência da informação

A disciplina *Instrumentos de Representação Temática da Informação* apresenta tesouro não como um dicionário, conforme estamos estudando nesta unidade, mas como um mecanismo de apoio aos processos de indexação e recuperação da informação, um vocabulário controlado. Além de trabalhar com essa concepção de tesouro, a referida disciplina aborda vários desses instrumentos. Alguns exemplos são *Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação*, *Thesaurus Brasileiro da Educação*, dentre outros.

3.6 TIPOS DE DICIONÁRIOS

Tendo em vista a variedade de dicionários que são produzidos em função das necessidades e possibilidades de uso da língua há concordância de que é impossível elaborar uma tipologia completa dessas fontes. Assim, acredita-se que é mais importante para o bibliotecário conhecer as necessidades dos usuários e as finalidades dos diversos dicionários dis-

poníveis – o que possibilita a escolha daqueles que possam atender às demandas – do que se preocupar com tipologias.

A seguir apresentam-se os tipos mais conhecidos de dicionários, sem se prender a uma tipologia rígida:

- a) **dicionário de língua:** o chamado dicionário de língua é considerado o protótipo de dicionário, uma espécie de dicionário padrão, também chamado de dicionário **monolíngue, unilíngue**, geral e, às vezes, **clássico**.

O dicionário de língua mais conhecido no Brasil é o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (Editora Positivo), conhecido como *Dicionário Aurélio*, ou simplesmente *Aurélio* que, juntamente com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Editora Objetiva), o *Michaelis Dicionário brasileiro da língua portuguesa* (Editora Melhoramentos) e o *Aulete digital* (Lexikon Editora Digital), constituem os dicionários mais abrangentes do português no Brasil.

O dicionário de língua reúne o conjunto das palavras e expressões de uma língua e apresenta geralmente sua etimologia (origem da palavra), definição, sinônimos e informações fonéticas, gramaticais, sintáticas. Esse tipo de dicionário tem uma dupla orientação: **enciclopédica**, quando dá para cada palavra informações sobre as coisas que ela designa; e **linguística**, quando oferece informações sobre o **vocabulo** propriamente dito. Assim, quando se consulta a palavra **laranja** num dicionário, encontram-se informações tanto relativas à **coisa** (fruta), tais como classificação botânica, usos culinários, região de origem, etc. quanto ao **vocabulo**, isto, é a etimologia, classe gramatical e os usos. Os dicionários de língua costumam também indicar os diferentes contextos em que a palavra é usada (formal, informal, escrito, oral, científico, etc.), reforçando o seu uso real e atendendo melhor às necessidades dos consulentes.

Por exemplo, o *Dicionário Priberam da língua portuguesa* apresenta o seguinte significado informal para a palavra laranja: “pessoa simples ou ingênuo; pessoa usada como intermediária em fraude e negócios suspeitos, testa de ferro”. Os dicionários de língua costumam utilizar as chamadas **abonações**, que constituem exemplos de como as palavras são empregadas. Para isso os dicionaristas recorrem a citações de trechos literários de escritores, os quais eles consideram que representam o “melhor uso” da língua; ou a frases inventadas por eles próprios, com base em suas experiências e competências linguísticas. As abonações, portanto, servem para reforçar o entendimento de como a palavra é utilizada em um contexto real e aparecem logo após a definição, diferenciadas tipograficamente (entre aspas, em itálico ou negrito).

Por exemplo, no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*, uma das definições do verbo insinuar é: “introduzir-se sutilmente, com habilidade e dissimulação”. E a seguinte abonação é apresentada: “insinuando-se jeitosamente pelas casas, esquadrinhando todos os recantos do arraial” (Euclides da Cunha);

- b) **dicionário de usos:** o dicionário de usos se caracteriza por registrar o uso efetivo do idioma, revelando como a língua está sendo usada nos textos produzidos em determinado período e local. Inclui, portanto, apenas palavras que estão em circulação num dado



momento, informando sobre as construções gramaticais preferidas naquele período. Não inclui palavras já em desuso, nem tampouco aquelas que não são utilizadas na prática, durante o período de tempo delimitado pelo dicionário.

É claro que esse tipo de dicionário tem número reduzido de verbetes, se comparado ao dicionário de língua. O aparecimento dos dicionários de uso representa, para alguns autores, uma tendência na lexicografia de não privilegiar o “melhor” da língua, ou a língua “correta”, ou o padrão modelar do idioma, mas de levar em conta o funcionamento, isto é, a utilização recorrente das palavras, suas formas e sentidos, conforme elas são utilizadas pela comunidade linguística. Assim, os dicionários de uso registram a língua “real”, reforçando o parâmetro do uso como critério para a elaboração de dicionários na atualidade. Exemplos são o *Dicionário de usos do português do Brasil* e o *Dicionário Unesp do português contemporâneo*, ambos de autoria de *Francisco da Silva Borba*;

- c) **dicionário especial:** os dicionários especiais apresentam informações específicas sobre os vocábulos, isto é, sobre alguma parcela ou característica da língua. São os dicionários de verbos e regimes, sinônimos, antônimos, neologismos, regionalismos, morfologia, etimologia, fonética, de expressões idiomáticas, de coletivos, de gírias e muitos outros. Essa característica geralmente é indicada no título. Veja alguns exemplos: *Dicionário de expressões idiomáticas*, *Dicionário de verbos e regimes*, *Dicionário prático de regência verbal*, *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*;
- d) **dicionário especializado:** os dicionários especializados são também chamados de **técnicos**, **temáticos** ou **de assunto** e definem termos no âmbito de uma área de assunto, geralmente delimitada no título, como por exemplo: *Dicionário de economia do século XXI*, *Dicionário do folclore brasileiro*, *Dicionário jurídico universitário*.

A linguagem dos especialistas costuma ser de difícil compreensão para quem não faz parte do meio onde é falada. Assim, os dicionários especializados visam especificamente familiarizar os novatos, ou aqueles que ainda se encontram em um período de formação, com a terminologia da área. A terminologia de um campo do conhecimento é construída ao longo do tempo e surge da necessidade que os especialistas têm de expressar com precisão determinadas ideias no âmbito daquele campo.

Assim, outra função do dicionário especializado é dar consistência ao aparato linguístico da área, corroborando termos e esclarecendo suas particularidades, funcionando como um instrumento de consolidação e sistematização do conhecimento. Os dicionários especializados incluem termos técnicos que podem não estar presentes em dicionários gerais, e costumam apresentar definições mais detalhadas desses termos;

- e) **dicionário bilíngue:** os dicionários bilíngues têm o objetivo de informar como se diz uma palavra da língua materna em determinada língua estrangeira e/ou vice-versa. O primeiro processo é chamado de tradução e o segundo de versão. Em outras palavras, os dicionários bilíngues funcionam como apoio à **codificação** e à **decodificação**. **Codificar** é buscar a correspondência, por exemplo, de um termo em português para um termo em inglês. E **de-**

codificar é o oposto: conhecendo-se o termo em inglês, buscar o correspondente em português.

Uma variedade desses dicionários está disponível no mercado, buscando atender a diferentes necessidades. Alguns dos dicionários bilíngues para o português mais conhecidos são: *Michaelis moderno dicionário-inglês-português-português-inglês*, *Oxford pocket dicionário bilíngue para brasileiros*, *Longman dicionário escolar-inglês-português-português-inglês*, *Dicionário Larousse-espanhol-português-português-espanhol*.

Existem também dicionários **plurilíngues** ou **multilíngues** – chamados de dicionários **políglotas** – que fazem a tradução de determinado vocábulo para três ou mais línguas. O dicionário multilíngue tende a ser **especializado**, isto é, inclui palavras de determinada área do conhecimento; ou **especial**, oferecendo informações específicas sobre alguma característica da língua. Alguns exemplos: *Dicionário multilíngue (ReadersDigest)*; *Dicionário verbo multilíngue de economia, gestão e comércio*; *Dicionário multilíngue de futebol (Jerome Goursau)*; *Dicionário multilíngue de regência verbal (Disal Editora)*;

- f) **dicionário semibilíngue**: as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas ultimamente sobre o uso de dicionários por aprendizes de línguas estrangeiras levaram ao aparecimento do dicionário **semibilíngue**. Elaborado especialmente para aprendizagem de línguas estrangeiras, é chamado de dicionário **bilíngue pedagógico**, *password* ou **biligualizado**.

No dicionário semibilíngue, os significados das palavras são descritos tanto por meio de uma definição, que é um elemento típico do dicionário monolíngue, quanto por meio de equivalentes na outra língua, que é um elemento típico do dicionário bilíngue, razão pela qual esse tipo de dicionário também pode ser chamado de híbrido. Exemplo de entrada do Cambridge Dictionary English-Portuguese para a palavra “eye”:

A1. *one of the twoorgans in your face that you use to see with*

Olho

- *Sara has black hair and brown eyes.*
- *She closed her eyes and fell asleep.*¹³

Atualmente, a maioria dos dicionários bilíngues para aprendizes, inclusive os semibilíngues, contempla somente a direção língua estrangeira → língua materna, priorizando, conseqüentemente, a função de decodificar. O primeiro dicionário semibilíngue surgiu em 1986, *quando Lionel Kernerman*, um editor israelense, resolveu combinar as vantagens dos dicionários bilíngues e dos dicionários monolíngues, lançando uma versão em hebraico do *Oxford Student's Dictionary of Current English*, de *Albert Sydney Hornby*.

O novo dicionário manteve todo o conteúdo monolíngue do original, acrescentando a tradução dos verbetes para o hebraico. Para o português há alguns dicionários semibilíngues. Veja exemplos: *Password: english dictionary for speakers of portuguese*; *Wahrig alemão: dicionário semibilíngue para brasileiros*; *Palavra-chave*:

¹³ Mariana Caser



Parâmetros Curriculares Nacionais

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* constituem diretrizes do governo federal, destinadas a subsidiar a elaboração e reformulação de currículos das escolas brasileiras, nos diferentes níveis do ensino básico.

dicionário semibilíngue para brasileiros: francês, todos da editora Martins Fontes.

O dicionário semibilíngue é considerado um avanço no campo da lexicografia, representando um novo conceito lexicográfico e possivelmente virá a substituir o dicionário bilíngue tradicional no futuro;

dicionários escolares: os chamados dicionários escolares têm função pedagógica clara, com proposta de uso em situações de aprendizagem, na escola ou em casa, na realização de tarefas escolares. De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a aquisição do domínio da linguagem é o principal objetivo do ensino de língua portuguesa na escola. Esse domínio significa mais do que saber falar e escrever; é saber usar a linguagem para ter participação efetiva no mundo letrado. Assim, entende-se que um bom dicionário, utilizado de forma correta pelo educador, pode contribuir para o maior domínio da língua pelo estudante.

As políticas públicas de distribuição de livros – *Plano Nacional do Livro Didático* (PNLD) e *Programa Nacional Biblioteca na Escola* (PNBE) – passaram então a incluir dicionários em seus editais, classificando-os em quatro tipos:

- a) **tipo 1:** para o 1º ano do ensino fundamental;
- b) **tipo 2:** 2º ao 5º ano do ensino fundamental,
- c) **tipo 3:** 6º ao 9º ano do ensino fundamental,
- d) **tipo 4:** 1º ao 3º ano do ensino médio.

A distribuição de dicionários pelo PNLD, que vem ocorrendo desde 2001, foi acompanhada de ações para garantir seu bom uso em sala de aula. Em 2012, o *Ministério da Educação* (MEC) disponibilizou o guia *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*, com o objetivo de familiarizar os professores com esse gênero e de apresentar atividades a serem desenvolvidas com os alunos.



Multimídia

O artigo *Com a palavra o consulente: a opinião dos alunos sobre os dicionários do PNLD*¹⁴ levanta algumas dificuldades que alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública encontram na consulta a dicionários distribuídos pelo PNLD. A leitura do artigo pode ajudar a entender a necessidade de mediação no uso dessas fontes. Para lê-lo na íntegra, acesse:

<www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/7014/4748>.

¹⁴ COLOMBO, S. R. Com a palavra o consulente: a opinião dos alunos sobre os dicionários do PNLD. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 36, n. 2, p. 223-232, jul/dez. 2014. Disponível em: <www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/download/7014/4748>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

- e) **dicionário eletrônico:** a informática tem tido grande impacto tanto na produção quanto no uso de dicionários. Com relação à produção, em primeiro lugar, a informática permite o armazenamento e a manipulação de grande quantidade de dados lexicográficos, ampliando, portanto, o próprio **tamanho** dos dicionários em suporte digital, os quais não estão submetidos às restrições de espaço daqueles editados em papel.

A **atualização**, aspecto problemático em dicionários impressos, também pode ser potencializada nos dicionários eletrônicos. Isso afeta positivamente os dicionários especializados em particular, tendo em vista o crescimento do número de termos técnicos que ocorre atualmente em decorrência do desenvolvimento científico e tecnológico.

Também os dicionários de uso, que privilegiam a “língua real”, são favorecidos pelas possibilidades trazidas pela tecnologia, já que podem incluir novos termos com mais agilidade, o que torna esses dicionários extremamente dinâmicos. As abonações também podem ser ampliadas, como acontece no *Dicionário Priberam da língua portuguesa*, que apresenta exemplos de usos das palavras em diferentes contextos: em textos noticiosos, em *blogs*, em redes sociais, como o *Twitter*. Um ponto crucial na produção de dicionários na atualidade, assim como ocorre com as enciclopédias, tem sido a questão da autoria, ou seja, a participação dos usuários na própria elaboração do dicionário.

Alguns dicionários *on-line* solicitam aos usuários sugestões de novos termos a serem incluídos e permitem que o consulente interaja com a página consultada, seja por meio de comentários sobre uma determinada definição ou mesmo da elaboração dessa definição. Embora essa prática já tenha ocorrido na época dos dicionários impressos, quando, no final do século XIX, o dicionarista *James Murray* elaborava a primeira edição do *Oxford English Dictionary* com a contribuição de usuários que enviavam sugestões, ela agora se torna mais comum.



Multimídia

Dicionário inFormal

Trata-se de um dicionário de português gratuito, disponível na *internet*, onde as palavras são definidas pelos usuários. Uma iniciativa de documentar *on-line* a evolução do português. Não deixe as palavras passarem em branco, participe definindo o seu português!

O Dicionário inFormal é do caralho! Ali não existem definições certas ou erradas, mas definições da vida real para o português.

O Dicionário inFormal é escrito por você! (Dicionário inFormal).

É assim que o *Dicionário inFormal* se define na sua página da *internet*. Ele é um exemplo de dicionário feito por usuários e pode ser categorizado como um dicionário de usos por registrar a utilização efetiva do idioma.

Veja no *link* a seguir a matéria que saiu no jornal *Folha de S. Paulo*¹⁵, em 02/10/2007 com o título *Dicionário faz sucesso com verbetes de gírias e palavras*, falando sobre o *Dicionário inFormal*: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2007/10/332802-dicionario-faz-sucesso-com-verbetes-de-girias-e-palavroes.shtml>>.

O formato digital permite que o produtor/editor/autor monitore o uso do dicionário, e aproveite as informações para aperfeiçoá-lo, como é feito pela editora *Merriam-Webster Inc.*, fundada em 1831, que publica diversos dicionários e outros produtos lexicográficos.

A tecnologia tem levado as tradicionais editoras de dicionários a se transformarem em redes de informação linguística, que oferecem serviços lexicográficos diversificados e integrados, como a *Lexikon Editora Digital*, produtora do *Dicionário Caldas Aulete*, publicado pela primeira vez no fim do século XIX, e que hoje produz o *Aulete digital*.

No que diz respeito ao uso, o impacto da informática é mais visível primeiramente na rapidez da consulta que os dicionários eletrônicos possibilitam. Nestes, já não há mais necessidade de se conhecer a ordem alfabética, pois o acesso é feito por um clique; não é preciso nem mesmo saber a grafia correta da palavra buscada, pois, em muitos sistemas, caso seja digitada com erro, a palavra é automaticamente corrigida.

A abundância de elementos multimídia e de recursos hipertextuais amplia as possibilidades de consulta aos dicionários eletrônicos, e a economia gerada pela virtualidade proporciona maior interação das palavras procuradas pelo consulente com outros gêneros textuais que circulam na *internet*. Outra possibilidade trazida pela tecnologia é a integração do dicionário a sistemas de aprendizagem de línguas por computador, trazendo inúmeras vantagens no processo.

Assim, pode-se dizer que a facilidade e rapidez de acesso, além da variedade de opções de busca, apontam para uma tendência de produção cada vez mais comum de dicionários dessa natureza. Por exemplo, o *Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa*, da *Editora Melhoramentos*, está disponível para consulta apenas em formato digital.

Vários dicionários eletrônicos são disponibilizados gratuitamente, o que amplia o acesso. Mas independentemente disso, o bibliotecário precisa conhecer a fundo esse material para garantir a qualidade do que oferece aos usuários e também para possibilitar que essas fontes sejam utilizadas de forma adequada, em todo o seu potencial.

¹⁵ FOLHA Online. **Dicionário faz sucesso com verbetes de gírias e palavras**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2007/10/332802-dicionario-faz-sucesso-com-verbetes-de-girias-e-palavroes.shtml>>. Acesso em: 26 de outubro de 2018.



3.6.1 Atividade

Escolha dois dicionários de tipos diferentes. Busque identificar no texto introdutório a finalidade ou tipo de cada um. Em seguida, examine com atenção as informações que apresentam para cada palavra ou verbete. Registre suas descobertas em um quadro que possibilite visualizar os recursos de cada dicionário consultado. Esta atividade vai revelar as possibilidades dos dicionários como fontes que ajudam a esclarecer dúvidas e a saciar a curiosidade dos usuários.



Resposta comentada

Esta atividade vai ajudá-lo a compreender diferentes tipos de dicionários e seus recursos. Você vai encontrar em cada dicionário uma variedade de tipos de informação e terá de recorrer aos textos introdutórios e examinar alguns verbetes para obter esclarecimentos sobre os recursos que oferecem. Para orientar sua tarefa, apresentamos como exemplo os recursos do *Dicionário Priberam da língua portuguesa*.

Dicionário A: (exemplo) <i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i> Tipo: dicionário de língua (português contemporâneo)	Dicionário B	Dicionário C
Grafia		
Divisão silábica		
Origem da palavra		
Classificação gramatical		
Definições		
Exemplos de uso		
Sinônimos e antônimos		
Plurais, femininos, superlativos, variantes		
Alterações previstas no Acordo Ortográfico de 1990		
Dúvidas linguísticas relacionadas		
Imagens		
Conjugação verbal		
Palavras relacionadas, vizinhas ou parecidas		
Equivalentes em inglês, francês e espanhol		
Palavra em notícias, em <i>blogs</i> e no <i>Twitter</i>		
Informação sobre as diferenças ortográficas e de uso entre o português europeu e o português do Brasil		
Possibilidade de escolher entre a variedade europeia ou a variedade brasileira do português		
Palavras mais pesquisadas do dia		
Permite sugerir inclusão de palavras		

3.7 AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Na escolha e avaliação de dicionários deve-se levar em conta, inicialmente, as necessidades do usuário, tanto em termos do uso a ser feito quanto do seu grau de escolaridade. A partir daí, é preciso observar aspectos específicos, que vão desde a autoridade do autor e da editora, passando pelo conteúdo (quantidade e qualidade das informações dos verbetes, presença de exemplos, ilustrações, etc.), até o aspecto físico, que envolve tamanho da letra, tipo de papel, uso de cores e legibilidade.

3.8 IDENTIFICAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Dicionários são fontes tradicionalmente publicadas por editoras comerciais, algumas delas especializadas na produção desse gênero textual. Assim, é necessário manter cadastros atualizados de editoras, acompanhando seus lançamentos e utilizando recursos que elas oferecem, como por exemplo, solicitando exemplares de amostra, visita de representantes para apresentação de novas edições, etc.

Para uma identificação seletiva, é necessário consultar bibliografias e manuais, como: *Brasil: obras de referência*, de Ann Hartness, e *Manual de fontes de informação*, de Murilo Bastos da Cunha.

3.9 CONCLUSÃO

Na perspectiva do senso comum, a palavra dicionário remete à ideia de um livro com muitas páginas que lista todas as palavras. Para os educadores, incluído aí o bibliotecário, os dicionários são instrumentos que apoiam o desenvolvimento de competências que preparam os indivíduos para o uso social da língua. A evolução da lexicografia e o consequente desenvolvimento de um mercado que oferece produtos que atendem demandas específicas dos usuários abrem para os bibliotecários possibilidades de desenvolver coleções e serviços de qualidade, no que diz respeito aos dicionários.

RESUMO

A origem do gênero dicionário remonta à Grécia Antiga e está ligada à necessidade de se esclarecer para os leitores o significado preciso das palavras. Desde então, variados tipos de dicionários surgiram para atender a diferentes funções: pragmática, social e pedagógica. Dicionários de língua, de usos, especiais, especializados, bilíngues, multilíngues, escolares são alguns dos tipos de dicionários que atendem a necessidades linguísticas específicas. A escolha de dicionários é orientada por critérios que ajudam na formação de boas coleções.



INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade, você vai aprender sobre outra fonte de informação tradicional e bem conhecida de pessoas que têm curiosidade em pesquisar e aprender: a enciclopédia.



UNIDADE 4

ENCICLOPÉDIA – ISTO AINDA EXISTE?

4.1 OBJETIVO GERAL

Entender a enciclopédia como fonte de informação e como ela se transformou ao longo do tempo.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) compreender as características da enciclopédia e seu papel como fonte de informação;
 - b) repensar a questão da autoria/autoridade na produção do conhecimento;
 - c) entender a posição da Wikipédia como um modelo da transformação sofrida pela enciclopédia em função das tecnologias digitais e das novas concepções de credibilidade da informação.
-



4.3 INTRODUÇÃO

Figura 4 – Enciclopédias



Fonte: Free Images¹⁶

“Morre Toninho Spessoto, ‘uma enciclopédia ambulante da música brasileira’”.¹⁷

Na notícia acima, divulgada no dia 10 de janeiro de 2011, no site 20th *Latin Grammy Awards*, o jornalista musical, crítico, apresentador de rádio, blogueiro e produtor *Toninho Spessoto* foi caracterizado como uma “enciclopédia ambulante”, pois sabia tudo sobre qualquer gênero da música brasileira.

É fácil entender por que algumas pessoas são comparadas a uma enciclopédia. A enciclopédia reúne – ou tenta reunir – a totalidade do conhecimento humano, adquirido ao longo dos séculos. Então, quando uma pessoa é chamada de “enciclopédia ambulante”, é porque ela domina muitos conhecimentos, como é o caso de *Toninho Spessoto*.



Curiosidade

Outro que foi chamado de “enciclopédia ambulante” foi Luiz da Câmara Cascudo, historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro. Uma reportagem na revista *Ciência Hoje das Crianças*, publicada em 03/02/2004, diz que “Luiz da Câmara Cascudo nunca deixou de estudar, e acabou se tornando uma enciclopédia ambulante”.

¹⁶ CHWOLA, Blaise. **bookshelf-collection-1415038**. Disponível em: <<https://www.freeimages.com/photo/bookshelf-collection-1415038>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

¹⁷ MORRE Toninho Spessoto, “uma enciclopédia ambulante da música brasileira”. 20th Latin Grammy Awards. [S. l.], 10 janeiro 2010. Disponível em: <https://www.latingrammy.com/pt/press-release/morre-toninho-spessoto-%E2%80%9Cuma-enciclop%C3%A9dia-ambulante-da-m%C3%BA-sica-brasileira%E2%80%9D>. Acesso em: set. 2016.



Com a pretensão de registrar o grande volume do conhecimento alcançado pela sociedade, a enciclopédia, na sua versão impressa, era comumente visualizada como uma obra em vários volumes, incluindo ilustrações, mapas, gráficos e outros recursos visuais. Essa foi a forma em que muitas gerações conheceram uma enciclopédia.

No âmbito da Biblioteconomia, a enciclopédia, assim como o dicionário, é considerada uma obra de referência, o que significa que é um livro feito para ser consultado esporadicamente, e não para ser lido do princípio ao fim. Assim, para facilitar a consulta, o texto da enciclopédia é apresentado em verbetes que, na versão impressa, são organizados em ordem alfabética.

Verbete é cada uma das palavras utilizadas como entrada da enciclopédia. Verbete é sinônimo de entrada. Essa terminologia é também usada nos dicionários.

4.4 O VERBETE COMO GÊNERO TEXTUAL

O verbete da enciclopédia tem sido estudado por pesquisadores da área de linguística como um gênero textual, mais especificamente como um gênero de divulgação da ciência, que visa a transmitir conceitos científicos de maneira relativamente simples e compreensível, descomplicando o jargão dos cientistas.



Multimídia

O artigo “O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola¹⁸” aprofunda a questão da popularização da ciência ao caracterizar outros gêneros discursivos da divulgação da ciência (verbetes, artigos, reportagens) e mostrar como o processo de apropriação desses gêneros se dá nas salas de unidade. Ele pode ser acessado no link a seguir. Boa leitura! Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/09.pdf>>.

¹⁸ ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v8n3/09.pdf>>. Acesso em: 7 de março de 2017.



Explicativo

Jargão

A palavra jargão significava originalmente qualquer fala ininteligível. Atualmente, designa a fala peculiar usada por diferentes grupos sociais ou profissionais. É um vocabulário específico, uma variedade de linguagem utilizada por diferentes subculturas, caracterizada pela diversidade e quantidade de termos técnicos e/ou gírias.

Assim, o jargão pode constituir obstáculo aos “de fora”, àqueles que não fazem parte do grupo. É um aspecto simbólico do jargão, cujo conhecimento é exigido, por exemplo, em grupos de jovens; o desconhecimento da fala específica do grupo pode levar determinado membro a um isolamento social ou psicológico.

Por serem considerados um discurso pedante, os jargões comumente recebem uma conceituação pejorativa, que se reflete na forma como são chamados: *economês*, *polítiquês*, *futebolês*, etc.

Essa perspectiva negativa do jargão deve-se a determinadas funções que ele exerce. A função de segredo pode ser percebida, por exemplo, no jargão de bandidos, que não é entendido pelas vítimas e, muitas vezes, pelos próprios policiais. Outra função do jargão é a **impostura**, o embuste ou a mistificação, isto é, a necessidade de enganar ou iludir, presente muitas vezes no discurso de políticos.

O lado positivo do jargão profissional é que o uso de termos técnicos, com significado preciso, possibilita a comunicação mais rápida e direta.

Assim, quem consulta uma enciclopédia é geralmente o não especialista no assunto, o iniciante, aquele que precisa da informação para aprender; o chamado “leigo” no assunto.

Na tentativa de ajudar o leitor a complementar o conhecimento – que está contido na ordem alfabética dos verbetes – as enciclopédias usam o recurso de remeter o leitor a outros verbetes. São as chamadas **remissivas** ou **remissões**, que permitem relacionar assuntos que foram dispersos de forma aleatória na ordem alfabética e que facilitam a exploração do conjunto textual. Nos textos digitais, as remissivas são chamadas de *linkagens*, neologismo originado da palavra em inglês *link*, que constituem o chamado hipertexto, uma estrutura que permite ao leitor “navegar” no texto. De certa maneira, a enciclopédia, mesmo na sua forma impressa é um hipertexto, uma forma interativa de leitura; todo tipo de remissiva (por exemplo, as notas de rodapé e os boxes) supõe a participação do leitor. São itinerários de navegação, colocados à disposição do leitor, que vai ou não utilizar essas possibilidades.



4.5 A MUDANÇA DO FORMATO DA ENCICLOPÉDIA

A enciclopédia foi transformada pela tecnologia eletrônica, e as tradicionais enciclopédias impressas se tornaram ultrapassadas, pelo menos para usuários que utilizam cotidianamente os meios virtuais e que têm acesso fácil à *internet*. A maioria das editoras que publica enciclopédias está incorporando os avanços tecnológicos e é cada vez maior o número de enciclopédias *on-line* disponíveis, com o desaparecimento das obras em papel.

Exemplo significativo dessa tendência foi o encerramento, em 2012, da edição impressa da conhecida *Encyclopaedia Britannica*, lançada em 1768 e publicada ininterruptamente em papel até 2010.



Multimídia

O portal G1 noticiou o fato: “Enciclopédia Britânica anuncia fim da edição impressa após 244 anos”¹⁹. Veja a matéria completa em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/enciclopedia-britanica-anuncia-fim-da-edicao-impressa-apos-244-anos.html>>.

A mudança para o formato digital foi acompanhada por uma ampliação de serviços da editora, que passou a oferecer outros produtos educacionais. Essa é uma tendência observada em outras editoras de enciclopédias que incorporaram as novas tecnologias e estão se transformando em empresas de informação.



Multimídia

A enciclopédia *Britannica* exemplifica bem essa tendência. Visitando o site da Britannica Digital Learning (<<http://www.britannica.com.br/>>), você pode verificar os produtos e serviços que ela oferece atualmente. Lá estão disponíveis guias do usuário e folhetos que explicam as características e finalidades de cada produto. Lendo esse material, você vai perceber a diferença entre a enciclopédia contemporânea digital e a enciclopédia impressa tradicional.

¹⁹ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/enciclopedia-britanica-anuncia-fim-da-edicao-impressa-apos-244-anos.html>

4.6 AUTORIA

Mas a maior revolução trazida pela tecnologia na produção das enciclopédias diz respeito à autoria. Durante muito tempo, os autores dos verbetes das enciclopédias eram especialistas de renome, considerados autoridades naquele assunto. Já o trabalho de coordenar a elaboração de uma enciclopédia como um todo, cabia ao editor, geralmente um intelectual conceituado, de grande visibilidade, escolhido a dedo pelas editoras, organizações responsáveis pela publicação.



Curiosidade

O jornalista, romancista, biógrafo e teatrólogo Antônio Callado, um nome de destaque no panorama cultural brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, foi o redator-chefe da primeira edição da enciclopédia *Barsa*.

4.7 A WIKIPÉDIA

Essa transformação da noção de autoria é exemplificada pela *Wikipédia*, que vamos estudar a seguir.

A *Wikipédia* é exemplo da chamada mídia participativa, e representa a maior inovação trazida pela *internet* no que diz respeito às fontes de informação. A *Wikipédia* oferece a possibilidade de que qualquer pessoa escreva os verbetes da enciclopédia e derruba uma tradição arraigada na cultura impressa, quando os autores eram os especialistas. Na *Wikipédia*, o coletivo produz os conteúdos, responsabilizando-se pela consistência e pertinência das informações a partir de colaborações individuais, num processo contínuo de acréscimo e atualização das informações.

As mídias participativas em geral – e a *Wikipédia* em particular – dividem a opinião dos educadores. Seus defensores argumentam que, num contexto em que o conhecimento muda rapidamente e no qual às vezes mesmo os especialistas são tendenciosos, a forma de elaboração da *Wikipédia* é mais flexível e se adapta às mudanças, além de refletir diferentes opiniões e pontos de vista, criando uma base de conhecimento mais ampla e mais rica.

Os críticos, por sua vez, põem em foco a questão da autoria, argumentando que desde a Modernidade, autoria tem a ver com autoridade; autor é não só o criador, mas aquele que dá consistência ao texto, que qualifica, valida e legitima a obra em função de sua autoridade sobre o

tema. A *Wikipédia* reverte essa noção de autoria quando abre a possibilidade de que qualquer pessoa crie conteúdos. Esse é, curiosamente, o ponto polêmico e contraditório da *Wikipédia*: a possibilidade de que todos possam alterar os conteúdos é o cerne do seu sucesso e, simultaneamente, a maior crítica de educadores.



Multimídia

O artigo “Enciclopédias na web 2.0: colaboração e moderação na *Wikipédia* e *Britannica Online*”²⁰ explica com clareza as diferenças entre as duas fontes no que diz respeito à maneira como elas gerenciam seus conteúdos. Conhecendo melhor esse processo, o bibliotecário terá mais segurança para orientar seus usuários na utilização da *Wikipédia*, já que a tendência é na utilização cada vez mais generalizada dessa fonte. Esse artigo encontra-se disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/9147>>.

Vale ressaltar também a importância de acompanhar a página da *Wikipédia* para se manter atualizado sobre as políticas que têm sido definidas para aprimorá-la.

Diversos estudos vêm sendo feitos para esclarecer o nível de confiabilidade das informações da *Wikipédia*. Um dos mais polêmicos (*Special Report: Internet Encyclopaedias Go Head to Head*) foi publicado pela revista *Nature* que comparou a *Wikipédia* com a *Britannica* e mostrou que, em matéria de erros, as duas não estão distantes. O estudo encontrou 162 erros na *Wikipédia* e 123 na *Britannica*, com média de quatro erros por verbete para a *Wikipédia* e de três para a *Britannica*.

4.8 USO DE ENCICLOPÉDIAS

As enciclopédias constituíram por muito tempo a fonte utilizada por estudantes para realizar a chamada “pesquisa escolar”, tarefa dada pelos professores quando queriam que seus alunos desenvolvessem um trabalho independente. Atualmente, apesar das críticas, a *Wikipédia* faz esse papel e encontra espaço cada vez maior na escola, tornando-se fonte de pesquisa em todos os níveis de ensino. Ao mesmo tempo, estudos sobre seu uso ajudam educadores a entender melhor suas características

²⁰ D’ANDRÉA, C. F. de B. Enciclopédias na web 2.0: colaboração e moderação na *Wikipédia* e *Britannica Online*. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 73-88, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/9147>>. Acesso em: 7 de março de 2017.

e possibilidades como instrumento de aprendizagem, focalizando principalmente a questão da confiabilidade de suas informações.

A pesquisa *Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar* buscou apreender a percepção sobre o uso e a aceitação da *Wikipédia* por estudantes e professores do ensino superior. Os motivos para o uso da *Wikipédia* pelos alunos eram principalmente pragmáticos: facilidade de pesquisa, facilidade de acesso e economia de tempo. A maioria já havia usado a *Wikipédia* como fonte de pesquisa, entretanto, não costumava citá-la em seus trabalhos acadêmicos, revelando certo desconforto com a fonte. De acordo com os alunos, os professores pouco indicavam a *Wikipédia* como bibliografia, mas aceitavam que eles a usassem em seus trabalhos, situação confirmada pelos próprios professores que participaram da pesquisa. Essa passividade dos professores, que transferiam para os estudantes a decisão sobre o uso ou não da *Wikipédia*, recomendando que as informações ali encontradas fossem confirmadas em outras fontes, ou considerando-a útil apenas para uma busca inicial, indica desconfiança sobre a natureza das informações da *Wikipédia*. Os docentes oscilavam entre a vontade de valorizá-la como fonte de pesquisa, a curiosidade e predisposição para seu uso, mas ao mesmo tempo demonstravam resistência em recomendá-la, revelando certa suspeita sobre a credibilidade da fonte. A opinião dos alunos sobre a diferença entre a *Wikipédia* e uma enciclopédia tradicional revelou uma situação peculiar e respostas contraditórias: alguns ressaltaram a confiabilidade da *Wikipédia* e outros criticaram os conteúdos, segundo eles, pouco confiáveis. Assim, a questão da confiabilidade revela posições pessoais.

Dois estudos feitos pela pesquisadora sueca *Helena Francke* e colaboradores, com professores, bibliotecários e estudantes de ensino médio, revelaram que não há consenso com relação à credibilidade da *Wikipédia*. Os estudantes mostraram reações conflitantes sobre a questão: eles gostavam da *Wikipédia*, e a usavam bastante em seus trabalhos, mas ela não se encaixava no que eles consideravam “autoridade” de uma fonte. O fato de que qualquer pessoa pode ser autor na *Wikipédia* confundia os estudantes e mostrava a complexidade da questão da credibilidade na cultura digital.

Como na pesquisa brasileira acima relatada, os mediadores (nesse caso, professores e bibliotecários) em geral não se opunham ao uso da *Wikipédia*, mas estimulavam os estudantes a usar fontes impressas, não apenas para garantir a confiabilidade, mas para que eles desenvolvessem habilidades de usar fontes diversas.

Os estudantes suecos também achavam a *Wikipédia* mais fácil de ser consultada do que uma fonte impressa. Apreciavam-na por apresentar principalmente fatos, o que combina com a prática dos professores de solicitar trabalhos que, mesmo chamados de “pesquisa” (o que envolveria necessariamente o questionamento), são baseados na premissa de que há respostas corretas que podem ser encontradas, compiladas e reapresentadas. É interessante que a pesquisa sueca mostrou que os alunos ajustavam sua concepção de credibilidade àquilo que eles percebiam ser o que os professores queriam, e não às suas próprias opiniões.

Alguns professores entendiam que a *Wikipédia* podia ser útil, mas não a aceitavam na lista de referências dos trabalhos, justificando sua postura com base no fato de que as informações podiam ser modificadas e manipuladas. Assim, a *Wikipédia* era aceita apenas como uma fonte inicial, e os alunos deviam consultar outras para completar o trabalho.



Os professores e bibliotecários costumavam sugerir aos estudantes que comparassem as informações de várias fontes como forma de superar a incerteza sobre as informações da *internet*.

Uma razão para permitir que os alunos usassem a *internet*, e a *Wikipédia*, era quando não havia fontes impressas suficientes, como no caso de temas muito recentes. Assim, na ausência de outras fontes mais confiáveis, o uso da *Wikipédia* era tolerado.

4.9 A QUESTÃO DA CREDIBILIDADE

Essa visão pragmática da credibilidade das informações, da *internet* em geral e da *Wikipédia* em particular, levanta a questão de que a fonte pode ser usada para certos propósitos e que o nível de confiança varia de verbete para verbete, reforçando a complexidade do assunto credibilidade na cultura digital. Na pesquisa de *Helena Francke* e colaboradores, professores e bibliotecários consideravam que alguns tópicos eram mais passíveis de manipulação, o que significa que a *Wikipédia* não pode ser avaliada como um todo; cada verbete precisa ser avaliado separadamente.

Assim, no mundo digital o conceito de credibilidade é dinâmico e multidimensional e precisa ser entendido em relação a situações e tarefas específicas. Credibilidade, nesse caso, não é uma propriedade, mas algo que é atribuído, isto é, uma informação é confiável para alguém, em uma situação particular. Assim, entende-se que, na escola, a *Wikipédia* pode ser usada desde que haja uma justificativa razoável.

As concepções de credibilidade, no que se refere à *Wikipédia*, estão localizadas entre duas visões radicalmente diferentes do que se considera que seja o conhecimento legítimo. De um lado está a concepção que valoriza o conhecimento dos especialistas e as fontes estáveis, isto é, o conhecimento estabelecido e institucionalizado. E de outro aquela que valoriza a produção democrática e colaborativa do conhecimento, que ajuda a entender perspectivas menos autoritárias e elitistas na produção do saber.

O fato é que no mundo digital não é suficiente que o bibliotecário apresente para os usuários uma lista de critérios de confiabilidade. Esses *checklists* são geralmente descontextualizados e estimulam uma interpretação baseada na dicotomia: confiável ou não confiável. E refletem o ambiente escolar com sua falta de tempo para tarefas que envolvam questionamento e reflexão.

Atualmente, para aprender a avaliar informações na *internet* em geral e na *Wikipédia* em particular, os estudantes terão de enfrentar situações concretas. Na pesquisa de *Helena Francke* e colaboradores, embora desejosos de dar aos alunos diretrizes claras para avaliação de fontes na *internet*, professores e bibliotecários achavam que eles precisavam entender que credibilidade é algo que precisa ser negociado em situações sociais específicas. Parece que a inexistência de uma autoridade, que garanta a validade das informações, transfere para o leitor a decisão sobre a confia-

bilidade da fonte. A pesquisa sueca concluiu que a decisão sobre o que é considerada uma fonte confiável está nos ombros do leitor, quando não há outras instâncias envolvidas na seleção, como editores, avaliadores, bibliotecários, etc.

Essas pesquisas revelam as diferenças entre a cultura impressa e a cultura digital e reforçam a noção do que significa ser competente no uso da informação nesse ambiente caracterizado por culturas contraditórias e que competem entre si.

Alguns autores consideram que, por causa da quantidade de informações na *internet*, a credibilidade das fontes não é um problema de autoridade (no sentido de autoria confiável), mas de escolha: atualmente há mais opções e escolhas a serem feitas sobre em quem confiar. Assim, a comparação entre fontes passa a ser a estratégia mais empregada para determinar a credibilidade.

Ao concluir o estudo, com base nas descrições de professores e bibliotecários sobre como orientavam os alunos no uso da *Wikipédia* e sobre como definiam, explícita ou implicitamente, diretrizes para seu uso, os pesquisadores suecos identificaram quatro concepções de credibilidade:

- a) **controle**: nessa concepção a credibilidade está associada ao controle e estabilidade da fonte, sendo importante identificar sua origem, objetivo e autoridade, como por exemplo, o grau acadêmico dos autores, instituições a que pertencem, inclusão de bibliografia, etc;
- b) **comparação**: nessa concepção a credibilidade é associada ao fato de que a informação de uma fonte pode ser corroborada por outras. Assim, se uma informação é comprovada por mais de uma fonte ela é mais provável de ser confiável;
- c) **relacional e parcial**: nessa perspectiva a credibilidade não é vista como absoluta; ela depende da situação específica e do objetivo de uso da fonte, e também da disponibilidade de outras fontes;
- d) **multiplicidade**: nessa concepção a credibilidade resulta da associação da fonte com formas de produção democráticas e múltiplas. Assim, o fato de que muitas pessoas podem contribuir como autores, fazer mudanças e corrigir as informações, contribui para aumentar a credibilidade. Isso funciona como uma forma de editoração, de avaliação por pares, mesmo que de forma menos estruturada do que em publicações tradicionais, como nos periódicos científicos.

Na pesquisa com os alunos surgiram novas concepções que não estiveram presentes nas narrativas dos professores e bibliotecários:

- a) **equilíbrio**: nessa concepção, segundo os estudantes, se uma fonte apresenta tanto argumentos contra como a favor de determinada questão, geralmente polêmica, ela é mais suscetível de ser confiável. Assim, diferentes pontos de vista apresentados pela fonte a tornam confiável;
- b) **compromisso**: nessa concepção, ao contrário da anterior, a credibilidade resulta do comprometimento da fonte com uma determinada questão, por exemplo, fontes publicadas por organizações que defendem uma ideia porque a consideram o melhor para a sociedade, como é o caso de organizações não governamentais que lutam por melhorias na qualidade de vida de populações pobres.



Essa posição contraditória dos alunos pode ser explicada pelo fato de que eles geralmente definem seus critérios de confiabilidade com base no que o professor – que vai dar a nota – acredita que é confiável. Por outro lado, os estudantes não perceberam a natureza relacional e parcial da credibilidade, isto é, que ela depende da situação específica em que a fonte está sendo usada.

Na pesquisa sueca, alguns bibliotecários disseram que sua opinião sobre a credibilidade da *Wikipédia* havia mudado, e que com o passar do tempo estavam menos céticos e já a aceitavam como fonte de informação. Essa mudança de posição foi resultado de um processo de aprendizagem, por meio do qual passaram a compreender melhor o que o conhecimento significa e como ele é produzido, o que exemplifica como a questão da credibilidade é mutável. Isso mostra que vai ser preciso que os educadores se familiarizem com os novos gêneros textuais e que discutam constantemente tais questões, construindo novas concepções de credibilidade no âmbito das atividades escolares.

A questão da credibilidade das fontes de informação ainda está muito relacionada com sua origem e autoridade. A partir dos novos conhecimentos trazidos pelas pesquisas acima descritas, torna-se necessário enfatizar a natureza relacional e parcial, não absoluta, da credibilidade. Isso significa dar aos estudantes tempo e oportunidade de exercitar habilidades de avaliar as fontes, em tarefas concretas que lhes possibilitem usá-las com mais confiança.



Multimídia

Veja como um grupo de alunos brasileiros, de um curso de graduação em História, trabalhou para aperfeiçoar o conteúdo de verbetes da *Wikipédia* em português – chamada de *Wikipédia* lusófona – lendo o texto abaixo: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/70>>. ²¹



4.9.1 Atividade

Esta Atividade vai ajudá-lo a entender como a *Wikipédia* influencia a questão da autoria na produção do conhecimento na atualidade.

Leia com atenção as instruções para os autores da *Wikipédia* em português disponíveis em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Artigos_novos/Guia-Introdu%C3%A7%C3%A3o>.

²¹ MARQUES, J. B. Trabalhando com a história romana na *Wikipédia*: uma experiência em conhecimento colaborativo na universidade. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 3, p. 329-346, 2013. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/70>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

Para complementar, leia o artigo *Entre o agrupamento e a comunidade virtual: edição colaborativa das biografias dos jogadores "Adriano" e "Ronaldo"*, de Carlos Frederico de Brito d'Andréa, disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2012.142.08/999>>. ²²

Com base nessas leituras você vai elaborar definições sobre os seguintes termos: agrupamento, comunidade virtual, edições restritivas, verificabilidade e consenso. Apresente essas definições em ordem alfabética, de forma a servirem como o primeiro passo para um glossário que você possa complementar posteriormente, acrescentando novas definições. Esse glossário pode fornecer para os usuários da biblioteca informações úteis para o uso da *Wikipédia*. Elabore um material esteticamente adequado e não se esqueça de dar um título sugestivo para seu glossário.



Resposta comentada

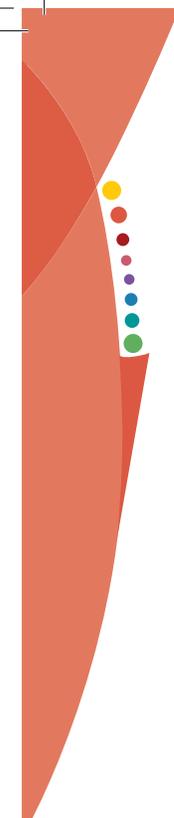
As instruções para os autores da *Wikipédia* em português apresentam de forma bem objetiva os passos e as normas de conduta que o autor deve seguir, revelando que esta fonte tem buscado a credibilidade que é característica do conhecimento científico. O artigo de Carlos Frederico de Brito d'Andrea, baseado na sua tese de doutorado, é um estudo empírico de dois verbetes da *Wikipédia* e é interessante porque mostra a relação conflituosa entre duas categorias de colaboradores e como esse conflito acaba sendo um potencial agregador em processos colaborativos.

4.10 CONCLUSÃO

A enciclopédia é uma fonte de informação que representa o esforço do homem para registrar a totalidade do conhecimento acumulado pela sociedade, de forma a que possa ser passado para as novas gerações. A tecnologia digital modificou de forma revolucionária, não apenas a forma física da enciclopédia, mas especialmente o seu conteúdo, que reflete a maneira como o conhecimento é hoje produzido, tendência exemplificada pela *Wikipédia*.

Produzida não somente por especialistas, a *Wikipédia* levanta a polêmica da autoria e leva a refletir sobre a credibilidade das informações de forma mais ampla e flexível. Estudos de uso da *Wikipédia* revelam diferentes concepções de credibilidade, identificadas como: **controle, comparação, relacional e parcial, multiplicidade, equilíbrio e compromisso**. Assim, a confiabilidade em uma fonte não pode ser medida de maneira simplista como confiável e não confiável. A natureza mutante e complexa da credibilidade hoje indica que ela precisa ser construída e,

²² D'ANDRÉA, C. F. de B. Entre o agrupamento e a comunidade virtual: edição colaborativa das biografias dos jogadores "Adriano" e "Ronaldo" na Wikipédia. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, v. 14, n. 2, p. 141-154, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/viewFile/fem.2012.142.08/999>>. Acesso em: 25 de maio de 2018.



assim, é necessário dar aos usuários oportunidades de aprender a avaliar fontes de informação em tarefas concretas que lhes possibilitem produzir novas concepções de credibilidade.

As tradicionais enciclopédias impressas ainda estão presentes no mercado editorial, mas com uma “cara” diferente: transformaram-se em empresas de informação, oferecendo produtos e serviços diferenciados e ampliando a função da enciclopédia como depositária do conhecimento humano.

RESUMO

A enciclopédia é um tipo de fonte de informação que tem a pretensão de registrar o conhecimento alcançado pela sociedade. É organizada em verbetes, que é um gênero textual de divulgação ou popularização da ciência. Assim, a enciclopédia tem a finalidade de transmitir conceitos científicos de maneira relativamente simples e compreensível para os não especialistas ou leigos.

A tecnologia eletrônica modificou o formato dessa fonte de informação e as tradicionais enciclopédias impressas praticamente desapareceram, dando lugar a organizações que oferecem, além da enciclopédia *on-line*, uma variedade de produtos educacionais.

A *Wikipédia* representa a maior inovação trazida pela *internet* no que diz respeito às enciclopédias, ao oferecer a possibilidade de que qualquer pessoa escreva os verbetes da enciclopédia, derrubando assim a tradição da autoria por especialistas.

O conceito de credibilidade passa a ser dinâmico e multidimensional e entendido em relação a situações e tarefas específicas, sendo construído para cada situação de busca de informação. Assim, os bibliotecários devem estar preparados para implementar situações de aprendizagem que possibilitem aos usuários construir novas concepções de credibilidade no âmbito de suas atividades escolares.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade você vai estudar as diferentes funções e usos da *internet* como fonte de informações e compreender como ela está ampliando as possibilidades de aprendizagem.

UNIDADE 5

***INTERNET* OU BIBLIOTECA?**

5.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar as diferentes funções e usos da *internet* na perspectiva das fontes de informação.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) compreender como a *internet* está ampliando as possibilidades de aprendizagem;
 - b) conhecer os diversos tipos de informações disponibilizadas na *internet*;
 - c) saber como a *internet* está sendo utilizada por diferentes tipos de usuários;
 - d) conhecer critérios para avaliação de informações na *internet*.
-



5.3 INTRODUÇÃO

Figura 5 – Torre de Babel



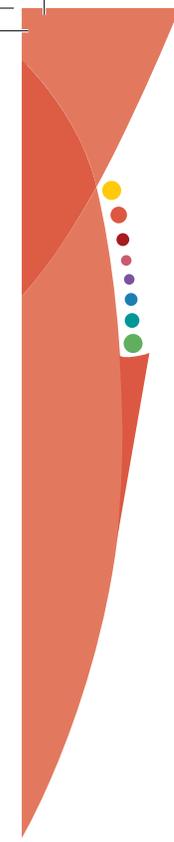
Fonte: Wikipédia²³

A internet é, indiscutivelmente, uma das maiores realizações da humanidade na era da informação. Mas essa nova tecnologia não só economiza tempo – desperdiça-o também. Ela torna a vida mais simples, mas também mais complicada; ela nos une, mas nos separa. É um paradoxo! (ANDERSON).

É difícil definir a *internet* como fonte de informação. Em geral, a rede ou a *web*, como a *internet* é também chamada, tem sido caracterizada por meio de metáforas como labirinto, teia, *Torre de Babel*. Na perspectiva das fontes de informação, a *internet* constitui um conjunto de diferentes fontes que fornecem informações que vão desde um endereço ou número de telefone (substituindo as antigas listas telefônicas) até uma coleção de periódicos científicos (substituindo as coleções de revistas impressas das bibliotecas).

A *internet* não só disponibiliza fontes e documentos tradicionais do mundo do impresso como, associada aos recursos computacionais disponíveis, potencializa o uso desses documentos, propiciando maneiras mais eficientes de utilizá-los. A hipertextualidade, que permite que o leitor estabeleça relações com textos de variados gêneros, ative diferentes informações, consulte fontes diversas, é facilitada ao máximo no ambiente virtual. Também o uso de multimídias foi potencializado pela rede, que facilita e estimula a utilização de imagens e vídeos para diferentes fins.

²³ A Torre de Babel, de Bruegel, o Velho (1563). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel#/media/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_\(Vienna\)_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel#/media/File:Pieter_Bruegel_the_Elder_-_The_Tower_of_Babel_(Vienna)_-_Google_Art_Project_-_edited.jpg)>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.



Era este mesmo o sonho dos pioneiros da computação, como *Douglas Engelbart*, que propôs no seu conhecido relatório *Augmenting Human Intellect: a conceptual framework*, uma estrutura conceitual destinada a compreender a capacidade do intelecto para a solução de problemas complexos e identificar os instrumentos, conceitos e métodos que poderiam melhorar essa capacidade. *Engelbart* sugeriu que o computador seria o instrumento de maior potencial para isso.

A *internet* ampliou as possibilidades de aprendizagem, tanto individual como coletivamente. Permite ao indivíduo aprender de forma personalizada, dentro do seu ritmo e estilo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que disponibiliza recursos que aproximam pessoas que têm interesses comuns ou que desejam aprender, por meio de discussões e debates ou em cursos formais de educação a distância, possibilitando a formação das chamadas comunidades virtuais de prática e/ou de aprendizagem. Assim, reforça-se a ideia de que a escola não é mais o único espaço educativo e de que as pessoas, principalmente adultos, são sujeitos de sua aprendizagem. Crianças e jovens, por sua vez, precisam cada vez mais de orientação para aprender a “navegar” na rede.

5.4 A VARIEDADE DE INFORMAÇÕES NA INTERNET

Como dito anteriormente, muitos tipos de fontes que já existiam no mundo do impresso migraram para a *internet* conservando sua forma original. Os periódicos científicos, por exemplo, aparecem na *web* com a mesma “cara” que tinham quando eram produzidos no formato impresso, mantendo sua estrutura em volumes e fascículos. Outras fontes ganharam em quantidade e facilidade de acesso quando passaram a ser disponibilizadas na rede:

- a) **informações estatísticas:** é o caso das informações estatísticas, presentes, por exemplo, no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de outras organizações que disponibilizam dados estatísticos de variados assuntos;
- b) **informações geográficas:** o uso de informações geográficas também foi potencializado quando essas migraram para o formato digital. Recursos como o Google Maps e o Google Earth oferecem possibilidades de acesso e de uso interativo de informações que anteriormente se encontravam imobilizadas em mapas, atlas e globos;
- c) **jornais e revistas noticiosas:** jornais e revistas noticiosas são fontes que encontraram caminho natural na *internet* e hoje são oferecidas nas opções *on-line* e impressa. Agilidade, maior presença de imagens e a possibilidade de exibir vídeos são alguns dos diferenciais que essas fontes ganharam na sua versão eletrônica;

- d) **informações utilitárias:** informações utilitárias, que atendem a variadas necessidades do dia a dia de usuários de bibliotecas, estão disponíveis em grande quantidade na *internet*;
- e) **informação para negócios:** outra área que se beneficiou grandemente com a disponibilização de informações na *internet* foi a chamada informação para negócios. No artigo “Bases de dados de informação para negócios”, *Beatriz Cendón* a define como o conjunto de

“informações usadas por administradores para a tomada de decisão e inclui informações mercadológicas, financeiras, estatísticas, jurídicas, sobre empresas e produtos e outras informações fatuais e analíticas sobre tendências nos cenários político-social, econômico e financeiro nos quais operam organizações empresariais” (CENDÓN, 2000, p. ?)

- f) **bibliotecas digitais:** por fim, a *internet* possibilitou a existência das chamadas bibliotecas digitais, espaços virtuais onde as informações são organizadas, armazenadas e podem ser recuperadas independentemente da localização do usuário.



5.5 A INTERNET E OS NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS

Ao mesmo tempo em que acolheu fontes de informação do mundo impresso, a *internet* propiciou o aparecimento de novas fontes, ou melhor dizendo, de novos gêneros textuais, como e-mail, bate-papo virtual (que ocorrem por meio dos *chats*), unidade virtual, lista de discussão, vídeoconferência interativa e outros. E o mais importante: ela revolucionou a forma como a sociedade tradicionalmente divulgou informação e conhecimento – com base na autoridade dos especialistas –, aumentando a possibilidade de autoria coletiva, múltipla e democrática, que é exemplificada pela *Wikipédia*, conforme estudamos na unidade 4.

É bom esclarecer que alguns recursos típicos da *internet*, como o *blog* e a *homepage* (também chamada de *webpage*, portal, sítio, página), não são entendidos pelos linguistas como gêneros, mas como ambientes virtuais que hospedam diferentes gêneros, ou seja, funcionam como um serviço eletrônico.

A evolução da *internet* com o surgimento da *web 2.0* propiciou a criação das redes sociais (*Facebook*, *ResearchGate*, *LinkedIn*, por exemplo) e representou uma mudança significativa na comunicação virtual. Essas tecnologias fundamentam-se na colaboração e no compartilhamento de conteúdo entre usuários e, apesar de não terem sido elaboradas para fins educacionais, há diversas experiências de uso bem-sucedido das redes sociais na aprendizagem.



Atenção

Na disciplina *Informação em Mídias Digitais* você vai estudar outras fontes típicas do ambiente virtual.

5.6 ESTUDOS DE USO DA INTERNET

Desde a década de 1990, no período de sua consolidação e quando já demonstrava claramente o seu potencial como recurso de integração de fontes de informação, a *internet* tem sido estudada de diferentes ângulos. Para a Biblioteconomia, são de especial interesse os estudos de uso, por apresentarem evidências de como determinadas categorias de usuários estão utilizando a rede.

Por exemplo, o uso por estudantes tem sido relatado em estudos que mostram resultados interessantes como, por exemplo, a pouca influência de bibliotecários e professores. Um desses estudos mostrou que os alunos acessavam a *internet* muito mais em casa ou na casa de amigos do que na escola. Quando usavam na escola não pediam ajuda (nem a bibliotecários nem a professores). Entretanto, essa demonstração de independência era enganosa, pois, embora se considerassem capazes e preparados para usar a *internet*, os alunos a usavam de maneira simplista. Por exemplo, na maior parte das vezes localizavam informações por meio do buscador *Google*, sem se preocupar em usar recursos avançados ou em estabelecer estratégias mais sofisticadas de busca.

Sabe-se também que lhes faltam conhecimentos e habilidades para avaliar a confiabilidade e a completeza das informações que encontram; que têm pouca habilidade para processar os resultados obtidos; que adquirem habilidades para usar a *web* por conta própria ou aprendendo com amigos. Esses resultados de estudos de uso da *internet* por estudantes são recorrentes e vêm sendo observados mesmo em pesquisas recentes.

Embora haja uma tendência entre os mediadores em respeitar a independência dos estudantes, as evidências acima relatadas reforçam a necessidade de orientação. Os bibliotecários devem estar atentos e ter clareza de que a *internet* hoje faz parte da vida de usuários de todas as idades e que, se bem utilizada, pode motivá-los para aprender. Assim, não há como impedir a utilização, ou exigir apenas a consulta a livros. Na sua função educativa, o bibliotecário tem a responsabilidade de ensinar seus usuários a realizar buscas mais eficientes e a usar a rede de forma mais crítica. Além disso, precisa trabalhar em colaboração com os mediadores, a fim de ajudar os estudantes a elaborar trabalhos que integrem as informações encontradas e não apenas reproduzam o que copiaram dos *sites*.

Há também estudos que contemplam outras categorias de usuários, além dos estudantes, exemplificados por *Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?*, de Moretti et al (2012). Esse estudo buscou entender melhor o perfil do usuário da *internet* e suas tendências de busca por informações sobre saúde, utilizando uma amostra de 1.828 sujeitos. A conclusão foi de que a *internet* era a fonte mais usada para obter informações sobre saúde; mais do que os próprios médicos e especialistas. O estudo mostrou também que as mulheres são maioria nas buscas digitais por informações sobre saúde. A maioria dos usuários pesquisados compartilhava as informações que descobriam. Usavam principalmente os buscadores simples (*Google, Yahoo, etc.*), considerando-os muito úteis para a busca. Esses resultados constituem evidências úteis para direcionar serviços de bibliotecas públicas, que ajudem os cidadãos a desenvolver habilidades mais refinadas no uso da *internet*, por exemplo.

O uso de recursos específicos da *internet* também está sendo investigado, como é o caso do estudo *Uso do blog na escola: recurso didático ou objeto de divulgação?* (ALMEIDA et al., 2012), que descobriu que os *blogs*, embora apresentassem inúmeras possibilidades como recurso didático, funcionavam apenas como um objeto de divulgação, e não como um ambiente de interação, servindo só para disseminação das atividades escolares e inserção do nome da escola no ambiente virtual. Pareciam ter um caráter de atividade escolar, de espaço de trabalho, com poucas manifestações dos professores. Assim, concluiu-se que o propósito comunicativo dos *blogs* estava descaracterizado. Esse resultado mostra que a criação de um *blog* ou outro recurso interativo por si só não garante seu uso adequado e criativo. É preciso inicialmente analisar a demanda e preparar e motivar os usuários para usá-lo de fato como instrumento de aprendizagem.

O uso da *internet* também está sendo estudado em relação ao tipo de dispositivo que o usuário utiliza para acessá-la. O uso do telefone celular, por exemplo, tem sido objeto de estudo, considerando-se que na escola tem havido tendência a se proibir esse equipamento. Sabe-se, entretanto, que os estudantes costumam transgredir, utilizando seus celulares no tempo livre ou em decorrência do tédio nas unidades. Sabe-se também que o uso do celular se dá mais com a finalidade de acesso às redes sociais, de distração, mas também para pesquisar conteúdos relacionados às disciplinas escolares. A pesquisa *O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos* (NAGUMO; TELES, 2016) analisou percepções de alunos sobre o uso do celular e mostrou que a utilização didática por eles decorre de alguma dúvida ou atividade de unidade; o acesso fácil ao celular e a rapidez da resposta naturalmente leva ao uso nessa circunstância. Mas, em geral, os alunos consideram que seus professores estão mais familiarizados com o *notebook* como ferramenta didática do que com celulares. Neste cenário, parece que a escola irá, mais cedo ou mais tarde, ter que compreender as questões sociais e culturais relativas à cibercultura dos jovens e encarar o fenômeno como uma oportunidade de aprendizagem.

Essas e centenas de outras pesquisas podem trazer evidências que ajudarão o bibliotecário em diferentes aspectos de seu trabalho, e que reforçarão seu papel no atendimento das necessidades de informação dos usuários. O bibliotecário precisa mostrar sua capacidade de transitar no ambiente virtual da mesma maneira como o fazia no ambiente do impresso, ajudando seus usuários no uso de um recurso que é hoje insubstituível na busca e no uso de informações.





5.6.1 Atividade

Identifique um estudo de uso da *internet* (por qualquer categoria de usuário) e verifique:

- Qual foi o objetivo do estudo?
- Qual foi a população estudada?
- Qual foi a metodologia utilizada?
- Que resultados foram obtidos?
- Qual a conclusão a que o autor chegou?

Apresente suas descobertas em um texto de duas páginas, deixando claro cada um dos aspectos identificados. Conclua, dando sua opinião sobre como estudos desse tipo podem embasar as práticas do bibliotecário.

Resposta comentada

Para identificar artigos adequados, utilize fontes tais como o *Scielo* e o *Google Acadêmico*, já que você precisa localizar estudos acadêmicos de pesquisa, e não textos opinativos. Listados abaixo estão alguns exemplos de textos adequados ao seu trabalho. Você pode usar um deles, mas o ideal é que você identifique um estudo que lhe interesse especialmente.

MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga da. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? ©2012 Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob a licença de CC BY-NC-ND. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0104423012702671>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

SANTOS, Gilberto Lacerda. A internet na escola fundamental: sondagem de modos de uso por professores. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 303-312, jul./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27914>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira et al. Adolescência conectada: mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 327-335, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=5979&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 25 ago. 2017.



Multimídia

Para entender melhor por que a escola precisa integrar a tecnologia nas suas práticas pedagógicas, assista à palestra de Roxane Rojo, *Voando com crianças: multiletramentos no Ciclo de Alfabe-*

tização: *propostas para um web-curriculo*, transmitida em agosto de 2016, durante o *Ceale Debate*: <<https://www.youtube.com/watch?v=idGsS0qws-c>>.²⁴

5.7 AVALIAÇÃO DE INFORMAÇÕES DA INTERNET



A capacidade de escolher e de criticar informações da *internet* é considerada essencial, dada a característica aberta da rede. Outros fatores, tais como, a quantidade de informação disponível e a tendência de se usar a rede de maneira independente, isto é, sem buscar apoio de mediadores, reforçam a importância de se desenvolver desde cedo a capacidade de julgamento e de discernimento sobre a confiabilidade das informações da *internet*.



Atenção

Na unidade 4, em que estudamos as enciclopédias, vimos que a questão da credibilidade das informações da *Wikipédia* – e da *internet* em geral – deve ser vista numa perspectiva relacional e parcial, isto é, depende da situação específica em que a informação está sendo usada. Portanto, as pessoas precisam de tempo e oportunidade para exercitar habilidades de avaliar as fontes, em tarefas concretas que lhes possibilitem usá-las com mais confiança.

Pesquisas sobre o uso da rede, acima descritas, mostram que essas são habilidades pouco desenvolvidas pelos usuários e também que elas são aprendidas aleatoriamente, e é consenso entre educadores que a escola, e especificamente a biblioteca, é o espaço onde essas habilidades devem ser ensinadas de forma sistemática.

Nesse sentido, a competência de saber escolher e analisar criticamente as informações – que comprovadamente falta aos estudantes de diferentes níveis de ensino – precisa ser desenvolvida durante a escolarização, e os bibliotecários devem assumir sua parte nesta responsabilidade.

²⁴ YOUTUBE. **CEALE debate** – Roxane Rojo - FaE/UFMG. Palestra: Voando com crianças: multiletramentos no Ciclo da Alfabetização: propostas para um web-curriculo, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=idGsS0qws-c>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

A pesquisa Uma abordagem multifacetada sobre a avaliação de informações por estudantes (*A multi-faceted approach to school pupils' evaluation of information*) revelou três categorias de critérios de avaliação.

A primeira envolve fatores ligados à **qualidade da informação**. Nesse caso, a informação pode ser considerada de má qualidade quando o texto é mal redigido, mal estruturado e contém erros de ortografia e de gramática; quando contém erros factuais e perpetua mitos; é tendencioso, faltando equilíbrio na cobertura ou revelando tendência exagerada a defender determinada perspectiva ou ideia; é desatualizado e falha em incluir eventos mais recentes, novas tendências ou linhas de pensamento atuais.

A segunda perspectiva envolve o que o pesquisador chama **de fatores de adequação**, que estão relacionados às necessidades e características do usuário. Nesse sentido, a informação tem que ser relevante no que diz respeito ao tema que o usuário precisa; o foco (geral/específico) tem que ser adequado às suas necessidades; e a complexidade conceitual e a legibilidade do material têm que ser apropriadas ao nível de compreensão do leitor.

Os **fatores de autoridade** englobam aspectos ligados à credibilidade da informação: a posição do autor ou da organização responsável; as motivações dos autores; o tipo de fonte; as referências que incluem; as citações que recebem; as recomendações feitas por terceiros.

Observa-se que esses critérios já eram amplamente usados para qualquer tipo de fonte, não apenas as da *internet*, mas, como já dito acima, a natureza aberta da rede, onde qualquer pessoa pode disponibilizar conteúdos, exacerba a questão da avaliação.

Existem critérios para avaliar *sites* de temas específicos, como por exemplo, os critérios definidos no projeto *Ensinando Geografia na Web*, que abarcam cinco aspectos: autoria, aspectos técnicos, atualização, apresentação e conteúdo. Os critérios, listados abaixo, podem ser adaptados para outras áreas, além da geografia.

Legenda:

A (autoria),	AT (aspectos técnicos),	A1 (atualização),
A2 (apresentação),	C (conteúdo).	

A autoria do *site* é claramente identificada? (A)

O responsável tem experiência na área de geografia? (A)

O *site* contém informações atualizadas? (A1)

Possui FAQ ou outro instrumento para tirar as dúvidas mais frequentes? (AT)

O *site* apresenta várias formas de navegação (folheio, pesquisa ou filtros)? (AT)

A publicidade atrapalha a leitura do *site*? (A2)

As ilustrações do *site* têm autoria? (A2)

As cores utilizadas no mapa têm boa definição? (A2)

Os símbolos e as palavras utilizadas nos mapas têm seu significado explicado em uma legenda?(A2)

- O *site* testa os conhecimentos adquiridos pelo usuário? (C)
- O *site* tem validação das respostas dos usuários? (C)
- O *site* faz distinção entre a geografia física e a geografia política na sua proposta educacional?(C)
- As informações que o *site* dissemina têm embasamento teórico? (C)
- O *site* utiliza algum vocabulário específico da área de geografia? (C)
- O *site* problematiza questões com o intuito de desenvolver o senso crítico dos usuários? (C)
- Os conceitos e conteúdos existentes no *site* são desenvolvidos a partir de algum contexto? (C)
- A cartografia é simples? (C)
- São explicitadas as convenções cartográficas utilizadas nos mapas? (C)
- As escalas são indicadas adequadamente? (C)
- O *site* cria situações que podem ser aplicadas ao cotidiano do aluno? (C)

(Fonte: VIANNA, M. M. A internet na biblioteca escolar. In: CAMPELLO, B. et al. **Biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-41.)



Explicativo

Algumas universidades orientam os estudantes na avaliação de informações por meio de seus *sites*, apresentando critérios que levam eles a se familiarizar com conceitos como credibilidade e qualidade das informações. Um exemplo desse serviço pode ser visto nos *sites* de bibliotecas da *Universidade da Califórnia*, que apresentam listas de critérios bem detalhados. Veja a seguir:

University of California Merced Library

Avaliação crítica de fontes de informação: avaliação de websites

Autoridade

- Quem é o autor?
- O que ele já escreveu, além disso?
- Em que comunidades e contextos o autor tem experiência?
- Ele representa um ponto de vista específico?
- Ele representa/defende determinada orientação em relação a gênero, sexo, raça, política, e outros aspectos sociais e/ou culturais?
- Ele privilegia determinadas fontes?
- Ele ocupa cargo formal em uma instituição?

Objetivo

- Qual o motivo da criação da fonte?
- Ela tem um valor econômico para o autor ou editor?
- É um recurso educacional? Persuasivo?
- Que questões (de pesquisa) ela tenta responder?

- Ela se esforça para ser objetiva?
- Ela preenche quaisquer outras necessidades pessoais, profissionais ou sociais?
- Qual é o público-alvo?
- É para estudiosos?
- É para uma audiência geral?

Publicação e formato

- Onde foi publicado?
- Foi publicado em um periódico ou outra fonte acadêmica (tese, dissertação)?
- Quem foi o editor? É uma editora universitária?
- Foi formalmente revisado por pares?
- A publicação tem uma posição editorial específica?
- É de tendência conservadora ou progressista?
- A publicação é patrocinada por outras empresas ou organizações? Os patrocinadores têm posições intolerantes?
- Houve algum obstáculo aparente à divulgação?
- É auto-publicado (publicado pelo próprio autor)?
- Houve editores externos ou revisores?
- Onde, geograficamente, foi originalmente publicado, e em que idioma?
- Em que meio?
- Foi publicado *on-line* ou em versão impressa, ou em ambas?
- É uma postagem de um *blog*? Um vídeo do *YouTube*? Um episódio de TV? Um artigo de uma revista impressa?
- O que a publicação informa sobre seu público-alvo?
- O que a publicação informa sobre o objetivo?

Relevância

- Em que sentido a fonte é relevante para sua pesquisa?
- Ela analisa as fontes primárias que você está pesquisando?
- Abrange os autores ou indivíduos que você está pesquisando, mas incluindo textos diferentes?
- Você pode aplicar as estruturas de análise dos autores à sua própria pesquisa?
- Qual é o escopo da cobertura?
- É uma visão geral ou uma análise aprofundada?
- O escopo corresponde às suas próprias necessidades de informação?
- O período de tempo e a região geográfica são relevantes para sua pesquisa?

Data da publicação

- Quando a fonte foi publicada pela primeira vez?
- Qual versão ou edição da fonte você está consultando?
- Existem diferenças nas edições, como novas introduções ou notas de rodapé?

- Se a publicação estiver *on-line*, quando foi atualizada pela última vez?
- O que mudou na sua área de estudo desde a data de publicação?
- Existem revisões, respostas ou réplicas publicadas?

Documentação

- As fontes consultadas são citadas?
- Se não, você tem outros meios para verificar a confiabilidade das informações?
- Os autores citados têm alguma relação com os citantes?
- Os autores citados fazem parte de um determinado movimento acadêmico ou escola de pensamento?
- Eles representam apropriadamente o contexto das fontes citadas?
- Ignoram quaisquer elementos importantes das fontes citadas?
- Eles estão escolhendo trechos específicos para apoiar seus próprios argumentos?
- Eles citam adequadamente ideias que não são as suas próprias?

Fontes: UCMERCED LIBRARY. Critical Evaluation of Resources: Evaluating Websites. Disponível em: <<http://libguides.ucmerced.edu/c.php?g=322283&p=2280750>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

UCMERCED LIBRARY. Critical Evaluation of Resources: Determining Credibility. Disponível em: <<http://libguides.ucmerced.edu/c.php?g=322283&p=2279952>>. Acesso em: 05 jul. 2017.



5.8 CONCLUSÃO

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação são áreas extremamente afetadas pela tecnologia e especialmente pela *internet*. Tem sido difícil para os bibliotecários abrirem mão da biblioteca como espaço físico, que ainda é apreciado e valorizado pela sociedade, como pode ser comprovado pelas suntuosas edificações de inúmeras bibliotecas na atualidade.

Mas o fato é que não há como ignorar a força da tecnologia da informação nas práticas biblioteconômicas. É preciso agora passar a visualizar a biblioteca não mais como um espaço físico, mas como um espaço de conexão de ideias, de amplas possibilidades de aprendizagem, onde os usuários vão buscar ajuda para atender às suas inúmeras e complexas necessidades de informações. As fontes de informação estarão principalmente em formatos digitais, podendo ser acessadas por meio de diferentes dispositivos, compondo um ambiente informacional paradoxal. E que não pode ser ignorado pela escola, pois como afirma a professora *Roxane Rojo*: “[...] as novas tecnologias têm que entrar na escola porque elas fazem parte da vida”.

RESUMO

A *internet* constitui um conjunto de diferentes fontes que fornecem informações de todos os tipos. Ela reproduz fontes tradicionais, como os periódicos, e possibilita o aparecimento de novas fontes ou novos gêneros textuais como *e-mail*, bate-papo virtual, unidade virtual, lista de discussão, vídeo conferência interativa e outros. A *internet* transformou a forma como a sociedade tradicionalmente produziu informação e conhecimento, aumentando a possibilidade de autoria coletiva, múltipla e democrática.

Estudos sobre o uso da *internet* por diferentes categorias de usuários podem ajudar o bibliotecário a buscar a melhor maneira de orientá-los. Embora propicie uma independência para o uso, a complexidade da rede exige o domínio de habilidades que vão desde a localização de informações até a capacidade de discernir o que é relevante e confiável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade iniciaremos o estudo da literatura e de conceitos que poderão ajudar o bibliotecário a trabalhar gêneros literários que tradicionalmente fazem parte da coleção de muitas bibliotecas. Nas duas unidades seguintes vamos conhecer uma ampla gama de gêneros textuais que hoje devem estar presentes na biblioteca.

UNIDADE 6

TEXTOS LITERÁRIOS – MACHADO DE ASSIS OU PAULO COELHO?

6.1 OBJETIVO GERAL

Levar os estudantes a compreender a natureza da literatura e sua relação com a formação de leitores.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) compreender diversos conceitos que permeiam a literatura na sociedade contemporânea;
 - b) esclarecer sobre o papel do bibliotecário na formação de leitores.
-



6.3 INTRODUÇÃO

Pode-se perceber que nas bibliotecas, principalmente nas públicas e escolares, a literatura é, dentre as diferentes manifestações artísticas, a mais presente. Isso se explica pelo fato de que seu suporte é, em geral, o livro, que ainda hoje é o material mais comumente encontrado nessas bibliotecas.

Mas essa situação pode mudar, pois os limites do texto literário estão se expandindo. Quando o cantor e letrista *Bob Dylan*, uma estrela do rock, foi agraciado com o *Prêmio Nobel de Literatura de 2016* – dado, desde seu início em 1901, a escritores representantes da chamada alta cultura – a fragilidade das explicações que tentam esclarecer por meio de definições e tipologias o que é arte, e mais especificamente o que é literatura, ficou mais exposta. A convergência que hoje se percebe entre as várias manifestações artísticas, os gêneros literários e as mídias, os portadores e suportes é um fenômeno que caracteriza a cultura na atualidade e que, na literatura em particular, resulta na interdependência e na interpenetração de textos em diferentes linguagens e suportes.



Figura 6 – Grafite feito em homenagem ao cantor e compositor *Bob Dylan*, numa rua em Verona, na Itália. Ele foi o primeiro músico a ganhar o Prêmio *Nobel* de literatura



Fonte: Pixabay²⁵

A notícia da premiação de *Bob Dylan* foi capa da revista *Veja* (edição 2.500, ano 49, n. 42, p. 68-71, 19 out. 2016)²⁶, que declarou que o prêmio “ajuda a promover os versos de uma canção à condição de literatura”. Na reportagem sobre o tema, chamada de “O cantor na biblioteca”, o autor *Jerônimo Teixeira* não consegue disfarçar a surpresa com o “inédito reconhecimento literário a um dos maiores criadores do rock” e reconhece que ela levanta uma dúvida: “o que Dylan faz é poesia?”.

²⁵ RMac8oppo. **bob-dylan-rua-arte-grafite-verona-2549292**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/bob-dylan-rua-arte-grafite-verona-2549292/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

²⁶ TEIXEIRA, Jerônimo. O cantor na biblioteca. **Veja**, 2.500, ano 49, n. 42, p. 68-71, São Paulo, 19 out. 2016.

O pesquisador *Nelson Barros da Costa* (2017) não tem dúvidas e afirma, em um artigo em que analisa o gênero canção nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua portuguesa, que:

[...] as categorias, instrumentos emprestados da ciência para melhor apreender a realidade, estão obsoletas e já não ajudam mais a ver a realidade plural e dinâmica dos gêneros do discurso, um dos quais a canção que, mais do que constituir uma “trilha sonora”, nos ajuda a melhor sentir e pensar o mundo. (COSTA, 2017, p. 33)



Multimídia

Para ver um argumento a favor da premiação de *Bob Dylan* assista ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=1RNAayoD_ws>. ²⁷

Para ver quem está em cima do muro assista ao vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=2OjhiczhVQE>>. ²⁸

E para ler o discurso (em português) que *Bob Dylan* enviou para ser lido na cerimônia de premiação (ele não esteve presente na ocasião) acesse o *blog* da editora *Companhia das Letras*, que anuncia que vai lançar dois volumes com as letras traduzidas para o português das canções de Dylan:

<<http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/O-discurso-de-Bob-Dylan>>. ²⁹

6.4 O FENÔMENO DA CONVERGÊNCIA

A convergência tem sido estudada por pesquisadores da área de comunicação como um processo cultural.

²⁷ **Ep. #79 UM NOBEL para Bob Dylan.** [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Livrada!. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1RNAayoD_ws. Acesso em: 13 mar. 2017.

²⁸ **BOB Dylan e o nobel da literatura: Mell Ferraz.** [S. l.], 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Literatura-se. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2OjhiczhVQE>. Acesso em: 13 mar. 2017.

²⁹ **O DISCURSO de Bob Dylan.** Blog da Companhia. [S.l.] 12 dezembro 2016. Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/O-discurso-de-Bob-Dylan>. Acesso em: 02 abr. 2017.



Multimídia

Para entender o fenômeno da convergência nessa perspectiva, leia:

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 380 p. Uma resenha deste livro, feita pelo *prof. Rogério Christofolletti*, com vários exemplos de como ocorre a chamada convergência midiática, está disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/158/157>>. ³⁰



A convergência relaciona-se com o conceito de hibridismo que, na literatura, caracteriza textos que não se encaixam nos limites ou nas definições de um único gênero, combinando elementos de vários deles. Esse é um procedimento característico na literatura contemporânea e pode ser exemplificado pelo *Romance negro*, de *Rubem Fonseca*, em que o autor, ao mesclar dois gêneros – o romance gótico e a narrativa policial – cria uma narrativa híbrida.

O hibridismo também pode ser entendido como uma mescla de literatura de massa e literatura erudita, isto é, em alguns livros as fronteiras entre as duas não são atualmente tão nítidas e algumas obras ficam numa zona intermediária, mesclando entretenimento e qualidade literária.



Atenção

Nas unidades sobre gêneros literários, a seguir, vamos observar outros exemplos de hibridismo na literatura.

Tais fenômenos apontam para a dificuldade de se enquadrar os bens culturais em padrões que há algum tempo os definiam e os distinguiam com clareza. Assim, também na literatura, é inútil se apegar a definições e tipologias de gêneros, devendo os mediadores de leitura se empenhar mais em compreender os usos que se fazem das leituras.

A reportagem de *Veja* (TEIXEIRA, 2016) expõe também a questão, sempre controversa, da literatura de massa *versus* literatura erudita (ou alta literatura, literatura séria, literatura culta, boa literatura) afirmando que a escolha da *Academia Sueca*, organização que oferece o *Prêmio Nobel*, levanta “reações puristas”, considerando que “Para muitos, é como se a Academia Sueca permitisse que as sandálias empoeiradas de vulgaridade de um menestrel pop sujem o chão imaculado da alta cultura” (p. 70).

³⁰ JENKINS, H. Cultura da convergência. *Brazilian Journalism Research*, v. 4, n. 2, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/158/157>>. Acesso em: 22 de junho de 2017.

Mas *Jerônimo Teixeira*, autor da reportagem, critica a cultura de massa quando afirma que “em universidades pelo mundo... os estudos culturais já transformaram essas ligeirezas da cultura de massa em objeto de análise” (p. 71,), pondo lenha na fogueira de um debate que não tem fim e que perturba educadores que se preocupam com a formação de leitores.

Reconhecendo a qualidade literária das canções compostas por *Dylan*, o autor, entretanto, não disfarça o seu receio de até onde essa tendência de valorizar o popular pode levar: “O problema é que também se podem identificar atributos que se diriam ‘literários’ em filmes e séries de TV” A reportagem é um exemplo de como a questão é complexa e aponta a necessidade de que bibliotecários e outros formadores de leitores tenham de dominar daqui para frente alguns conceitos complexos para se posicionar no debate.



Atenção

A literatura de massa será vista com mais detalhes na unidade 7.

6.5 CÂNONE LITERÁRIO

O primeiro desses conceitos é o de cânone literário, que designa um conjunto de obras consideradas como patrimônio, seja da humanidade ou de determinado país, por seu valor inquestionável. A primeira questão que essa definição levanta é: tendo em vista que as obras que fazem parte desse conjunto são escolhidas, quais são as instituições responsáveis pela criação do cânone?

O intelectual português *Boaventura de Souza Santos* explicita a natureza polêmica do cânone quando diz que ele é construído pelas instituições dominantes ou hegemônicas, em determinado momento histórico e no âmbito do que ele chama de “cultura oficial”.

Assim, de forma muito sucinta, há dois pontos que precisam ser levados em consideração na reflexão sobre o cânone: de um lado, ao ser considerado um patrimônio, subentende-se que há um dever – da sociedade em geral e da escola em particular – de preservá-lo e transmiti-lo para as gerações futuras. De outro, há o entendimento de que ele pode não representar a pluralidade da cultura contemporânea. Do ponto de vista da formação de leitores, há uma compreensão de que o cânone pode ser uma das ferramentas de estudo da tradição, desde que seja visto criticamente. E que não anule pluralidade de manifestações literárias da contemporaneidade:

Os clássicos: a literatura erudita é formada pelo que se convencionou chamar de “clássicos”, e a maioria dos educadores, incluídos aí os bibliotecários, sonha em formar leitores que apreciem essas obras, as chamadas “obras primas” da literatura. Na novela *Avenida Brasil*, levada ao ar pela *Rede Globo de Televisão* em 2012, a leitura de clássicos é tratada com humor nas cenas em que a personagem *Nina*, sugere a *Tufão*, um jogador de futebol, a leitura de vários clássicos da literatura, como *Madame Bovary* (*Gustave Flaubert*), *A metamorfose* (*Franz Kafka*), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (*Machado de Assis*), *O idiota* (*Fiódor Dostoiévski*). As reações de *Tufão* à leitura desses livros são divertidas. Em uma das cenas ele diz: “Nunca pensei na minha vida que eu ia ler um clássico da literatura brasileira, ia gostar e entender”. As reações de *Carminha*, sua esposa, a essa nova prática leitora do marido, são de desprezo. Ela afirma: “Clássico pra mim é no Maracanã”, e zomba dizendo: “Isso é coisa de intelectual”.

Embora de maneira simplista e superficial, o autor da novela, ao criar um personagem com pouca bagagem cultural que lê e passa a apreciar obras clássicas consideradas difíceis para leitores inexperientes e desinteressados, levantou uma questão complexa e que desafia educadores que desejam formar leitores: que livros oferecer? Que livros são capazes de despertar o interesse e não fazer o leitor desanimar na primeira página?



Multimídia

Para ver argumentos a favor da leitura dos clássicos da literatura, assista ao vídeo *A importância de ler os grandes clássicos*:

<<https://www.youtube.com/watch?v=T5kw9qMIAfY>>. ³¹

6.6 OS AGENTES DE CONSTRUÇÃO DO CÂNONE

O cânone literário é construído pela tradição considerada aristocrática, a chamada alta cultura, própria das elites intelectuais e é estabelecido por diversos meios e agentes que atuam, direta ou indiretamente, como mediadores entre as obras literárias e o público leitor:

³¹ **A IMPORTÂNCIA de ler os grandes clássicos.** [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Charles Darwin. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T5kw9qMIAfY>. Acesso em: 13 mar. 2017.

a) **livros de história da literatura e antologias:** inicialmente o cânone é estabelecido pelos livros sobre história da literatura e pelas antologias. Por exemplo, a formação do cânone literário brasileiro deve-se muito a obras como *História da literatura brasileira*, de *Sílvio Romero* (1888), *Pequena história da literatura Brasileira*, de *Ronald de Carvalho* (1919), *Formação da literatura brasileira*, de *Antônio Cândido* (1959), *História concisa da literatura brasileira*, de *Alfredo Bosi* (1970), entre outros. Os livros de história da literatura, desde sua origem, estão ligados não só à vida cultural (especificamente literária) de uma comunidade, mas têm também um sentido de afirmação da nacionalidade.

Geralmente seu conteúdo é organizado cronologicamente, com a descrição de autores, obras e estilos, agrupados em conjuntos que abrangem as chamadas escolas literárias, cuja periodização é organizada, para fins didáticos, nas seguintes categorias: quinhentismo, barroco, arcadismo, romantismo, realismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo, pré-modernismo, modernismo, geração de 45, literatura contemporânea.

Outra classificação que costuma ser usada pelos autores é feita com base na história, fazendo recortes como, por exemplo: literatura do período colonial ou literatura do ciclo do ouro, que revelam a relação da literatura com a história do país. Quaisquer que sejam os fundamentos de sua organização, os livros de história da literatura são constituídos de autores e textos recortados de um conjunto maior e acabam estabelecendo o cânone de um período, de um gênero, ou de um país.

Já a **antologia** pode ser definida como coleção selecionada de textos abrangendo determinada época, autoria, tema, gênero literário, etc., escolhidos de forma a representar o melhor da literatura no aspecto que abarca. Essa definição denota a tradicional função canônica da antologia, isto é, a de colocar em relevo obras literárias que supostamente melhor representam uma época, um período ou gênero literário, um autor ou uma autora, buscando preservar o cânone.

Entretanto, é necessário ressaltar que essa noção vem se transformando ao longo do tempo e atualmente a antologia, longe de representar um instrumento de defesa da tradição da literatura dita de alta qualidade, é vista mais como um recorte, como leitura pessoal do organizador, a partir de um universo de pluralidade de autores e também de público. Assim, os organizadores das antologias atuais se esforçam em justificar detalhadamente, nas introduções das obras, as razões de suas escolhas e não ocultam a natureza pessoal da seleção.

Os leitores, por sua vez, geralmente desconhecendo os embates em torno do caráter canônico das antologias, usam-nas como introdução a um autor, tema, período, etc. Usam também para confrontar seu conhecimento do assunto com a seleção que o organizador lhe oferece e assim ampliar e/ou rever seu repertório.

Cristiano Jutgla, editor da revista *Texto Poético*, explica que a função da antologia hoje, do ponto de vista do leitor, seria comparar aquele recorte com suas próprias preferências, que são orientadas por aspectos variados como ideologias, valores, experiências de leitura, influência de agentes literários como professores, televisão,

internet, etc. “e criam uma terceira seleção maleável, não-canônica, fruto de um processo dinâmico, aberto, uma espécie de florilégio individual em processo, em outras palavras, sua antologia íntima” (JUTGLA, 2016, p. 6). *Jutla* dá como exemplo desta mudança do conceito de antologia, a coletânea *Os cem melhores poemas brasileiros do século XX*, organizada por *Italo Moriconi* e publicada em 2001. Outro exemplo é a obra *Coletivo 21*, lançada em 2011, que reúne textos de escritores nascidos em Minas Gerais;

- b) **a crítica literária:** a crítica literária tem papel central na constituição do cânone. Por exemplo, a posição do linguista norte-americano *Harold Bloom*, expressa especialmente em seus livros *O cânone ocidental* e *Gênio*, que relacionam obras que, segundo o autor, representam os pontos mais altos da produção literária do mundo ocidental, constitui fonte frequente na discussão sobre a questão do cânone literário;



Multimídia

Uma matéria divulgada no site *Saraiva Conteúdo*, da editora *Saraiva*, afirma que:

[...] a presença do crítico literário sempre se mostrou fundamental no trabalho de apuração social, histórica e cultural no discurso literário; seja no empenho acadêmico capaz de interpretar e reorganizar a história literária do país ou em textos publicados na imprensa que iluminam os caminhos trilhados pela literatura contemporânea. (FOGAÇA, 2017).

A matéria intitulada *Dez críticos literários brasileiros que fizeram história*, de autoria de *Zaqueu Fogaça*, apresenta um pequeno perfil dos indivíduos que, segundo o autor, influenciaram a formação do cânone literário brasileiro e dão o tom do que seja a “boa literatura”. Disponível em:

<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/58557>.³²

- c) **bibliotecas e bibliotecários:** os bibliotecários, embora em posição diferente daquela do crítico literário, também podem ter influência na complexa questão dos “melhores livros”. Exemplo disso é a lista elaborada pela conhecida *Biblioteca Pública de Nova York*. Em 1995, como parte das comemorações dos 100 anos da Biblioteca, os bibliotecários organizaram uma exposição, denominada *Books of the Century*, que buscava responder as seguintes questões: Quais foram os livros que ajudaram a moldar e definir os últimos 100 anos? Que livros influenciaram o curso dos eventos para

³² FOGAÇA, Z. *Dez críticos literários brasileiros que fizeram história*. **Saraiva Conteúdo**. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/58557>. Acesso em: 22 de junho de 2017.

o bem ou para o mal? Que ajudaram a compreender os novos tempos? Ou encantaram milhões de leitores? Embora a lista não contemple apenas literatura, os 204 títulos que a compõem incluem, em 12 categorias, uma maioria de obras literárias. A declaração da curadora da exposição, a bibliotecária *Elizabeth Diefendorf*, revelou como os bibliotecários estão em posição de fazer esse tipo de escolha. Por 100 anos, os bibliotecários da *Biblioteca Pública de Nova York* têm compartilhado sua paixão por livros com um público leitor diversificado. Essa experiência nos deu uma perspectiva singular para escolher os livros do século. Esperamos que os visitantes da exposição sejam atraídos para nossas escolhas e reflitam sobre o que suas próprias seleções significam.



Multimídia

Para conhecer a lista completa dos livros escolhidos, veja *The New York Public Library's Books of the Century*: <<https://www.nypl.org/voices/print-publications/books-of-the-century>>. ³³

Houve críticas, é claro, pois a lista, sendo resultado de escolhas específicas, não agradou a todos. Atualmente, reclama-se da quantidade de listas existentes, resultado da fragmentação e do excesso de informações, que confunde leitores inexperientes e exige dos mediadores cada vez mais conhecimento da produção editorial e clareza com relação ao processo de formação de leitores;



Multimídia

Para ver outras listas de "melhores livros", consulte *100 melhores livros de todos os tempos: lista das listas*:

<<https://bibliotecadafeaacs.wordpress.com/2012/07/02/100-melhores-livros-de-todos-os-tempos-lista-das-listas/>>. ³⁴

d) **a indústria editorial:** a indústria editorial também contribui para fixar o cânone, ao publicar obras clássicas com produção gráfica sofisticada, com o rigor da tradução feita diretamente do idioma do autor e procurando agregar valor ao produto ao incluir textos intro-

³³ DIEFENDORF, E. *The New York public library's books of the century*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1996.

³⁴ BIBLIOTECA DA FEAAC/UFC. **100 melhores livros de todos os tempos: lista das listas**. Disponível em: <<https://bibliotecadafeaacs.wordpress.com/2012/07/02/100-melhores-livros-de-todos-os-tempos-lista-das-listas/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

dutores escritos por especialistas conceituados. Também tem sido prática de algumas editoras a publicação, em formato de livro de bolso, de clássicos que já caíram em domínio público, procurando ampliar o público dessas obras em função de seu preço mais acessível. São livros geralmente apresentados em coleções que acabam orientando as escolhas de determinado segmento de leitores. Várias editoras usam essas estratégias combinadas – formato de bolso e coleção – para tentar garantir um público fiel;



Explicativo



Coleção

No mercado de livros, a coleção constitui uma estratégia editorial com características específicas, que visa a conquistar e ampliar o público leitor. Cada coleção é caracterizada por dispositivos tipográficos e textuais que lhe dão uma identidade própria. A capa, a contracapa, a lombada e a estrutura interna do volume são padronizadas. Prefácio, apresentação, notas, comentários, exercícios, quando existem, são também uniformizados, conferindo uma homogeneidade que define a coleção e que busca familiarizar o leitor com o conjunto dos livros e orientar suas escolhas.

Exemplos de coleções que incluem clássicos são: *L&PM Pocket*, *Companhia de Bolso*, *Hedra de Bolso*, *Best Bolso*, *Ponto de Leitura*, *Saraiva de Bolso*, *Coleção Portátil*, *Globo de Bolso*.

- e) **adaptação e simplificação de clássicos:** outra prática editorial ligada à publicação de livros considerados clássicos é adaptação, questão que divide educadores e especialistas em literatura. A adaptação é um processo de reescritura, assim como a tradução. Comparada à tradução, a adaptação envolve uma modificação maior em relação ao texto original.

A adaptação não é algo consensual e pacífico entre os críticos. Aqueles contrários às adaptações, que são direcionadas principalmente ao público infantil e juvenil, argumentam que elas privam os leitores do convívio com os textos originais, experiência que é substituída e empobrecida pelo contato com textos fragmentados e distorcidos. A ideia de que este tipo de texto poderá facilitar o contato futuro com os textos originais, ou poderá tornar posteriormente mais fácil essa leitura, é considerada enganosa por aqueles contrários às adaptações. Por outro lado, vários educadores se posicionam a favor da utilização das adaptações como instrumento de introdução de crianças e jovens ao conhecimento e leitura dos clássicos. Além disso, os favoráveis às adaptações argumentam que elas exercem importante função no entretenimento do leitor jovem, podendo criar nesse público o gosto pela leitura literária.

O fato é que as adaptações permitem que leitores que não contam ainda com maturidade cognitiva, linguística e intelectual tenham contato mais precoce com obras literárias que, no original, estariam

fora de seu alcance. Os argumentos favoráveis às adaptações levam em conta o fato de que as obras clássicas da literatura universal constituem bens simbólicos que formam o capital cultural de qualquer sociedade e, portanto, suas adaptações possibilitariam maior proximidade de seu público-alvo com as narrativas de gerações e gerações que marcaram a cultura. A possibilidade desse tipo de texto atingir as grandes massas que atualmente querem ter acesso a obras clássicas é outro argumento a favor das adaptações.

O fato é que autores consagrados na literatura, como *Ruth Rocha*, que tem extensa produção literária própria, também se dedicam a adaptar obras clássicas para crianças. Algumas das adaptações de clássicos feitas pela referida escritora são: *O patinho feio*, *João e Maria*, *Iliada* e *Odisséia*. As controvérsias sobre o tema vêm sendo alimentadas não só pelo grande número de adaptações de livros clássicos, mas também pela variedade de possibilidades para o processo de adaptação, envolvendo diferentes gêneros literários e linguagens, como o cinema, os quadrinhos, os desenhos animados, entre outros.

Exemplo disso é o livro *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin*, do escritor paraibano *Bráulio Tavares*, que narra, em forma de cordel, a lenda medieval alemã *O flautista de Hamelin*, dos *irmãos Grimm*. Há outro tipo de adaptação, que é chamada de simplificação e que busca tornar a leitura mais fácil para determinados leitores. Exemplo foi a simplificação do conto *O alienista*, de *Machado de Assis*, e do romance *A pata da gazela*, de *José de Alencar*, feita como parte do projeto *Livro e Leitura para Todos*, apoiado pelo *Ministério da Cultura*. O projeto gerou polêmica entre escritores e críticos brasileiros, mas os organizadores entendem a simplificação como meio de incentivar o hábito da leitura.



Multimídia

A escritora *Patrícia Engel Secco*, uma das responsáveis pelo processo de simplificação, que substitui palavras e expressões consideradas difíceis por similares mais simples, defendeu seu trabalho na imprensa em diversas ocasiões, sempre com o argumento de estimular a leitura de leitores não habituais.

Mas houve reações a essa prática. Veja uma delas em:

<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2014/05/12/noticia-e-mais,154551/polemica-da-simplificacao-de-classicos-da-literatura-chega-as-escolas.shtml>.³⁵

³⁵ UAI. **Polêmica da simplificação de clássicos da literatura chega às escolas**. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2014/05/12/noticia-e-mais,154551/polemica-da-simplificacao-de-classicos-da-literatura-chega-as-escolas.shtml>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

- f) **premiações e festivais:** as premiações e festivais literários, que ocorrem periodicamente, com características as mais variadas, acabam dando destaque a determinados autores e contribuindo para a consolidação de obras de autores contemporâneos.

Exemplos de prêmios brasileiros conhecidos são: o *Prêmio Jabuti*, da *Câmara Brasileira do Livro*, criado em 1958 e, no âmbito da literatura infantil, a premiação da *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*, que ocorre desde 1975, e é ofertada para diversas categorias.

Exemplo de festival é a *Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)*³⁶, organizada desde 2003 pela *OSCIP Casa Azul*, com apoio do *Ministério da Cultura*.

Entretanto, esse evento e outros do gênero precisam ser vistos de maneira crítica, pois ameaçam transformar a literatura em espetáculo, estimulando uma tendência característica de nossa época, em que as pessoas valorizam mais o autor do que sua obra;

- g) **a escola:** a escola, como espaço de educação formal, tem sido um dos agentes na construção do cânone literário, pois ela investe bastante na formação do leitor literário e no estudo da literatura. Pode-se dizer que existe um cânone escolar, com aspectos peculiares, que representa a escolha de livros literários que predominam nas escolas. Nesse sentido, a biblioteca escolar deveria ter papel destacado. É preciso que o bibliotecário compreenda seus fundamentos para que possa ocupar espaço significativo no processo de formação do leitor.



Atenção

Você vai estudar com mais detalhe a questão do cânone escolar e da leitura de clássicos na unidade 9.



6.6.1 Atividade

Os suportes digitais da chamada *web 2.0* ampliaram as perspectivas da crítica literária, que não se limita mais a opiniões de especialistas: agora a crítica do próprio leitor tem visibilidade. Os chamados *booktubers* são geralmente jovens que utilizam o *YouTube* para compartilhar comentários sobre livros e interagir com outros leitores, criando uma nova cultura de crítica literária.

³⁶ FLIP. Disponível em: <<http://flip.org.br/a-flip>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

Nesta atividade você vai conhecer os principais *booktubers* brasileiros e a forma como elaboram a crítica dos livros. Prepare um quadro com as seguintes informações: o nome do canal, o responsável por este, qual a formação/profissão do *booktuber*, o número de inscritos e o conteúdo apresentado pelo canal. Não deixe de assistir a pelo menos um vídeo de cada *booktuber*. Seguem algumas sugestões de canais: *All About That Book*, *B de Barbárie*, *Bigode Literário*, *Chiclete Violeta*, *Compartilivros* e *Nuvem Literária*. Você pode acrescentar outros canais que achar interessantes.

Resposta comentada

Primeiro, visite o *site* do canal. Para isso coloque na caixa de pesquisa do *Google* o nome do canal e a palavra *YouTube* e você será direcionado para o *site*. Lá você encontrará informações sobre o conteúdo do canal e o número de inscritos. Para complementar, é bom fazer uma pesquisa sobre cada canal e verificar como eles são citados na *internet*. Como exemplo, apresentamos informações sobre dois canais (*Pam Gonçalves* e *Abdução*) no quadro a seguir:

Canal/URL	Responsável	Formação/ profissão	Nº de inscritos	Conteúdo
Pam Gonçalves https://www.youtube.com/channel/UC3kfc-8i69ak-J3GLpwJwIw	Pâmela Gonçalves	Publicidade/ escritora	235.774 (em 29 mai. 2018.)	Comentários de livros, adaptações literárias, séries, filmes, e outros voltados para jovens. Costuma apresentar dicas de escrita. São publicados três vídeos por semana e algumas <i>lives</i> aos domingos.
Abdução https://www.youtube.com/user/editoraaleph	Equipe da Editora Aleph	Diversas	11.220 (em 29 mai. 2018)	Comentários de livros, filmes, quadrinhos, principalmente sobre ficção científica e fantasia. Apresenta <i>booktrailers</i> , entrevistas com autores e todo o tipo de conteúdo que interessa ao universo da ficção científica. Vai ao ar às sextas-feiras.

6.7 CONCLUSÃO

A questão da literatura envolve conceitos complexos que precisam ser compreendidos pelo bibliotecário de forma a proporcionar um embasamento consistente para suas práticas na formação do leitor. As bibliotecas, principalmente as públicas e as escolares, são por excelência o lugar da leitura. Assim, no caso da biblioteca pública, a coleção de livros literários deve refletir as necessidades e os gostos da comunidade e, no caso da biblioteca escolar, as escolhas dos professores e o projeto de leitura da escola precisam ser levados em consideração. Como um dos respon-

sáveis pela formação e pelo desenvolvimento da coleção, o bibliotecário necessita compreender os conceitos que orientam a seleção dos livros e acompanhar de perto as tendências do mercado editorial, de forma a colaborar no processo de formação de leitores.

RESUMO

Nesta unidade, estudamos alguns conceitos relativos à literatura, importantes para embasar as práticas biblioteconômicas. Os conceitos de convergência, hibridismo, literatura de massa e literatura erudita, cânone literário e clássicos da literatura, bem como os diversos agentes que influenciam a definição do cânone foram apresentados. Algumas estratégias editoriais foram analisadas para se entender de que maneira o universo literário é construído.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade, vamos continuar estudando questões ligadas à literatura, mas dentro da perspectiva de diferentes gêneros literários.





UNIDADE 7

GÊNEROS TEXTUAIS E FONTES DE INFORMAÇÃO

7.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a relação entre os conceitos de fonte de informação e gênero textual.

7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- a) conhecer as características e peculiaridades de uma variedade de gêneros textuais, especialmente os gêneros literários, que podem fazer parte da coleção de uma biblioteca;
 - b) entender o uso que se faz destes gêneros.
-



7.3 INTRODUÇÃO

Figura 7 – Livros e *smartphone*



Fonte: Pixabay³⁷

Se, na Biblioteconomia, consideramos fonte de informação quaisquer recursos que respondam a uma necessidade informacional dos usuários da biblioteca, precisamos ter uma boa compreensão dos chamados gêneros textuais. Esse é o termo usado por educadores e linguistas para designar formas de expressão verbal inventadas para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas da sociedade. Exemplos de gêneros textuais são: carta, editorial, horóscopo, receita médica, bula de remédio, poema, piada, entrevista jornalística, artigo científico, prefácio de livro, verbete de enciclopédia e muitos outros. De certa forma, constituem o que nós bibliotecários designamos como fonte de informação e muitos deles fazem parte da coleção de diferentes tipos de bibliotecas.

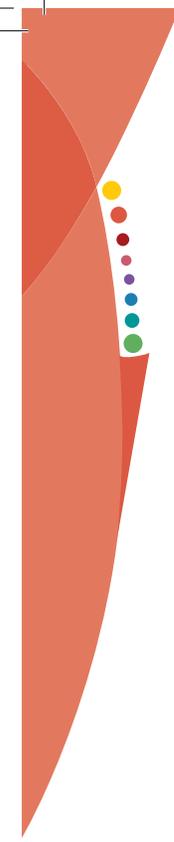
O conhecimento de determinados gêneros e de seus portadores ou suportes é necessário nas várias práticas do bibliotecário, desde a seleção até a mediação.



Explicativo

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de Língua Portuguesa (1ª a 4ª séries) utilizam o termo **portador** para referirem-se “[...] a livros, revistas, jornais e outros objetos que usualmente portam textos, isto é, os suportes em que os textos foram impressos originalmente” (p. 41). Os PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries (3º e 4º ciclos) também reforçam a materialidade dos portadores ou suportes, referindo-se a eles como “[...] livro, jornal, revista, fita cassete, CD, quer dizer, a artefatos gráficos, magnéticos ou informatizados onde os textos são publicados” (p. 22).

³⁷ GERALT. **Livros-smartphone-mão-manter-3348990**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/livros-smartphone-mão-manter-3348990/>>. Acesso em: 25 out. 2018.



O suporte ou portador está intrinsecamente ligado ao **gênero textual**, isto é, suporte e gênero são inseparáveis. Isto significa que cada gênero textual deve ser apresentado aos estudantes em seu portador original. Por exemplo, o gênero notícia deve ser apresentado no seu portador, que é o jornal; o gênero verbete de enciclopédia deve ser estudado na própria enciclopédia, e não em fragmentos descontextualizados.

O **Glossário Ceale**, no verbete *Suportes da escrita*, ressalta a indissociabilidade entre suporte e texto, esclarecendo que o suporte define a formatação, a composição e os modos de ler determinado gênero textual. Então, uma modificação no suporte, pode modificar o gênero textual que nele se veicula.

Nas bibliotecas especializadas e universitárias, o gênero textual típico é o texto científico, na forma de periódicos, anais de eventos, etc. Vale lembrar que o bibliotecário tem sido responsável no processo de produção desse gênero (texto científico), colaborando geralmente na fase de normalização de artigos de periódicos, teses e dissertações, trabalhos de eventos, etc.



Atenção

Na disciplina *Fontes de Informação II* você vai estudar as chamadas fontes especializadas e conhecer gêneros e portadores que são comuns em bibliotecas universitárias e especializadas, como o periódico científico, os anais de encontros científicos, as teses e dissertações, entre outros.

Nesta disciplina (*Fontes de Informação I*) vamos falar sobre gêneros e portadores que vão formar em geral as coleções de bibliotecas públicas e escolares, especialmente de gêneros literários.

Nas bibliotecas escolares, conhecer a noção de gênero se torna especialmente importante para o bibliotecário, pois entendendo a perspectiva do professor no trabalho com os gêneros textuais, que fazem parte da coleção, ele poderá desenvolver uma prática mais adequada e consistente.

7.4 O QUE É GÊNERO TEXTUAL?

Os gêneros textuais são fenômenos históricos que se materializam em artefatos culturais, que surgem para atender a determinada necessidade de comunicação na vida cultural e social. Apresentam certa

estabilidade na sua construção que permite o seu fácil reconhecimento: quando um texto começa com “era uma vez”, sabe-se que é um conto infantil; ou quando se ouve a expressão “senhoras e senhores”, espera-se ouvir um pronunciamento público ou uma apresentação de espetáculo.

A variedade de gêneros textuais cresceu com o advento da comunicação escrita, especialmente com a invenção da imprensa, aumentando também com as inovações tecnológicas. A *internet*, por exemplo, propiciou o aparecimento de novos gêneros bastante característicos (e-mails, videoconferências, bate-papos virtuais, unidades virtuais, *fanfics*, etc.). Sabe-se que as tecnologias digitais de leitura e de escrita têm efeitos sociais e cognitivos peculiares, diferentes daqueles da cultura do papel, o que vai levar indivíduos ou grupos sociais letrados a se envolverem em novas modalidades de letramento.

Assim, entendendo o gênero textual como fenômeno social e histórico e, portanto, como algo mutante, o bibliotecário deve estar constantemente se atualizando com relação a gêneros emergentes, buscando compreender sua natureza, função e uso.



7.5 GÊNERO TEXTUAL E APRENDIZAGEM

Os PCNs enfatizam a responsabilidade da biblioteca no oferecimento e disponibilização dos gêneros textuais.

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. [...] coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagens, revistas, jornais, etc. (BRASIL, 1997, p. 92)

Atualmente, há preocupação de ampliar as experiências dos alunos com uma grande diversidade de gêneros textuais que sejam usados de fato no seu dia a dia fora da escola.



Atenção

Nesta e nas unidades a seguir trataremos especificamente dos gêneros chamados literários, que são de interesse de diferentes tipos de biblioteca, especialmente as públicas e escolares. Apresentamos uma síntese de diversos gêneros literários e esperamos que você complemente seu conhecimento com as atividades e leituras indicadas, preparando-se para realizar de forma bem embasada suas ações de seleção do acervo e suas práticas na formação de leitores.

7.6 GÊNEROS DA LITERATURA DE MASSA

Antes de estudar gêneros específicos é importante entender o conceito de literatura de massa, já mencionado na unidade 6. Aqui vamos estudar um pouco mais o tema e conhecer alguns gêneros que compõem a chamada literatura de massa, também denominada literatura de entretenimento, literatura de mercado, literatura de consumo, literatura trivial, subliteratura, paraliteratura, expressões que denotam a posição de certos críticos que a consideram uma literatura de baixa qualidade.

A literatura de massa teve origem na primeira metade do século XIX, com o surgimento em Paris dos romances-folhetins, quando alguns jornais começaram a publicar adaptações de romances que já haviam sido publicados como livros. Apareciam em partes, em cada edição do jornal, como capítulos das atuais novelas televisivas. Com o barateamento da produção, passaram a ser publicados de forma independente, como livros, em papel de qualidade inferior. Ao longo de sua trajetória, a literatura de massa se consolida, sua produção alcança maior qualidade gráfica e as editoras investem pesadamente em estratégias de produção, de marketing e de distribuição, ampliando a demanda e o mercado consumidor dessa literatura.

O romance-folhetim assinala o começo de um modelo novo de expressão literária, intrinsecamente ligada à sociedade de consumo, que se caracteriza principalmente pela simplificação formal e pela acessibilidade da linguagem. O livro, até então destinado a uma “casta superior” de consumidores, transformou-se em bem cultural de amplo consumo, um

produto de massa, pouco aceito por críticos literários que a consideram subliteratura.

A literatura de massa pode ser definida como aquela produzida para o entretenimento, atendendo à demanda de um público consumidor amplo, que inclui todas as gerações, gêneros e classes sociais. Características dessa literatura são: o consumo imediato, as narrativas lineares e fartas em lugares comuns, o estilo pouco original, os enredos repetitivos e previsíveis, a leitura fácil que exige pouco esforço do leitor.

- a) **best-seller:** a literatura de massa é produzida no âmbito de uma estratégia editorial que atende ao gosto e às expectativas dos leitores, utilizando uma fórmula que garante muitas vezes a esses livros um lugar entre os mais vendidos. São os chamados *best-sellers* ou campeões de venda, livros que atingem um elevado número de vendas, superando outros do seu gênero durante determinado período de tempo. A fórmula para se produzir um *best-seller* envolve a curiosidade do leitor e assim muitos desses livros têm continuidade, o que cria uma expectativa que leva leitores a aguardar com ansiedade os próximos lançamentos. Os *best-sellers* costumam encontrar caminho em outros meios, transformando-se em filmes ou programas televisivos, que também costumam alcançar grandes audiências, o que realimenta as vendas do produto livro.

Entretanto, o *best-seller* não pode ser visto apenas na perspectiva editorial ou como estratégia de marketing. Um estudo feito em 2012, pela pesquisadora *Luiza Trópia Silva*, sobre a leitura da conhecida série *Harry Potter* por um grupo de jovens, concluiu que essa leitura, mais do que sustentar o desejo de pertencimento dos jovens, criou um circuito independente de formação de leitores que passava ao largo da escola. Os jovens afirmaram que os livros foram escolhidos por eles próprios, sem indicação escolar e o interesse pela leitura persistia mesmo sendo os livros cada vez maiores em extensão e mais desafiadores. A autora do estudo sugere que “a leitura desses livros por leitores jovens não deve, portanto, ser menosprezada quando se propõem políticas de formação na escola e fora dela”.



Multimídia

O estudo completo realizado por *Luiza Trópia Silva* encontra-se disponível em:

<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_192.pdf>. ³⁸

³⁸ SILVA, L. T. Leitores de Harry Potter: entre livros, leituras, telas, encontros. *Anais do SIELP*, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_192.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2017



b) **o romance sentimental:** o gênero mais característico da literatura de massa, o que mais se aproxima de sua origem folhetinesca, é o chamado romance sentimental.

Os romances sentimentais, também conhecidos **como romances cor de rosa, romances água-com-açúcar** ou **livros do coração**, são histórias de amor, cuja narrativa se desenvolve em torno da relação amorosa entre um homem e uma mulher e dos conflitos para que essa relação se concretize. No enredo, superados os impasses, o final é sempre feliz: o amor prevalece e o casal sempre acaba junto. Esses romances de amor ainda têm lugar significativo nas práticas culturais de consumo da sociedade contemporânea, e seu público é eminentemente feminino. Como gênero da literatura de massa, esses livros têm enunciados simples e lineares, com sequências breves, permitindo uma leitura fácil e rápida.

Os romances sentimentais são geralmente publicados em série, como, por exemplo, as conhecidas *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*, e vendidos em bancas de revistas. O preço é atrativo, bem como as capas, que retratam as personagens principais, sempre atraentes, em poses românticas.

Como uma literatura de mercado, que se adapta ao gosto dos consumidores, os romances sentimentais encontram novos esquemas de produção, para satisfazer leitores com exigências diferentes. Atualmente, é comum o lançamento de romances açucarados de maior qualidade gráfica, mais caros, geralmente de autores estrangeiros, publicados por editoras renomadas e vendidos em livrarias. Muitos deles estão em listas dos mais vendidos, são best-sellers, que se tornam com frequência produções cinematográficas de sucesso, alcançando grandes níveis de audiência. Exemplo recente é a produção do escritor estadunidense *Nicholas Sparks*.

A crítica literária e o mundo acadêmico durante muito tempo trataram esse gênero com desprezo, argumentando que ele proporciona apenas uma leitura superficial e pouco reflexiva, além de levar à perda de contato com a realidade. Recentemente, alguns pesquisadores têm se debruçado sobre a literatura de massa em geral, e sobre os romances sentimentais em particular, e os resultados desses estudos reforçam a função de entretenimento desses livros, que servem como válvula de escape dos problemas cotidianos, proporcionando às leitoras viverem fantasias que tornam suas vidas mais leves. A leitura desses romances costuma ser uma prática de leitura compartilhada, propiciando sociabilidade e a construção de laços afetivos.

Embora constituindo um enorme mercado editorial, esse material está fora das políticas públicas de distribuição de livros para as escolas, que não levam em conta práticas de leitura voltadas para o entretenimento. Entretanto, há estudiosos que defendem a literatura de massa como possibilidade de estímulo à leitura, especialmente das camadas mais carentes e com cultura familiar que não valoriza o ato de ler.



Multimídia

Para conhecer melhor o gênero romance sentimental leia o artigo *Os romances sentimentais e suas comunidades de leitura*, disponível em:

<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=1062>.³⁹



- c) **livros de faroeste:** o correspondente masculino dos romances sentimentais são os **livros de faroeste** ou **livros de** banguê-banguê. As características desses dois gêneros são semelhantes em todos os sentidos: tanto na narrativa quanto nos aspectos editoriais e de distribuição.

Veja como alguns leitores descrevem suas experiências de leitura desses “livrinhos”:

Naquela época eu era fissurado nos livrinhos de bolso da Monterrey. Tão fissurado que até hoje ainda guardo os nomes de algumas séries lançadas pela editora: *Feras do Oeste*, *Chumbo Mortal*, *Colorado*, entre outras. Cara, esses livrinhos traziam histórias que cuspiam balas em duelos memoráveis no velho oeste. O selo que eu mais gostava era *Chumbo Quente* que tinha enredos mais elaborados. Tudo bem que eles eram estereotipados ao “máximo do máximo” e que tanto vilões quanto mocinhos atingiam o ápice da caricatura, mas, mesmo assim, eu adorava as tais histórias. Brigitte Montfort ou os tiroteios de *Chumbo Quente* eram os meus passatempos preferidos. [...] estes livros de faroeste, que me transportaram no tempo, à cidade de Picos-Pi, onde passei infância e adolescência, quando eu “devorei” centenas destes livros de bolso, ou bolsilivro, ou simplesmente livrinho de faroeste. Ainda tenho na memória este autor citado, Marcial Lafuente Estefania, que produzia histórias aos borbotões e parece-me que vendiam demais, pois encontrávamos pela cidade pilhas de usados para vender. Era um viciado nesses livrinhos, lembro-me que cheguei a ler três por dia. Ficava extasiado com aqueles títulos fenomenais (a la westens paghetti) e com as capas sensacionais de Benício.⁴⁰

³⁹ ANDRADE, R. M. B.; SILVA, E. H. Os romances sentimentais e suas comunidades de leitura. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 24, p. 119-134, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=1062>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

⁴⁰ ANTÔNIO, J. Livro “Os melhores contos de faroeste” reúne 17 autores famosos numa antologia. “Um homem chamado cavalo” é o destaque. **Livros e Opinião**, 6 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.livroseopinioao.com.br/2015/07/livro-os-melhores-contos-de-faroeste.html>>. Acesso em: 6 mar. 2020.



Multimídia

O vídeo *Livrinhos de faroeste e a formação do leitor* também pode ajudar a entender o ponto de vista de um leitor de livros de faroeste e mostra a influência desse gênero na sua trajetória de leitor:

<<https://www.youtube.com/watch?v=CfxwldD6SIA>>.⁴¹

d) **literatura de autoajuda:** a literatura de autoajuda tem início com o livro *Self-help* (Autoajuda), do autor britânico *Samuel Smiles*. Publicado em 1859, *Self-help* foi um *best-seller* na época de seu lançamento, em meados do século XIX, isto é, um fenômeno de vendas que caracteriza muitos dos livros de autoajuda atualmente.

No mercado editorial atual, a literatura de autoajuda compõe o setor chamado esoterismo, espiritualismo/espiritismo e/ou autoajuda que aparece como um segmento distinto nas seções livros mais vendidos, ao lado de ficção e não ficção.



Curiosidade

Em novembro de 2015, uma reportagem (*um segmento que floresce em tempos de crise*), na revista *Veja*⁴², mostrou que no mercado editorial brasileiro, o crescimento do segmento livros de autoajuda vem tomando proporções diferenciadas. Enquanto o mercado caía como um todo, o nicho de autoajuda resistiu e as vendas cresceram 5,9% entre janeiro e setembro de 2015, em comparação com igual intervalo de 2014.

Essa fatia do mercado livreiro parece ter se beneficiado do quadro econômico adverso e isso tem uma explicação sociológica: o sistema econômico capitalista do mundo contemporâneo, com a exacerbação do consumo, cria novos padrões de comportamento e altera as relações sociais. As incertezas e angústias, além das fortes mudanças trazidas pelos avanços tecnológicos, resultam em um estado de carência e, para preenchê-lo, as pessoas buscam respostas que podem estar nos livros de autoajuda. Essa é uma das explicações para o sucesso desse gênero literário, que pode ser exemplificado pelo

⁴¹ **LIVRINHOS de faroeste e a formação do leitor**. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal O Lugar do Livro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CfxwldD6SIA>. Acesso em: 15 mar. 2017.

⁴² KUSUMOTO, M. Autoajuda, um segmento que floresce em tempos de crise. **Veja**, 14 nov. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/autoajuda-um-segmento-que-floresce-em-tempos-de-crise/>>. Acesso em: 6 mar. 2020.

livro *Ansiedade: como enfrentar o mal do século*, do psiquiatra e psicoterapeuta *Augusto Cury*, que vendeu mais de 16 milhões de exemplares somente no Brasil e foi publicado em mais de 60 países.

Os livros de autoajuda podem ser divididos, grosso modo, em dois grandes grupos. Um ligado à espiritualidade como elemento central na vida do indivíduo, explorando conceitos como o “eu interior”, enfatizando a importância do controle da mente, geralmente por meio da meditação, que busca um estágio superior de consciência e o contato com o “eu superior”, embasando-se geralmente em filosofias orientais e perspectivas esotéricas.

O segundo grupo inclui livros de natureza pragmática, identificados pela temática da superação de obstáculos, que levará ao sucesso, representado por dinheiro, prestígio, beleza ou saúde. Usam um discurso prescritivo – típico da literatura de autoajuda – para propor regras de conduta, dar conselhos, ensinar exercícios, acompanhados muitas vezes de relatos de experiência e depoimentos.

Muitos desses materiais são voltados para o contexto corporativo; é uma vertente da literatura de autoajuda que vem sendo chamada de *pop-management*. Críticas a esse gênero dizem respeito a tais “receitas” que, supostamente, entorpecem os indivíduos angustiados e temerosos frente às rápidas mudanças que caracterizam o mundo do trabalho hoje e tentam fazer pessoas adaptáveis às demandas do mercado. A literatura de *pop-management* é também criticada por passar a crença de que é possível controlar o mundo adverso a partir de receitas prescritivas que, por si só, proporcionariam sucesso.

A classificação acima é bastante genérica e não contempla nuances de livros que parecem ter “um tom de autoajuda”. Essas nuances precisam ser levadas em consideração para se compreender melhor o gênero e principalmente entender sua influência nos leitores. O fato é que, embora haja uma variedade de estudos acadêmicos que analisam a literatura de autoajuda, essa análise privilegia os próprios livros e não o seu uso. A análise feita pelo pesquisador *Richard Romancini*, sobre a trajetória editorial do conhecido escritor *Paulo Coelho*, serve de exemplo dos estudos que vêm sendo feitos sobre o gênero e mostra a dificuldade de se encaixar os livros do referido escritor em uma única categoria;



Multimídia

Leia a análise completa da pesquisa realizada por *Richard Romancini* em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4romancini.pdf>.⁴³

⁴³ ROMANCINI, R. Paulo Coelho, um autor singular: da “cultura das bordas” ao “centro”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP4romancini.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2017.

- e) **autoajuda para crianças e jovens:** crianças e jovens também são alvo desse mercado em crescimento. Diversas editoras têm investido nesse segmento, consolidando uma linha editorial de autoajuda para crianças e jovens composta de livros que abordam temas que, muitas vezes, os adultos têm dificuldade em tratar. Geralmente os livros são adaptações do próprio autor, de obras escritas originalmente para adultos. Exemplos disso são: *Quem mexeu no meu queijo? para crianças*, de *Spencer Johnson*, adaptação de *Quem mexeu no meu queijo?*, e *Pai rico, pai pobre para jovens*, adaptado de *Pai rico, pai pobre*, de *Robert Kiyosaki* e *Sharon Lechter*.

Poucas editoras assumem abertamente essa linha. Exceção é, por exemplo, a *Paulinas*, que tem uma coleção específica para o tema: a coleção *Auto-ajuda para Crianças*. Já a editora *Fazendo Seu Mundo Melhor* dedica-se exclusivamente à publicação do que ela chama de “livros de educação emocional para crianças e adolescentes”, com títulos como *Faça seu mundo melhor*, *De bem com a vida*, *Pensamentos felizes*, que expressam claramente o viés de autoajuda do conteúdo (<<https://www.fazendoseumundomelhor.com.br/>>).



7.6.1 Atividade

Relacione os gêneros literários com suas respectivas descrições:

- (1) Romances sentimentais
 - (2) Livros de faroeste
 - (3) Livros de autoajuda
 - (4) *Best-sellers*
- () São livros muito vendidos, com excelente desempenho no mercado. Devido ao ávido interesse do público, muitos deles têm continuidade. São frequentemente adaptados para outros meios, como cinema ou programas de televisão.
- () Abordam relações amorosas, histórias de amor, marcadas por obstáculos os mais variados. Os enredos têm como fundamento a superação de tais obstáculos, culminando, invariavelmente, em um final feliz (happy end). São conhecidos também como romances água-com-açúcar.
- () Dadas as semelhanças, tanto na narrativa quanto nas características mercadológicas e editoriais, podem ser considerados a versão masculina dos romances sentimentais.
- () Compõem um gênero literário que se beneficia em tempos de crise econômica ou de valores, e possuem, a grosso modo, um caráter prescritivo. Dividem-se, usualmente, em dois grupos: um de natureza mais pragmática, voltado para autossuperação; outro ligado a questões de natureza mais espiritual.

Resposta comentada

4 – 1 – 2 – 3

7.7 CONCLUSÃO

Entendemos que a biblioteca deverá não só disponibilizar uma variedade de gêneros textuais em sua coleção, mas eventualmente desenvolver atividades para propiciar o seu uso. O livro *Como usar a biblioteca na escola* traz sugestões de atividades com diferentes gêneros textuais, apresentadas no contexto de desenvolvimento de habilidades informacionais que o usuário precisa dominar, e que podem ser realizadas na biblioteca ou em sala de aula. Nesse sentido, o bibliotecário precisa se familiarizar com os conceitos relacionados a cada gênero, conforme apresentados neste Curso e acompanhar o surgimento de outros que sejam de interesse da biblioteca.

Mas a responsabilidade principal do bibliotecário é a de conhecer bem o circuito de produção e divulgação desses materiais. Conhecer autores e editoras que se destacam na produção de diferentes gêneros, avaliar essa produção com base em critérios específicos para cada um, de forma a estar em posição de oferecer sugestões para diferentes categorias de usuários.



RESUMO

Nesta unidade, procuramos mostrar a relação entre os conceitos de fonte de informação e de gênero textual. O termo gênero textual é usado na área de linguística e de educação e, portanto, o estudo das fontes nessa perspectiva aproxima os bibliotecários de outros segmentos que têm interesses comuns na formação de leitores. Vimos a importância de a biblioteca manter uma variedade de gêneros textuais, especialmente os literários e, finalmente, procuramos conhecer as características de alguns gêneros que compõem o universo informacional contemporâneo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade você vai estudar outros gêneros literários: biografia, romance policial, ficção científica, história em quadrinhos e literatura de cordel, o que possibilitará ampliar o seu entendimento de como a biblioteca pode oferecer uma coleção variada e de qualidade e contribuir para o letramento literário dos usuários.



UNIDADE 8

MAIS GÊNEROS LITERÁRIOS

8.1 OBJETIVO GERAL

Levar os estudantes a compreender como a variedade de gêneros literários é uma característica importante da coleção da biblioteca.

8.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- conhecer diferentes gêneros literários que podem compor a coleção da biblioteca, dentre eles: biografia, romance policial, ficção científica, histórias em quadrinhos e literatura de cordel;
 - conhecer as características e peculiaridades desses gêneros literários;
 - entender o uso que se faz desses gêneros;
 - compreender os jogos eletrônicos (*games*) como recurso de aprendizagem.
-



8.3 INTRODUÇÃO

Figura 8 – Biblioteca, eletrônica, e-livro



Fonte: Pixabay⁴⁴

Vimos na unidade anterior alguns gêneros literários que comumente compõem coleções de diferentes tipos de bibliotecas. Nesta unidade, vamos abordar novos gêneros, a fim de ampliar o conhecimento do bibliotecário e lhe permitir formar e desenvolver coleções variadas e de qualidade. Lembramos que os gêneros são formações discursivas que surgem para responder a necessidades e atividades socioculturais, estando seu aparecimento também relacionado com inovações tecnológicas. Assim, da mesma forma que houve aumento da quantidade de gêneros após a invenção da imprensa, com o advento das tecnologias digitais ocorre o mesmo fenômeno. Isso significa que novos gêneros podem continuar a surgir, devendo o bibliotecário estar atento para o aparecimento de gêneros que possam ser importantes no contexto das práticas biblioteconômicas.

8.4 GÊNEROS NA BIBLIOTECA

8.4.1 Biografia

Em 2007, a proibição da venda do livro *Roberto Carlos em detalhes*, do historiador *Paulo Cesar de Araújo*, levantou polêmica em torno do gênero biografia que dividiu, de um lado, editores e escritores, e de

⁴⁴ GERALT. **biblioteca-eletrônica-ebook-e-livro-1666702**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/biblioteca-eletrônica-ebook-e-livro-1666702/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

outro, “famosos e famosas”. A proibição foi revogada em 2015, por decisão do Supremo Tribunal Federal, que liberou a publicação de biografias não autorizadas. Na ocasião, o escritor *Ruy Castro* comentou: “É a conquista da maioria, não? Finalmente ganhamos o direito de escrever a História sem pedir licença aos personagens. Os americanos já têm isso desde 1776”⁴⁵.



Multimídia

Veja uma síntese da decisão do *Superior Tribunal Federal* (STF) em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/stf-vota-pelo-fim-da-autorizacao-previa-de-biografias-16403981>>.⁴⁶

A polêmica sobre a questão continua na esteira do *Projeto de Lei 393/2011*, que “visa a garantir a divulgação de imagens e informações biográficas sobre pessoas de notoriedade pública, cuja trajetória pessoal tenha dimensão pública ou cuja vida esteja inserida em acontecimentos de interesse da coletividade”. O projeto foi aprovado pela *Câmara dos Deputados* e aguarda aprovação pelo *Senado Federal*.

Polêmicas a parte, o fato é que as biografias têm tido vendas crescentes nos últimos anos. A biografia de *Steve Jobs*, por exemplo, bateu recordes de venda nos Estados Unidos, antes mesmo de ser publicada, e a do bispo *Edir Macedo*, *Nada a perder*, também teve grande sucesso de venda.

Este resgate de trajetórias singulares constitui um movimento de âmbito internacional, que aproxima áreas como história, literatura e jornalismo, cada uma retratando o biografado de sua perspectiva própria. No âmbito histórico, a biografia é vista como a recuperação dos sujeitos individuais na História, constituindo uma micro-história. É uma reação às práticas predominantes de historiadores, que se preocupavam em estudar as estruturas e relações que afetam a vida política e econômica da sociedade sem vinculá-las às percepções e intenções dos indivíduos. O livro *O queijo e os vermes*, que conta a vida de *Menocchio*, um moleiro herege que viveu no Século XVI, escrita pelo historiador italiano *Carlo Ginzburg*, exemplifica bem essa tendência de recuperar histórias individuais e de retratar pessoas comuns.

No âmbito do jornalismo, a biografia se insere no chamado *jornalismo literário*, que se afasta da tradicional fórmula jornalística – dar a notícia da forma mais objetiva possível – para se aproximar da literatura, realizando narrativas mais densas e analíticas, contextualizando e aprofundando os fatos. Exemplos são as biografias de *Stefan Zweig* (*Morte no paraíso*), do

⁴⁵ EDITORES e escritores celebram decisão do STF que libera biografias não autorizadas. [S. l.] *O Globo*, 10 jun. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/editores-escretores-celebram-decisao-do-stf-que-libera-biografias-nao-autorizadas-16406414>. Acesso 07 jul. 2017.

⁴⁶ BRÍGIDO, C.; BRESCIANI, E. STF vota pelo fim da autorização prévia de biografias. *O Globo*, 10 jun. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/stf-vota-pelo-fim-da-autorizacao-previa-de-biografias-16403981>>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

jornalista *Alberto Dines* e a de *Assis Chateaubriand* (*Chatô: o rei do Brasil*) do jornalista *Fernando de Moraes*.

O fato é que historiadores e jornalistas, ao produzirem biografias, mesmo usando metodologias específicas de suas áreas, acabam se aproximando da literatura, incorporando elementos ficcionais e adotando estilos e técnicas narrativas próprias da escrita literária.

Da mesma forma que o mercado de biografias para adultos se ampliou, também a produção desse gênero para crianças teve um aumento significativo. Atualmente diversas editoras publicam uma variedade de biografias para crianças e jovens, de autores brasileiros ou traduzidas, em diferentes formatos. Exemplos são a coleção *Meu nome é...*, da *Livraria da Folha*; *Coleção Filosofinhos*, da *Tomo Editorial*, e a coleção *Crianças Famosas*, da *Editora Callis*.

Ao compreender a biografia como um gênero textual, o bibliotecário estará em condições de formar uma boa coleção e de orientar seus usuários na leitura deste material.

8.4.2 Romance policial

O romance policial – incluindo-se nessa terminologia também o conto – é um gênero nem sempre bem aceito pela crítica literária tradicional, e tem sido considerado parte da literatura de massa. O grande mercado de livros policiais continua crescendo em variedade de títulos, que são oferecidos por diferentes editoras e que estão presentes com frequência nas listas de mais vendidos, além de encontrarem caminho fácil para adaptações cinematográficas.

A atração que a narrativa policial exerce sobre leitores de faixas etárias as mais diversas aquece o mercado, e a oferta desse gênero torna-se cada vez mais ampla, revelando autores que conseguem colocar a literatura policial em nível de qualidade literária incontestável. O livro de *Umberto Eco*, *O nome da rosa*, que alia erudição a uma trama reconhecidamente policial, é um exemplo de que o gênero é visto como mais do que leitura de lazer. Também é exemplo dessa tendência a obra do escritor brasileiro *Luiz Alfredo Garcia-Roza*, que mescla entretenimento e qualidade literária.

O romance policial tem em *Edgar Allan Poe* o seu precursor. Seu livro, *Os assassinatos da Rua Morgue*, publicado em 1841, apresenta as características que posteriormente, durante muitos anos, marcaram a narrativa policial tradicional: a tríade: criminoso, detetive e vítima, a investigação que vai resolver o enigma, um ato criminoso de autoria desconhecida que, desvendado, leva a uma espécie de catarse.

Do ponto de vista do leitor, esse gênero costuma criar um sentimento de medo, originado pela estranheza do crime, pela identidade secreta do criminoso e pela expectativa na sua solução. Essa é a fórmula da literatura policial considerada tradicional, representada por autores como *Arthur Conan Doyle*, *Agatha Christie*, *Dashiell Hammett*, *Georges Simenon*, *Raymond Chandler*, entre muitos outros.



Figura 9 – Estátua, em Londres, de Sherlock Holmes: o famoso personagem criado por Arthur Conan Doyle



Fonte: Pixabay⁴⁷

Esse padrão, entretanto, já não se aplica aos romances policiais contemporâneos. Segundo os pesquisadores *Fernanda Massi* e *Álvaro Cortina*, que estudaram os 19 romances policiais mais vendidos no Brasil de 2000 a 2007, alguma coisa mudou na estrutura narrativa desse gênero, no qual:

[...] o crime não é o estopim do enredo e o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso. Muitas vezes, o crime serve de impulso para que haja outro desenlace na narrativa a ser descoberto pelo detetive, por exemplo, uma viagem, um código secreto, um segredo religioso, etc. Dessa forma, o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso, mas também nas consequências da morte da vítima. (MASSI; CORTINA, p. 524).

A conclusão do referido estudo é que os romances policiais contemporâneos apresentam uma nova configuração narrativa que os distancia dos tradicionais, embora não constituindo um novo gênero.⁴⁸

A transformação do romance policial reforça o fenômeno do hibridismo na literatura e mostra a inutilidade de se esboçar tipologias rígidas para qualquer tipo de manifestação artística. Pesquisadores e mediadores buscam atualmente conhecer o uso que se faz desses materiais. Mas, alguns autores identificam subgêneros do romance policial representados

⁴⁷ SYMVOL. **londres-sherlock-holmes-244261**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/londres-sherlock-holmes-244261/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

⁴⁸ Leia o estudo completo: MASSI, F.; CORTINA, A. A constituição narrativa dos romances policiais mais vendidos no Brasil no século XXI: canônica ou inovadora? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 521-530, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_41.pdf>. Acesso em: 4 de janeiro de 2017.

pelo *roman noir*, o *thriller*, o romance psicológico e o de suspense, e é importante que o mediador conheça essas particularidades que podem atrair o gosto de determinados leitores.



Multimídia

Assista à palestra *O romance policial*, de Luiz Alfredo Garcia-Rozza, conhecido autor brasileiro de romances policiais:

<<https://www.youtube.com/watch?v=AiyrA-zWVos>>.⁴⁹

A palestra em vídeo faz parte do *Ciclo de Conferências Vertentes da Literatura Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras.



8.4.3 Ficção científica

Naves espaciais, seres extraterrestres, robôs, supercomputadores, planetas longínquos, viagens no tempo e a lugares exóticos ou inexplorados constituem temáticas da literatura de ficção científica, um gênero que teve seu início no século XIX, no bojo da Revolução Industrial, na Inglaterra. Nessa época, o desenvolvimento técnico e científico apontava para a ideia do futuro como produto das mudanças realizadas no presente e já se percebia uma preocupação com os caminhos trilhados pelo progresso científico. A literatura começava a incorporar essas preocupações e a refletir sobre as consequências – desejáveis e indesejáveis – desse progresso, realizando indagações fundamentais sobre a vida, dando voz aos medos e esperanças gerados pelas descobertas científicas. O termo ficção científica surgiu mais tarde, em 1929, e o gênero ganhou popularidade com as histórias de *Júlio Verne*, *H. G. Wells* e outros.

Classificada como produto da cultura de massa, considerada pela crítica convencional como subliteratura, no seu início a ficção científica não mereceu a atenção de estudiosos acadêmicos, apesar de sua grande popularidade. Entretanto, as recentes experiências e descobertas científicas, principalmente no campo da biogenética, têm provocado discussões éticas no mundo todo, e exacerba a necessidade de se debater a posição e a atuação da sociedade nos diferentes aspectos que emergem dessas descobertas. Assim, a ficção científica ajuda a refletir sobre dilemas de um mundo onde a ciência tanto pode resolver problemas, quanto criar outros mais complexos.

A presença da ficção científica na escola está geralmente relacionada às possibilidades trazidas pelo gênero para o ensino de ciências. Nesse sentido, vista como recurso didático com potencial lúdico e atrativo, serviria para introduzir conceitos de ciência em sala de unidade. As obras a serem utilizadas nessas situações deveriam apresentar precisão e correção científicas.

⁴⁹ 1º CICLO | VERTENTES DA literatura brasileira: o romance policial. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1h 1min). Publicado pelo canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AiyrA-zWVos>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Entretanto, há estudiosos que defendem uma apropriação diferente da ficção científica no ensino de ciências, que explore também, e principalmente, os elementos ficcionais ali presentes. Mais do que a expressão da racionalidade, da lógica das conclusões e do estabelecimento de relações causais – que se encontra em textos científicos não literários – a ficção científica opera numa zona fronteira entre racionalidade e sentimentos. Esses sentimentos expressam espanto, angústias, dúvidas, preocupações, perplexidade e possibilitam um envolvimento afetivo e um estranhamento cognitivo que podem, ao serem trabalhados pelo professor, levar os estudantes a refletir de maneira crítica sobre as implicações da ciência na sociedade. Assim, a ficção científica, mais do que um recurso didático para o ensino de Ciências, se constituiria em um meio de problematizar e debater posições e ideias sobre a ciência.



Multimídia

Assista também à palestra *A ficção científica e o espaço selvagem*, do escritor *Bráulio Tavares*: <https://www.youtube.com/watch?v=_iSNTho6H6s>. ⁵⁰

A palestra em vídeo faz parte do *Ciclo de Conferências Vertentes da Literatura Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras.

8.4.4 Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos, consideradas um gênero da cultura de massa, são designadas pela abreviatura HQs, e são também chamadas de *gibis* ou simplesmente *quadrinhos*. Em Portugal, são denominadas de *bandas desenhadas*, na tradução do francês *bandes dessinées*, e em inglês o termo geral é *comics*. Pode-se definir os quadrinhos como uma narração feita por meio de imagens dispostas em uma sequência, constituída por dois signos gráficos: a imagem e a escrita.

Vários termos estão associados aos quadrinhos: tiras ou tirinhas, charges, cartuns, caricaturas, o que torna impossível uma classificação rigorosa do gênero. O pesquisador *Paulo Ramos* considera que o quadrinho seja um hipergênero, que abriga diferentes gêneros autônomos, unidos por elementos comuns.

Independentemente da diversidade de terminologias e formatos, o importante para o bibliotecário é entender a função educativa dos quadrinhos, já que há algum tempo este é um gênero bem aceito no meio educacional e muitas bibliotecas o incluem nos seus acervos, formando as chamadas gibitecas.

A introdução das histórias em quadrinhos na educação aconteceu inicialmente pela via de livros didáticos que as usavam para ilustrar textos. A partir

⁵⁰ 1º CICLO | VERTENTES DA literatura brasileira: a ficção científica e o espaço selvagem. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1h 9min). Publicado pelo canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iSNTho6H6s. Acesso em: 09 jan. 2017.

daí, professores começaram a perceber os benefícios de se usar esse gênero como apoio pedagógico, principalmente por ele estar presente no cotidiano de muitos dos alunos e por ser um gênero que atrai pelo visual e pela linguagem. Há manuais que podem auxiliar os mediadores, como por exemplo:

- a) RAMA, Â.; VERGUEIRO, W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de unidade.** São Paulo: Contexto, 2010;
- b) RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. (org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

Entretanto, os mediadores precisam entender os quadrinhos de forma crítica, mais do que apenas como um meio de entretenimento: eles constituem artefatos culturais cujas narrativas veiculam valores, ideias, crenças e costumes que devem ser analisados e problematizados no processo pedagógico.

O vasto mercado de histórias em quadrinhos no Brasil e sua aceitação pela escola têm levado pesquisadores a realizar estudos para compreender melhor esse gênero. Por outro lado, há poucos estudos acadêmicos que buscam compreender como os leitores se apropriam, interpretam e recriam os conteúdos destas histórias, e a partir daí constituem suas próprias culturas. Assim, são necessários estudos que investiguem o que esse gênero significa para diferentes categorias de leitores, e que possam embasar uma prática pedagógica adequada.



Multimídia

Para entender o universo dos quadrinhos, veja a reportagem *Quadrinhos: a nona arte*, no programa *Os caminhos da reportagem*, da TV Brasil, que discute se os quadrinhos são entretenimento, literatura ou arte, tudo isso ou um pouco de cada?

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=olbkFxXATAg>>. ⁵¹

Veja também o documentário *Projeto HQ!*, que mostra um panorama dos quadrinhos no Brasil, apresentando a visão de especialistas e quadrinistas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vZBVLLLPQUM>>. ⁵²

8.4.5 Literatura de cordel

A literatura de cordel é um gênero literário poético, de origem popular, com rimas no formato de sextilhas, publicada em pequenas brochuras ou folhetos.

Essa denominação se deve ao costume de se colocarem os livretos para venda pendurados em cordas estendidas, em feiras e lugares pú-

⁵¹ CAMINHOS DA reportagem | quadrinhos: a nona arte. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (52 min). Publicado pelo canal Tv Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olbkFxXATAg>. Acesso em 11 jan. 2017.

⁵² PROJETO HQ – documentário. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal Projeto HQ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vZBVLLLPQUM>. Acesso em 11 jan. 2017.

blicos, prática usada na Península Ibérica, de onde se originaram. Foram trazidos para o Brasil por colonizadores europeus no final do século XIX. O Nordeste foi a porta de entrada do cordel no Brasil e até hoje o gênero é associado a essa região, que abriga os mais conhecidos cordelistas e editoras especializadas. Mas o cordel encontra espaço em outras regiões, estando a *Academia Brasileira de Literatura de Cordel* (www.ablc.com.br) sediada no Rio de Janeiro.

Figura 10 – Folhetos de cordel estendidos em cordas



Fonte: Wikimedia Commons⁵³

O suporte do cordel é o chamado “folheto” que, tradicionalmente, era feito com papel de qualidade inferior e com capa ilustrada, geralmente com a técnica da xilogravura. Até hoje, embora técnicas modernas sejam usadas na impressão dos cordéis, ele é associado a esse tipo de ilustração.

As narrativas abordam temas variados: amores, muitas vezes contrariados; enfrentamentos entre poderosos e valentes, que narram disputas e atos de heroísmo; acontecimentos da vida cotidiana; situações humorísticas; fatos históricos e jornalísticos, estes interpretados segundo os valores compartilhados pelo seu público, sem muito compromisso com a veracidade.



Multimídia

O cordel tem uma forte relação com a oralidade, já que a forma dos versos favorece a leitura ou declamação em voz alta. Veja, por exemplo, o vídeo *Patativa do Assaré – Ave Poesia*, de Kaio Anderson, de 5 set. 2013, que apresenta o mais conhecido poeta cordelista do Brasil declamando alguns de seus poemas:

<<https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw>>.⁵⁴

⁵³ DACAL, Diego. *Impressos de literatura de cordel à venda no Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Literatura_de_cordel.jpg>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

⁵⁴ PATATIVA DO Assaré – ave poesia. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (1h 23 min). Publicado pelo canal Kaio Anderson. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw>. Acesso em: 09 jan. 2017.

Autores de folhetos de cordel, muitas vezes, usam obras da literatura erudita nacional e internacional, e recontam em versos essas histórias. Assim, há versões em cordel de *A escrava Isaura*, de *Bernardo Guimarães*, de diversos livros de *José de Alencar*, de *Romeu e Julieta*, de *Shakespeare*, de *A dama das camélias*, de *Alexandre Dumas*, entre outros. Nesse processo de adaptação, a narrativa é bastante alterada, reduzindo-se o número de personagens, condensando-se as descrições, aproximando o texto das características do gênero e do gosto do leitor. Nesse sentido, pode haver mudanças drásticas, como por exemplo na versão em cordel de *O corcunda de Notre Dame*, que dá um final feliz para o desfecho dramático da história original.

O cordel é reconhecido como uma das manifestações mais genuínas da literatura popular e como tal tem sido objeto de estudo de investigações acadêmicas, havendo inúmeras pesquisas que buscam entender o cordel em seus diferentes aspectos. Assim, tem havido esforço em estudar as possibilidades do cordel na escola, como recurso em atividades de leitura e no ensino de diferentes disciplinas, além de um meio de comunicação popular.

Nas atividades de leitura, o cordel, devido ao seu caráter de poesia rimada e de fácil entendimento, é visto como recurso que possibilita despertar o interesse de usuários pouco afeitos à leitura. No trabalho com gêneros textuais, constitui material interessante para mostrar a individualidade da língua, bem como as variedades linguísticas encontradas especificamente no Nordeste brasileiro.



Multimídia

A biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa abriga uma coleção de cerca de 9.000 folhetos de cordel, dos quais cerca de 2.340 estão disponíveis em versão digital. A identificação dos folhetos pode ser feita online, com a ajuda do Vocabulário de cordel, tesouro também disponível online no site da Biblioteca⁵⁵.

Além dessa abordagem literária, o texto de cordel também pode servir de base para debates sobre as diversidades sociais, políticas e econômicas do país, permitindo o conhecimento de realidades díspares. Nesse sentido, é uma opção para unidades de História. Os textos de cordel, principalmente os chamados "folhetos de acontecido", aqueles que tratam de informar sobre os últimos acontecimentos, ou o cotidiano da História, podem complementar o livro didático, já que costumam dar representações diversas daquelas ali contidas, propiciando debates mais enriquecedores.

Como recurso didático, considera-se que o cordel, devido à linguagem em forma de versos rimados, possibilita a apreensão de conteúdos de forma mais fácil do que um texto em prosa. Exemplo desse uso é a experiência feita em um curso de ensino de Cartografia para professores de educação básica, no Maranhão, no qual versos de cordel foram usa-

⁵⁵ FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Coleção de cordel**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=320&ID_M=1090>. Acesso em: 27 out. 2018.

dos para possibilitar melhor compreensão de conteúdos geográficos. A estratégia levou em consideração as experiências e práticas sociais dos participantes, tirando proveito dos significados que os grupos sociais dão ao seu cotidiano.

O cordel pode ser visto também como um meio de comunicação popular, ao lado de gêneros textuais como cartilhas, jornais comunitários e boletins informativos. Nesse sentido, ele pode fazer parte de estratégias de comunicação de movimentos e organizações populares, inserido em atos de mobilização. Campanhas de esclarecimento que buscam incorporar o lúdico, a cultura e o divertimento, podem se valer de textos de cordel para fornecer informações e criar práticas como prevenção de doenças, por exemplo. Um estudo feito por pesquisadoras da *Universidade Federal do Ceará* analisou três folhetos de cordel selecionados por tratarem exclusivamente a temática HIV/AIDS e averiguou se o conteúdo contemplava informações básicas acerca da doença, se continham erros que comprometessem a correção científica das informações e, finalmente, se o conteúdo estava sendo transmitido de forma compreensível à população. Os resultados mostraram que o conteúdo desses folhetos era satisfatório do ponto de vista científico e que a linguagem era compreensível. Assim, os três documentos analisados revelaram-se capazes de, na opinião das pesquisadoras, produzirem no imaginário dos indivíduos um alerta favorável à inserção de medidas de prevenção e controle da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. A conclusão foi que o cordel pode constituir uma ferramenta de comunicação para promoção da saúde para todas as idades.



Multimídia

Há dezenas de vídeos sobre literatura de cordel na *internet*, o que atesta o interesse sobre o gênero. Selecionamos quatro deles, que podem ajudá-lo a compreender o cordel, tanto na sua forma escrita como oral:

- a) *Literatura de cordel*, do programa *Globo Rural*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>>. ⁵⁶;
- b) *Literatura de cordel: poesia popular, arte de raiz*, do programa *Vivíssima*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4mXNDcBGG5E>>.;
- c) *Literatura de Cordel*, do programa *Iluminuras* da TV Justiça. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P-K-Me1iLvuw>>. ⁵⁷;
- d) *O que é cordel?*, do programa *Momento Cultural* da TV Assembleia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbjQgBLLmqw>>. ⁵⁸

⁵⁶ LITERATURA DE cordel Globo Rural. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (44 min). Publicado pelo canal Junior Telmo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>. Acesso em 09 jan. 2017.

⁵⁷ ILUMINURAS – literatura de cordel. [S. l.: s. n.], 23 mar. 2014. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Tv Justiça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P-KMe1iLvuw>. Acesso em 9 jan. 2017.

⁵⁸ O QUE é cordel. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal Momento Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AbjQgBLLmqw>. Acesso em 09 jan. 2017.

Vimos uma variedade de gêneros textuais que surgiram em diferentes contextos e circunstâncias. Na atualidade, estamos vivendo um momento peculiar de criação de novos gêneros literários. As mídias digitais têm contribuído para isso e continuamente surgem gêneros que levam as pessoas a se envolverem em novas modalidades de letramento. Os jovens, principalmente, se sentem atraídos por gêneros tais como sagas distópicas, sagas fantásticas, *fanfictions*, mangás etc.

O artigo de *Fabiane Verardi Burlamaque* e *Pedro Afonso Barth* mostra as características de uma saga fantástica, *As crônicas de gelo e fogo*, e como a leitura desse gênero pode ser experimentada. Estou recomendando!⁵⁹



8.4.6 Atividade

Relacione os gêneros textuais a seguir com suas respectivas caracterizações:

- (1) Ficção científica
 - (2) Literatura de cordel
 - (3) Romance policial
 - (4) História em quadrinhos
 - (5) Biografia
- () Caracteriza-se pelo emprego de dois signos gráficos: a imagem e a escrita.
- () Gênero poético escrito, normalmente, em estrofes de seis versos. Seu suporte e sua identidade visual são bastante característicos. Possui estreita relação com a oralidade.
- () Esse gênero se caracteriza, tradicionalmente, pela investigação e solução de um crime, mas, contemporaneamente, tem apresentado novas estruturas narrativas, de modo que alguns pesquisadores já o segmentam em subgêneros.
- () Tem como tema central questões relacionadas ao avanço da ciência e seus desdobramentos, muitas vezes desencadeando numa realidade distópica.
- () Exerce um importante papel no registro histórico, opondo-se à tradicional abordagem dos historiadores, que tendem a valorizar os movimentos políticos e econômicos de forma abrangente em detrimento da perspectiva e trajetória particular dos indivíduos.

Resposta comentada

4 – 2 – 3 – 1 – 5

⁵⁹ BURLAMAQUE, F. V.; BARTH, P. A. Experiências literárias com sagas fantásticas: *As crônicas de gelo e fogo* e a criação de um novo universo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 18, n. 29, 2016. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/409>>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

8.5 JOGOS ELETRÔNICOS

Os jogos eletrônicos, também conhecidos como jogos digitais, videogames, *videogames* ou simplesmente *games* não são considerados gêneros, mas suportes para ações complexas que envolvem vários gêneros. Combinam diferentes linguagens (imagens, sons e textos), favorecendo variados letramentos. Os jogos podem desenvolver as capacidades de sistematizar e avaliar informações, de definir estratégias para alcançar objetivos de longo ou de curto prazo, e de tomar decisões, entre outras.



Atenção

A relação desses jogos com a aprendizagem tem sido objeto de estudos de pesquisadores desde a década de 1980 e é nesse sentido – como fonte de informação que pode ajudar as pessoas a desenvolverem diferentes capacidades – que os *games* serão estudados nesta unidade.

A área de conhecimento denominada *digital game-based learning* (aprendizagem baseada em jogos digitais) busca, entre outros aspectos, compreender fatores que possam aperfeiçoar as possibilidades dos *games* como recurso de aprendizagem.

Os jogos eletrônicos devem ser entendidos no âmbito do conceito de jogo em geral. Na sua concepção tradicional, desde o século XVIII, o jogo tem sido considerado como recurso de aprendizagem, principalmente para crianças pequenas, e diversos autores que se debruçaram sobre a questão identificaram certas características no jogo, a saber: o prazer, o caráter de brincadeira, a liberdade, a separação dos fenômenos do cotidiano, as regras, o caráter fictício ou representativo e sua limitação no tempo e no espaço, ampliando o entendimento de suas possibilidades pedagógicas.

Essas características estão presentes em jogos eletrônicos, mas há diferenças marcantes no panorama dos *games*. Em primeiro lugar, as oportunidades e escolhas para o ato de jogar aumentaram, tanto em termos de quantidade de jogos disponíveis quanto da forma e dos espaços de jogar. Locais públicos como praças, parques, calçadas e ruas foram substituídos pelo ciberespaço, levando à globalização do ato de jogar, isto é, pessoas de diferentes regiões do mundo podem interagir por meio do jogo.

Os jogos eletrônicos integram vários tipos de mídia e manifestações artísticas como cinema, quadrinhos, música, possibilitando diferentes formas de interação.

Embora os jogos em geral estejam mais associados à atividade infantil, no que diz respeito aos jogos eletrônicos, a tendência é que eles atraiam mais adultos, em função da oferta, cada vez maior, de produtos adequa-

dos aos mais velhos, criando uma permanência no ato de jogar, sustentando o hábito ao longo da vida.



Curiosidade

Por meio da Portaria nº 116/2011 do Ministério da Cultura, os jogos eletrônicos foram incluídos, no segmento de audiovisual, como manifestação cultural passível de ser produzida com apoio da Lei de Incentivo à Cultura, conhecida popularmente como *Lei Rouanet*. Por outro lado, eles não foram incluídos no *Vale Cultura*, benefício criado pela Lei 1.2761/2012, que concede R\$ 50,00 mensais, pagos pelo empregador para trabalhadores que recebem até cinco salários mínimos, possibilitando-lhes ter acesso a bens e serviços culturais. A declaração da então Ministra da Cultura, Marta Suplicy, de que: “Nas prioridades que o *Vale Cultura* quer incentivar no consumo cultural, nesse momento, o game não se insere”, causou polêmica entre os desenvolvedores de jogos eletrônicos.



8.5.1 Atividade

Embora se saiba que qualquer jogo eletrônico possa desenvolver certas capacidades cognitivas, o interesse de educadores se volta especificamente para os *games* educativos, os chamados jogos “sérios”, próprios para serem usados em atividades didáticas. Nesta atividade, você vai conhecer a produção de *games* educativos no Brasil, identificando *sites* que apresentam esses recursos.

Elabore uma lista de *sites*, criando um quadro que indique o nome, a instituição responsável e o endereço deste. Navegue nos *sites* para conhecer o universo dos *games* e a variedade de ofertas.

Resposta comentada

Para realizar sua busca, utilize termos tais como “jogos educativos digitais”, “jogos educativos eletrônicos”, “*games* educativos” e outros indicados no decorrer da busca. Verifique as credenciais das instituições e dos autores, a fim de garantir a inclusão de *sites* confiáveis. Por exemplo, veja a seguir um quadro com *sites* que são de responsabilidade de órgãos públicos, como o MEC (Ministério da Educação) e a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), e de uma universidade (Universidade de Caxias do Sul).

Nome do site	Instituição	URL
Portal do Professor/ Jogos educativos	MEC	http://portaldoprofessor.mec.gov.br/link.html?categoria=258
Ludo Educativo/Jogos	Aptor Games/ FAPESP/Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dos Materiais em Nanotecnologia (INCTMN)	http://www.ludoeducativo.com.br/pt/games
Núcleo de Apoio em Tecnologias da Informação	Universidade de Caxias do Sul	https://www.uces.br/portais/nate/documentos/14714/

8.6 CONCLUSÃO

Sabe-se que um leitor se forma ao longo de uma trajetória que envolve experiências de leitura que ocorrem muitas vezes em interações sociais, mas em alguns momentos a leitura constitui atividade solitária, que propicia um maior envolvimento do leitor com o texto e permite uma crescente introspecção. Sabe-se também que a leitura tem significados diversos para cada leitor. Assim, o bibliotecário precisa se preparar para criar interações positivas que propiciem para cada usuário tanto o acesso quanto a apropriação do universo da escrita. Para tanto, deve oferecer uma coleção variada e de qualidade e atividades de leitura que atendam às diferentes necessidades dos usuários. O conhecimento de diversos gêneros literários é essencial para que o bibliotecário desenvolva a prática consciente e embasada que lhe permita de fato influenciar a formação de leitores competentes.

RESUMO

Nesta unidade, continuamos o estudo de outros gêneros literários (biografia, romance policial, ficção científica, histórias em quadrinhos, literatura de cordel e jogos eletrônicos) e avançamos no entendimento de que o bibliotecário precisa conhecer o universo literário, preparando-se para uma prática crítica e embasada.



INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade vamos estudar um gênero literário de grande importância na formação do leitor: a literatura infantil e juvenil.



UNIDADE 9

EXPLORAR O MUNDO, CONHECER PESSOAS: LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

9.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a literatura infantil e juvenil e sua relação com a formação de leitores, especialmente no que diz respeito ao papel da biblioteca.

9.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

- conhecer aspectos relacionados à produção de livros literários para crianças e adolescentes;
 - familiarizar-se com fontes que auxiliem na seleção desse material.
-



9.3 INTRODUÇÃO

Diversos estudiosos da leitura, especialmente da leitura literária, já explicitaram o papel transformador que essa prática pode exercer. A conhecida educadora *Magda Soares* sintetizou esse papel, ao mostrar o poder democratizador da leitura literária em diferentes aspectos, afirmando que ela pode tornar as pessoas mais compreensivas, mais tolerantes, menos preconceituosas, menos alheias às diferenças, menos pretensiosas e menos presunçosas. A educadora reconhece assim a função pedagógica na literatura, e essa função fica mais evidente na literatura infantil e juvenil. Quando escreve para crianças e jovens, o autor não pode fugir da indagação de qual papel sua obra vai exercer para o leitor a que se destina, isto é, jovens ou crianças naturalmente em processo de formação. Assim, o autor se submete ao fato de que a obra vai ser recebida e usada no bojo de um processo de educação, seja na escola ou na família.

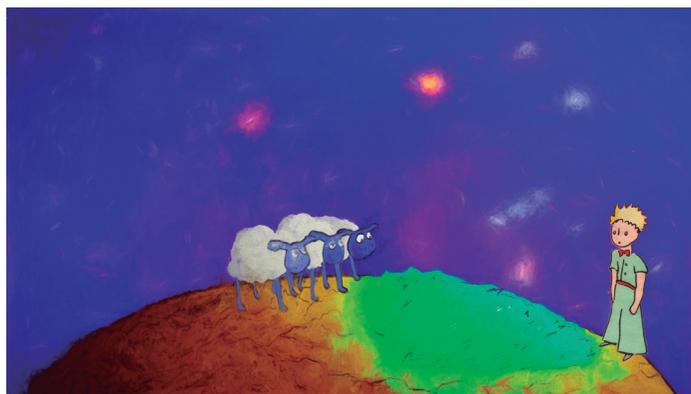


Atenção

Os conceitos e questões já estudados nas unidades 6, 7 e 8 também se aplicam ao tema da literatura infantil e juvenil.

Entretanto, há consenso entre educadores de que a literatura infantil e juvenil não deva ser usada exclusivamente com fins pedagógicos, mas precisa ser explorada também como arte, que possibilita ao leitor vivenciar o mundo por meio da palavra. Isto é, a literatura infantil e juvenil não pode ser vista apenas no seu sentido informativo, mas como manifestação artística que incorpora pluralidade de significados e que possibilita variadas interpretações e possibilidades de fruição. A função pedagógica e transformadora da literatura se realiza justamente quando ela é fonte de conhecimento, de reflexão e de prazer estético.

Figura 11 – Ilustração inspirada no livro *O pequeno príncipe*, obra literária traduzida em mais de 220 idiomas e dialetos



Fonte: Pixabay⁶⁰

⁶⁰ PIXABAY. **Lemouw**. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/o-pequeno-príncipe-espaco-desenho-2476434/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

Portanto, na biblioteca, é necessário selecionar livros que atendam a critérios de qualidade literária e que possibilitem equilibrar as duas tendências – a literária e a pedagógica –, oferecendo uma coleção que sustente a formação do leitor maduro e autônomo.

9.4 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL

Os livros para crianças e jovens surgiram na França, no início do século XVIII, e simultaneamente na Inglaterra, no contexto da Revolução Industrial. No Brasil, esses livros começaram a ser lançados de maneira incipiente no século XIX, principalmente por meio de traduções de textos estrangeiros. A publicação dos livros de *Alberto Figueiredo Pimentel*, *Contos da carochinha*, em 1894, e *Histórias da Baratinha* e *Contos da avozinha*, em 1896, marcam o início da literatura infantil e juvenil brasileira. Entretanto, *Monteiro Lobato* que, em 1920, publicou *A menina do narizinho arrebitado* e, a partir daí, criou um universo literário caracterizado por inovações na linguagem, no uso do humor e na fusão do real com o imaginário, é considerado o precursor do gênero.



Multimídia

Figura 12 – Monteiro Lobato



Fonte: *Wikimedia Commons*⁶¹

Monteiro Lobato é um autor polêmico. Em 2010, ele foi acusado de racismo, o que rendeu muitos comentários de educadores. Veja a opinião da Prof^a. *Marisa Lajolo* – especialista no autor – sobre o as-

⁶¹ WIKIMEDIA COMMONS. **Autor brasileiro Monteiro Lobato**. Coleção “Nosso Século” (1980), Editora Abril, v. 1910-1930, p. 186. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Monteiro_Lobato.jpg>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

sunto, nos vídeos *Marisa Lajolo fala sobre a obra de Monteiro Lobato e Racismo em Monteiro Lobato*. Disponíveis respectivamente em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>>⁶² e <<https://www.youtube.com/watch?v=fn1mlfq7Kls>>.⁶³

A vida de Monteiro Lobato foi tema do *Globo Repórter* em 1982, quando se comemorou os 100 anos de nascimento do escritor. Assista ao vídeo *100 anos de Monteiro Lobato* e conheça sua vida atribulada:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ozrWJz-btl0>>.⁶⁴



Nas décadas seguintes, a produção literária infantil e juvenil no Brasil foi evoluindo, com aumento do número de autores (incluindo aí os ilustradores), com diversificação de temáticas e inovação no uso de tecnologias. Hoje já se pode falar em clássicos da literatura infantil e juvenil brasileira: *Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Tatiana Belinky, Ângela Lago, João Carlos Marinho, Bartolomeu Campos de Queirós* e muitos outros são autores que levaram a literatura infantil e juvenil no Brasil a um patamar de alta qualidade literária.

9.5 A ILUSTRAÇÃO

Os ilustradores são parte importante da literatura infantil e juvenil e a qualidade das ilustrações dos livros destinados a crianças e jovens no Brasil é garantida por ilustradores, como *Juarez Machado, André Neves, Roger Mello, Nelson Cruz*, entre muitos outros, que provam com seu trabalho que as imagens que compõem os livros constituem, cada vez mais, obras de arte.



Multimídia

Para conhecer como os livros ilustrados ganharam espaço no mercado editorial, nas escolas e bibliotecas, propiciando aos leitores o acesso aos mais variados tipos de arte, leia o artigo *Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história*, disponível em:

<<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/55/54>>.⁶⁵

⁶² MARISA Lajolo fala sobre a obra de Monteiro Lobato. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Nova Escola. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁶³ NOTÍCIAS Univesp – racismo em Monteiro Lobato – Marisa Lajolo. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Univesp. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fn1mlfq7Kls>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁶⁴ GLOBO repórter: 100 anos de Monteiro Lobato (1982). [S. l.: s. n.], 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Almanaque Urupês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ozrWJz-btl0>. Acesso em: 29 mar. 2017.

⁶⁵ SPENGLER, M. L. P. Literatura infantil: a palavra e a imagem se entrelaçando na história. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v. 29, n. 56, p. 36-43, 2011. Disponível em: <<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/55/54>>. Acesso em: 2 de abril de 2017.

A ilustração em um livro literário pode contribuir para a aquisição e para o desenvolvimento da linguagem, estimulando a imaginação e fornecendo experiências que permitem à criança ir além de suas vivências. Ao mesmo tempo, o contato com imagens de qualidade em livros infantis é uma forma de educação estética visual, um letramento visual, que prepara a criança para compreender melhor o variado e complexo universo visual com que é confrontada no seu cotidiano.



Multimídia

Para entender a função pedagógica da imagem em livros literários leia a dissertação de *Anelise Zimmermann*, artista que ilustrou, entre outros, o livro de *Bartolomeu Campos de Queirós*, *O gato*:

<<http://www.tede.udesc.br/handle/handle/747>>. ⁶⁶

9.6 O CÂNONE LITERÁRIO ESCOLAR

A escola tem papel fundamental no que as crianças e os jovens leem. Para muitos, ela é o único espaço a oferecer possibilidades de leitura. Na escola, mesmo tendo alguma liberdade de escolha, os estudantes leem o que os adultos determinam. Quais seriam então os livros que predominam nas escolas e que embasam o processo de formação do leitor? Esses livros compõem o que alguns autores chamam de *cânone escolar*, cuja composição é determinada por vários fatores e por agentes que influenciam a escolha de livros a serem oferecidos aos alunos.

Além daqueles fatores que influenciam a formação do cânone literário em geral, que estudamos na unidade 6, o oferecimento de livros na escola é determinado por fatores específicos, representados em primeiro lugar pelo currículo e pela cultura escolar de cada instituição. Diversos agentes interferem no processo. Professores costumam ter grande poder de decisão, mesmo que estejam submetidos à administração e ao projeto político pedagógico da escola. Bibliotecários pare-

⁶⁶ ZIMMERMANN, A. **As ilustrações de livros infantis**: o ilustrador a criança e a cultura. 2008. 148 f. Dissertação - Mestrado em Artes Visuais - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.udesc.br/handle/handle/747>>. Acesso em: 2 de abril de 2017.

cem ter menos influência, embora possam e devam contar com alguns diferenciais: de um lado, o seu conhecimento do mercado editorial e, de outro, a possibilidade que têm de acompanhar os percursos de leitura dos usuários.

Há os fatores extraescolares representados pelas políticas públicas de distribuição de livros, pelas práticas editoriais, pelo marketing das editoras, com seus representantes, livreiros, suas promoções e as informações que disponibilizam em seus *sites*.

Assim, todas essas influências vão formando a rede de controle de leituras, definindo as condições de utilização dos textos literários na escola e consolidando o cânone escolar.

Quais as características desse cânone nas escolas brasileiras? A pesquisadora e especialista em leitura *Graça Paulino* buscou responder a essa questão em um artigo de 2004, partindo do princípio de que havia no Brasil um distanciamento entre cânones literários e cânones escolares. Analisando especificamente a literatura juvenil, a pesquisadora considerou que esse distanciamento é causado por vários fatores, entre eles a tendência, trazida pelos Estudos Culturais, de tratar a literatura numa perspectiva multiculturalista que se afasta da tradição modelar e clássica. Em consequência, segundo a autora, acabam predominando na composição do cânone escolar alguns gêneros que atendem ao gosto consumista dos estudantes, como:

[...] o romance de enigma, englobando aventura, suspense, e o romance-ternura, narrando histórias comoventes, “poéticas”. Raramente se permite a presença de histórias satíricas ou de denúncia social. O caráter esquemático desses gêneros preferidos já demonstra uma limitação no modo de lidar com literatura. É uma distorção realizada para atender a uma demanda escolar de gêneros, que embora aparentemente sejam de natureza literária, têm sua origem mais ligada ao entretenimento televisivo e cinematográfico. (PAULINO, 2004, p. 54).

Outro ponto importante que influencia o cânone escolar, segundo *Graça Paulino*, é o fato de que a maioria dos professores não desenvolveu um letramento literário próximo dos clássicos, dos valores eminentemente literários e assim, optam por utilizar livros de fácil consumo, que tornam menos trabalhosas suas atividades em sala de aula.

Essa prática dos professores, que pode inclusive afetar o trabalho da biblioteca e dos bibliotecários, é, sem dúvida, reforçada pelo comportamento dos usuários que se sentem mais atraídos pela leitura fácil de *best-sellers* do que pelos clássicos, com enredos que consideram monótonos e cansativos, com linguagem difícil e vocabulário complicado. São argumentos característicos de pessoas que não têm conhecimento literário e contam com pouca vivência para entender textos mais complexos do que aqueles voltados principalmente para o entretenimento.



Acrescentamos aqui outro aspecto que pode ter influência na constituição do cânone escolar: as mudanças na cultura da leitura causadas pelo universo virtual. Não é possível ignorar que:

[...] o leitor moderno e apaixonado deseja poder falar de suas leituras livremente. Sendo assim, a *internet* é um ambiente extremamente profícuo para tal prática. E é no ambiente digital que os leitores se encontram, discutem, sofrem influências e até transformam seus hábitos de leitura (ZARDINI; AFONSO, p. 4).

Essa afirmativa foi feita pelas pesquisadoras *Adriana Sales Zardini* e *Lília dos Anjos Afonso*, em estudo que realizaram sobre leitura de adolescentes na era digital e aponta para o desafio de mediar a leitura nesses ambientes, mantendo o foco na qualidade literária.



Atenção

Nesta unidade você vai estudar as *fanfics*, um gênero tipicamente virtual que exemplifica bem as práticas de leitura características de muitos jovens na atualidade.

9.7 ADAPTAÇÃO DE LIVROS PARA FILMES

A transformação cultural, na qual consumidores/leitores são incentivados a fazer conexões entre conteúdos dispersos em diferentes mídias, exige um olhar mais abrangente para o que significa ler hoje. Vive-se em um ambiente onde o leitor interage, dialogando com outros “leitores”, avaliando e criticando o que lê, intervindo nos conteúdos que acessa, criando conteúdos colaborativamente. Assim, a leitura do livro é complementada com outros meios.

A convergência, já estudada na Unidade 6, aproxima diferentes mídias e afeta a literatura e a forma como ela é recebida e utilizada. Não se pode ignorar que existe uma grande atração por parte de leitores, sejam crianças, jovens ou adultos, por suportes diferentes do livro e nesta unidade vamos tratar da convergência entre literatura e filme, buscando entender o processo de adaptação de livros para filmes.



Atenção

O termo **adaptação** foi usado anteriormente na Unidade 6 quando falamos sobre adaptações de livros clássicos para crianças, feitas com a finalidade de aproximar o público infantil das obras-primas da literatura. Aqui, usamos o termo para designar o processo de transformação de textos em outro tipo de suporte ou mídia. Então a adaptação deve ser entendida como um dos aspectos de uma cultura de convergência midiática, que constitui um fenômeno cultural complexo e que precisa ser entendido como tal por mediadores de leitura.



Nesta unidade, vamos tratar da questão da adaptação de livros para filmes, uma prática que, aliás, não é nova. *Georges Méliès*, um dos precursores do cinema, já adaptava obras literárias para esse meio e, desde então, centenas de livros vêm sendo transpostos para a tela.

Há críticas ao processo, insinuando que as adaptações cinematográficas fazem um desserviço à literatura, deformando e vulgarizando a obra. Geralmente os críticos lamentam o que foi perdido na transição. Entretanto, atualmente a adaptação é vista na perspectiva de que os dois meios são distintos, cada um operando com sua linguagem própria. No filme, o apelo é visual, enquanto que na literatura impera a linguagem escrita, o que resulta em produtos diferentes. Assim, a fidelidade ao texto literário deixa de ser uma exigência, pois ao usar o texto literário como base, o cineasta faz uma leitura peculiar, específica, e a transforma em uma obra diferente.

Há centenas de obras clássicas que foram adaptadas para o cinema, como *Romeu e Julieta*, de *Shakespeare*; *Orgulho e preconceito*, de *Jane Austen*; *Madame Bovary*, de *Gustave Flaubert*, e as brasileiras *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, de *Machado de Assis*; *Vidas Secas* e *São Bernardo*, de *Graciliano Ramos*, dentre muitas outras.

Atualmente grande parte dos livros transformados em filme são obras da chamada literatura de massa ou de mercado. A transposição de *best-sellers* para o cinema é quase que automática, exemplificada pela conhecida série *Harry Potter*, que teve todos os seus sete livros transpostos para o cinema. A junção dos dois mercados (literário e cinematográfico) constitui uma estratégia altamente rentável para todos os envolvidos, e se multiplica em dezenas de diferentes produtos que atendem ao gosto de consumidores ávidos por novidades.



Multimídia

Vale lembrar a adaptação feita para a televisão da obra de *Monteiro Lobato*, pela *Rede Globo*, e que foi ao ar entre 2001 e 2007. O artigo a seguir analisa aspectos desta adaptação e ajuda a entender melhor a questão:

<<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/618/578>>. ⁶⁷

Para os bibliotecários interessados na formação de leitores, a questão é decidir se é válido oferecer obras literárias em formato de filme e que benefícios uma dupla leitura poderia trazer. Em primeiro lugar, é preciso saber que o filme pode ser condutor para o livro. A pesquisa *Leitores de Harry Potter: entre livros, leituras, telas, encontros*, feita com leitores jovens de uma biblioteca pública, mostrou que a maioria conheceu os livros a partir dos filmes.

Além disso, parece que, para os jovens, não há uma disputa entre mídias: eles transitam bem entre as diferentes linguagens de um mesmo objeto cultural que apreciam.

9.8 FANFICS: UM GÊNERO DIGITAL

O gênero conhecido como *fanfic* representa bem o modelo de leitura característico de muitos jovens de hoje. O termo é formado pela aglutinação das palavras em inglês *fan* (fã) e *fiction* (ficção). As *fanfics* são textos criados por fãs, a partir de produtos ou ícones culturais dos mais diversos: livros, filmes, músicas, seriados, animações, quadrinhos, etc. e devem ser vistos no bojo de movimentos de articulação de fãs, chamados de *fandom* (aglutinação das palavras em inglês *fan* (fã) e *kingdom* (reino)).

A *fanfic* representa uma nova maneira de ler e produzir textos, praticada por leitores da cultura virtual, que não aceitam a recepção passiva do texto e não veem a leitura como uma atividade isolada e solitária.

⁶⁷ COSTA, A. de B. da; GOMES M., M. Intertextos midiáticos e dialogismos culturais n' O sítio do Picapau Amarelo. **Revista Iniciacom**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/view/618/578>>. Acesso em: 22 de junho de 2017.



Multimídia

A noção de *fandom* não é nova. Mas ela existe de maneira mais evidente desde o aparecimento de obras de ficção científica na década de 1920 e se potencializou com as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Entenda melhor esse fenômeno, lendo o texto: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>>. ⁶⁸



Multimídia

Vários jovens que se dedicam a escrever *fanfics* se preocupam em melhorar a qualidade dos textos e usam o *Youtube* para ensinar práticas que ajudam outros jovens a produzir boas *fanfics*. Veja as sugestões da *Carolyna Basten* no vídeo *Fanfic's – como começar + dicas e truques*. Observe que ela fala de questões que se aplicam às práticas de leitura convencional. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vzh1b4yADtg>>. ⁶⁹

9.9 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Ao longo das unidades que trataram de literatura, ficou claro que a tarefa de escolher livros literários torna-se cada vez mais complexa, não só em função da abundância de títulos disponíveis no mercado, da variedade de gêneros hoje existentes, bem como da própria indefinição do que seja literatura atualmente.

⁶⁸ MIRANDA, F. M. Fandom: um novo sistema literário digital. *Hipertextus*, Recife, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf>>. Acesso em: 28 de março de 2017.

⁶⁹ FANFIC'S: como começar + dicas e truques. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Carolyna Basten. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vzh1b4yADtg>. Acesso em 28 mar. 2017.



Atenção

Na disciplina *Formação e Desenvolvimento de Coleções*, você estuda questões ligadas à seleção do acervo em geral. Nesta unidade, procuramos sistematizar e sintetizar alguns pontos no âmbito da literatura infantil e juvenil.

Conhecer apenas aspectos teóricos da literatura não garante que o bibliotecário esteja preparado para escolher bons livros para seus leitores. Seu percurso profissional, o contato e envolvimento com os livros é que vão definir o seu perfil de selecionador. Paralelamente, ele conta com vários recursos que permitem relativizar seu próprio gosto e formar uma coleção que reflita de fato as necessidades da comunidade a que a biblioteca serve. Listamos alguns pontos que podem ajudar no processo de seleção:

- a) **a seleção como processo coletivo:** a formação de uma *comissão de seleção* é importante para garantir a representatividade de todas as categorias da comunidade. A existência de uma *política de desenvolvimento de acervo* também pode propiciar a democratização do processo, distribuindo a responsabilidade e aumentando a garantia de uma coleção equilibrada;
- b) **a avaliação de especialistas:** o acompanhamento de análises e resenhas críticas, de listas de livros incluídos em programas governamentais e de premiações revela a opinião de especialistas sobre as obras. Contato pessoal com representantes e com bibliotecários experientes também é recomendável;
- c) **o conhecimento do mercado editorial:** conhecer o mercado editorial e os principais escritores e ilustradores é de fundamental importância para o bibliotecário selecionador, assim como acompanhar os lançamentos das melhores editoras e conhecer as novas empresas/organizações que tenham propostas inovadoras de produção literária;
- d) **a compreensão da cultura escolar:** no caso de bibliotecas escolares, é preciso saber qual a missão da escola, o currículo, os projetos, as diretrizes governamentais e até as motivações dos professores na indicação de livros;
- e) **o conhecimento do gosto dos leitores:** tomar conhecimento do gosto dos leitores, de preferência de cada um deles, pode ser um ponto importante para oferecer uma coleção atrativa.

O acompanhamento sistemático das questões acima dará ao bibliotecário condições de liderar o processo de seleção de materiais da biblioteca. No que diz respeito à avaliação da qualidade de livros literários propriamente ditos, os critérios definidos pelo PNBE, incluídos como Anexo nos editais do Programa, podem ser usados como diretrizes para escolha.



Explicativo

Os critérios do PNBE são divididos em três categorias: qualidade do texto, adequação temática e projeto gráfico. Veja abaixo como cada categoria é detalhada no anexo IV do Edital de 2015 do Programa⁷⁰.



1.1. Qualidade do texto

Os textos literários devem contribuir para ampliar o repertório linguístico dos leitores e, ao mesmo tempo, propiciar a fruição estética. Para tanto, serão avaliadas as qualidades textuais básicas e o trabalho estético com a linguagem. Serão objeto de avaliação a exploração de recursos expressivos e/ou outros ligados à enunciação literária; a consistência das possibilidades estruturais do gênero literário proposto; a adequação da linguagem ao público pretendido; a coerência e a consistência da narrativa; a ambientação; a caracterização das personagens e o cuidado com a correção e a adequação do discurso das personagens a variáveis de natureza situacional e dialetal; o desenvolvimento do tema em harmonia com os recursos narrativos. No caso dos textos em verso, será observada a adequação da linguagem ao público a que se destina, tendo em vista os diferentes princípios que, historicamente, vêm orientando a produção e a recepção literária, em especial os que se referem à exploração dos aspectos melódicos, imagéticos e/ou visuais na produção poética. No caso das traduções, é importante que sejam mantidas as qualidades literárias da obra original.

No caso das histórias em quadrinhos será considerada como critério preponderante a relação entre texto e imagem e as possibilidades de leitura das narrativas visuais.

Não serão selecionadas obras que apresentem clichês ou estereótipos saturados.

1.2. Adequação temática

Serão selecionadas obras com temáticas diversificadas, de diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Essas obras deverão estar adequadas à faixa etária e aos interesses dos alunos do ensino fundamental – anos finais e do ensino médio. Entre outras características, serão observados a capacidade de motivar a leitura; a exploração artística dos temas; o potencial para propiciar uma experiência significativa de leitura – autônoma ou mediada pelo professor – e para ampliar as referências estéticas, culturais e éticas do leitor, contribuindo para a reflexão sobre a realidade, sobre si mesmo e sobre o outro.

No caso das obras em verso, essas deverão propiciar a interação lúdica na linguagem poética.

⁷⁰ Veja o Edital completo em: BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital de convocação para inscrição e seleção de obras de literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Brasília, 2015. Anexo IV, Critérios de avaliação e seleção. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/5339-edital-pnbe-2015>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Os textos literários deverão evitar conduzir explicitamente opinião/comportamento do leitor, mas, ao contrário, deverão proporcionar um grau de abertura que convide à participação criativa na leitura, instigando o leitor a estabelecer relações com suas experiências anteriores e outros textos.

Não serão selecionadas obras que apresentem moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem. Da mesma forma, não serão selecionadas obras que apresentem didatismos, que contenham teor doutrinário, panfletário ou religioso.

1.3. Projeto gráfico

O projeto gráfico-editorial deverá apresentar equilíbrio entre texto principal, ilustrações, textos complementares e as várias intervenções gráficas que conduzem o leitor para dentro e para fora do texto principal. Deverá garantir condições de legibilidade do ponto de vista tipográfico quanto ao formato e tamanho da(s) fonte(s) utilizada(s); do espaçamento entre letras, palavras e linhas, do alinhamento do texto, qualidade do papel e impressão.

A biografia do(s) autor(es) deverá ser apresentada de forma a enriquecer o projeto gráfico-editorial e promover a contextualização do autor e da obra no universo literário. Igualmente, outras informações devem ter por objetivo a ampliação das possibilidades de leitura, em uma linguagem adequada ao público a que se destina, e com informações relevantes e consistentes. Não serão selecionadas obras que apresentem erros crassos de revisão e/ou impressão.



9.9.1 Atividade

A escolha de livros para crianças e jovens é dificultada pela falta de um instrumento que sintetize a crítica desses livros, papel exercido anteriormente pela *Bibliografia brasileira de literatura infantil e juvenil* que, seletivamente, reunia resenhas analíticas da produção literária para crianças e jovens, propondo-se a servir de referência na escolha de livros infantis e juvenis. Atualmente, há uma grande dispersão de informações sobre livros, o que dificulta a tarefa do bibliotecário. Entretanto, a variedade de opiniões disponíveis na *internet* pode ser uma vantagem.

Nesta Atividade você vai localizar na *internet* informações sobre o livro *A raiva*, de *Blandina Franco*, ilustrado por *José Carlos Lollo*, da Editora Zahar. Busque localizar as informações a seguir, fazendo um pequeno comentário sobre cada uma. Não se esqueça de anotar o endereço do *site* onde encontrou a informação.

Título:

Autora:

Ilustrador:

Editora:

ISBN:

Sinopse da editora:

Comentário no Youtube:

Leitura do livro:

Comparação:

Resenha de especialista:

Resposta comentada

Observe que há grande quantidade de informações sobre o livro, principalmente em *sites* de vendas. A maioria se limita a fornecer a sinopse, mas existem também outras informações que ajudam a conhecer melhor o livro e que podem auxiliar o processo de mediação de leitura. Veja abaixo o que foi encontrado sobre o livro *Coisa de menina*. Elabore seu trabalho utilizando-o como modelo.

Título: Coisa de menina.

Autora/ilustradora: Pri Ferrari.

Editora: Companhia das Letras.

ISBN:9788574067308.

Sinopse da editora: A sinopse da editora fala apenas sobre o enredo do livro. No *site* é possível ler um trecho e ver algumas ilustrações.

Fonte: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=41216>>.

Comentário da autora no Youtube: Nesse vídeo (5:08 minutos), no canal da Companhia das Letras, *Pri Ferrari* justifica por que escreveu o livro, mostrando que na infância as crianças costumam ouvir chavões tipo “isso não é para menino”, ou “isso não é para menina”. A autora quer mostrar que isso deve ser rompido, pois não há uma regra a ser seguida. Segundo ela, a infância é o melhor momento para as meninas descobrirem que o mundo — e tudo que há nele — pertence a elas. *Pri Ferrari* escreveu também *Coisa de menino*, que, segundo ela, busca deixar de incentivar uma visão machista nos meninos.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=G3PQuacPZms>>.

Em outro vídeo (2:01 minutos), postado no Canal do *Cadê o meu Café!*, antes de o livro ser publicado, *Pri Ferrari* fala sobre o livro e diz que é indicado para a faixa etária de 3 a 6 anos.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=GiTdDvxEOZg>>.

Leitura do livro: Analu Fortuna (10 anos) faz a leitura do livro em um vídeo (4:37 minutos) no seu canal do *Youtube*.

Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=biYEdK3Wvew>>.

Comparação: O blog *Plano Feminino* lista “6 livros incríveis para empoderar meninas” e inclui *Coisa de menina*, juntamente com *Quem tem medo de dizer não*, de *Ruth Rocha*; *Mariana do Contra*, de *Rose Sordi*; *A esperança é uma menina que vende frutas*, de *Amrita Dias*; *Frida Kalo*, de *Nadia Fink*, e *Malala a menina que queria ir para a escola*, de *Adriana Carranca*.

Fonte: <<http://planofeminino.com.br/6-livros-incriveis-para-empoderar-meninas/>>.



Resenha de especialista: No blog *Algumas Observações*, *Fernanda Rodrigues*, escritora e professora de inglês e de redação, comenta sobre o livro e as ilustrações.

Fonte: <<http://www.algumasobservacoes.com/2017/04/resenha-coisa-de-menina-de-pri-ferrari.html>>.

9.10 CONCLUSÃO

Esta unidade, que tratou da literatura infantil e juvenil, complementa os conhecimentos considerados necessários para que o bibliotecário atue com competência na formação de uma coleção adequada, bem como participe de práticas da leitura como mediador. As unidades 6, 7 e 8 pretendem propiciar ao bibliotecário um conhecimento que o colocará em posição de dialogar com outros profissionais envolvidos com o oferecimento de bons livros na biblioteca.

Nesse sentido, compreender a função da literatura e os fatores que afetam sua produção, conhecer a fundo o mercado editorial e suas tendências, os autores, o contexto da crítica literária e, além disso, entender a evolução das práticas de leitura são conhecimentos imprescindíveis ao bibliotecário.

Embora, de maneira geral, o bibliotecário não tenha um papel ativo na seleção do acervo, ele precisa se preparar para ser um protagonista desse processo, que é de fundamental importância para colocar a biblioteca no circuito de leitura de pessoas de todas as idades.

RESUMO

As divergências sobre o papel da literatura infantil e juvenil (se pedagógico ou artístico) parecem ter se encerrado na ideia generalizada de que a leitura literária pode ser ao mesmo tempo fonte de aprendizagem e de prazer.

A escola, e por extensão a biblioteca, tem uma grande responsabilidade no desenvolvimento do letramento literário dos estudantes, e a cultura escolar relativa às práticas de leitura vai moldar o cânone e influenciar a qualidade da literatura que é oferecida aos alunos.

Os mediadores precisam entender a leitura hoje numa perspectiva mais ampla do que simplesmente o contato com o texto escrito. O leitor da era virtual tem uma nova maneira de ler e produzir textos. Ele lê, critica, conversa com outros leitores, faz intervenções e cria um novo texto a partir do original, num processo bem diferente do que ocorre na leitura tradicional.

Para atender a demanda desses consumidores, o mercado editorial brasileiro evoluiu muito, desde a publicação dos primeiros livros infantis no final do século XIX. Atualmente a oferta de livros infantis e juvenis é vasta, o que exige o conhecimento de critérios que embasem a formação de coleções de qualidade.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, J. M. de et al. Uso do *blog* na escola: recurso didático ou objeto de divulgação? In: CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2., 2012, Lisboa. **Atas do ...** Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. p. 1032-1050. Disponível em: <<http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/86.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2017.

ANDERSON, E. The internet: 21st-Century Tower of Babel. **The Trumpet**, Dec. 1999. Disponível em: <<https://www.thetrumpet.com/231-the-internet-21st-century-tower-of-babel>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997. 87 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Programa Nacional do Livro Didático. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de coleções didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático**. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/livro_didatico/edital_pnld_2011.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de unidade**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12059-dicionario-em-sala-de-unidade-pnld-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 21 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. **Projeto de Lei nº 393 de 15 de fevereiro de 2011**. Altera o art. 20 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, para garantir a liberdade de expressão, informação e o acesso à cultura. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=491955>>. Acesso em 15 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Cultura (MinC). **Portaria nº 116 de 29 de novembro de 2011**. Regulamenta os segmentos culturais previstos no § 3º do art. 18 e no art. 25 da Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10895/939065/Portaria+n%C2%BA%20116.pdf/de16dd3e-113f-461d-b0b5-56598889a562>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.761 de 27 de dezembro de 2012**. Institui o Programa de Cultura do Trabalhador; cria o vale-cultura. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12761-27-dezembro-2012-774874-norma-pl.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991**. Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CAMBRIDGE Dictionary English-Portuguese. **Eye**. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/eye>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

CÁTEDRA Internacional José Saramago (CJS). **Universidade de Vigo**. Fundação José Saramago. Disponível em: <<http://catedrasaramago.webs.uvigo.es/pt/bibliografia-ativa/>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

CIÊNCIA Hoje das Crianças. **Uma enciclopédia ambulante**. Rio de Janeiro, 03 fev. 2004. Disponível em: <<http://chc.org.br/uma-enciclopedia-ambulante/>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

COSTA, N. B. da. Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 9-36, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/253>. Acesso em: 22 jun. 2017.

CUNHA, M. B. da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DICIONÁRIO inFormal. 2017. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

DOYLE, C. **Outcome Measures for Information Literacy within the National Education Goals of 1990**: final report of the National Forum on Information Literacy. Summary of findings. Washington, DC: US Department of Education, 1992. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED351033>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 18, n. 2, p.

41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ENGELBART, D. C. **Augmenting Human Intellect: a conceptual framework**. Washington D.C.: Director of Information Sciences, 1962. Disponível em: <<https://www.princeton.edu/~hos/h598/augmenting.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FOLHA de S. Paulo. **Biografia de Edir Macedo liderou venda de livros no Brasil em 2014**. São Paulo, 27 dez. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/12/1567861-biografia-de-edir-macedo-liderou-venda-de-livros-no-brasil-em-2014.shtml>>. Acesso em 15 mar. 2017.

FRANCKE, H.; SUNDIN, O. Negotiating the Role of Sources: educators' conceptions of credibility in participatory media. **Library & Information Science Research**, v. 34, p.169-175, 2012.

FRANCKE, H.; SUNDIN, O.; LIMBERG, L. Debating Credibility: the shaping of information literacies in upper secondary schools. **Journal of Documentation**, v. 67, n. 4, p. 675-694, 2011.

G1. **Enciclopédia Britânica anuncia fim da edição impressa após 244 anos**. Educação. 05 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/enciclopedia-britanica-anuncia-fim-da-edicao-impressa-apos-244-anos.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

GILES, J. Special Report: internet encyclopaedias go head to head. **Nature**, v. 438, p. 900-901, Dec. 2005. Disponível em: <http://inspercom.org/wp-content/uploads/2015/06/GILES_Internet-encyclopaedias-go-head-to-head2005Cit.496_Junho-de-2015.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2017.

GROGAN, D. The literature. In: GROGAN, D. **Science and Technology: an introduction to the literature**. 2nd edition. London: C. Bingley, 1992., p. 14-19.

O GLOBO. **MPF pede retirada de circulação do dicionário Houaiss**. Brasília, 27 fev. 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mpf-pede-retirada-de-circulacao-do-dicionario-houaiss-4083015>>. Acesso em: 09 out. 2017.

O GLOBO. **Editores e escritores celebram decisão do STF que libera biografias não autorizadas**. Rio de Janeiro, 11 jun. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/2015/06/10/2274-editores-escretores-celebram-decisao-do-stf-que-libera-biografias-nao-autorizadas>>. Acesso em 15 mar. 2017.

JUTGLA, C. Editorial. **Texto Poético**, São Paulo, v. 20, p. 5-9, 2016. Disponível em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/334/292>>. Acesso em: 02 jan. 2017.



KUSUMOTO, M. Autoajuda, um segmento que floresce em tempos de crise. **Veja Entretenimento**, 14 nov. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/autoajuda-um-segmen-to-que-floresce-em-tempos-de-cri-se/>>. Acesso em: 11 out. 2017.

LATIN Grammy. **Morre Toninho Spessoto**: “uma enciclopédia ambulante da música brasileira”. , 10 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.latingrammy.com/pt/press-release/morre-toninho-spessoto-%E2%80%9Cuma-enciclop%C3%A9dia-ambulante-da-m%C3%BA-sica-brasileira%E2%80%9D>>. Acesso em: 02 mar. 2017.

MAGNANI, G. Kafka, Madame Bovary e Machado de Assis na novela das Oito! **LiteraTortura**, 15 maio 2012. Disponível em: <<http://literatortura.com/2012/05/kafka-madame-bovary-e-machado-de-assis-na-novela-das-oito/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

MONTEIRO, F. Livros de faroeste. **Westernmania**: uma revista eletrônica que focaliza o gênero western. 24, mar. 2014. Disponível em: <<http://westerncinemania.blogspot.com.br/2014/03/a-colecao-faroeste-da-editora-rocco.html>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

MORETTI, F. A.; OLIVEIRA, V. E. de; SILVA, E. M. K. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0104423012702671>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

NAGUMO, E.; TELES, L. F. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 246, p. 356-371, ago. 2016. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/2786/pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

NEW YORK PUBLIC LIBRARY. **The New York Public Library’s Books of the Century**. Disponível em: <<https://www.nypl.org/voices/print-publications/books-of-the-century>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

ORRICO, A. Jogos não são prioridade para Vale-Cultura, reafirma ministra Marta Suplicy. **Folha Digital**, São Paulo, 12 ago. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1324457-jogos-nao-sao-prioridade-para-vale-cultura-reafirma-ministra-marta-suplicy.shtml>>. Acesso em: 11 out. 2017.

PAGLIUCA, L. M. F. et al. Literatura de cordel: veículo de comunicação e educação em saúde. **Texto Contexto – Enferm.**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 662-670, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072007000400010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 03 jun. 2018.

PAULINO, G. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417104>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

PRIBERAM Dicionário. **Laranja**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/laranja>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

RAMOS, A. **Use bem a língua**. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ZIECrF2P-LcC&pg=PA22&lpg=PA22&dq=%22pai+dos+burros%22&source=bl&ots=82WB_fjSnb&sig=w_m2UHhUI2-0j7CETuAhlBau1cw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewjYuYOa1o7OAhVIJR4KHXSQCho4PBDoAQhIMAg#v=onepage&q=%22pai%20dos%20burros%22&f=false>. Acesso em: 20 fev. 2017.

RODRIGUES, M. F. Patrícia Engel Secco defende projeto de “facilitar” obra de Machado de Assis. **O Estado de S. Paulo**, 09 maio 2014. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,patricia-engel-secco-defende-projeto-de-facilitar-obra-de-machado-de-assis,1164221>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

SHENTON, A. K. A multi-faced approach to school pupils’ evaluation of information. **The School Librarian**, v. 64, n. 2, p. 77-79, Summer. 2016.

SILVA, L. T. Leitores de Harry Potter: entre livros, leituras, telas, encontros. **Anais do SIELP**, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_192.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2017.

VELOSO, T. Biografia ainda não publicada de Steve Jobs já bate recorde de vendas. **Tecnoblog**. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/79062/steve-jobs-biografia-isaac-walton/>>. Acesso em 15 mar. 2017.

VIEIRA, M. L. Suportes da escrita. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, 2002. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/suportes-da-escrita>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

ZARDINI, A. S.; AFONSO, L. dos A. Leitura na era digital – como os adolescentes descobrem a literatura? In: SEMINÁRIO NACIONAL Sobre Ensino de Língua Materna, Estrangeira e de Literatura, 9., 2015, Campina Grande. **Anais eletrônicos**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2015. Disponível em: <2015.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Adriana-Sales-Zardini-gt-03.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.



Sugestão de Leitura

ABREU, M. “Então se forma a história bonita”: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

ALENTEJO, E. Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 2, p.



20-62, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23124>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

ÁVILA, O. C.; LEÃO, S. R. C. Patrícia Secco e a literatura machadiana: pressupostos freireanos e a contestação midiática. **Temática**, João Pessoa, v. 11, n. 7, jul. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/24974/13654>>. Acesso em: 11 out. 2017.

AZEVEDO, M. Valores simbólicos e vivência de experiências diferenciadas na literatura juvenil: reflexões a partir de uma pesquisa exploratória com jovens leitores do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO Brasileiro de Ciências a Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Trabalhos**. Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0653-1.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

BIDERMAN, M. T. C. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Araraquara, n. 5, p. 85-116, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59701/62799>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

BRANDÃO, H. N. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola:** mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 269 p. (Aprender e ensinar com textos, v. 5)

BURLAMAQUE, F. V.; BARTH, P. A. Experiências literárias com sagas fantásticas: As crônicas de gelo e fogo e a criação de um novo universo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 18, n. 29, 2016. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/409>>. Acesso em: 31 mai. 2018.

CAMARANI, A. L. S.; TELAROLLI, S. “Romance negro” de Rubem Fonseca: conto fantástico ou narrativa policial? **Itinerários**, Araraquara, n. 26, p. 193-205, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/1178/958>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 181 p.

CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T.; MACEDO, V. A. A. (org.). **Formas e expressões do conhecimento:** introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. 414 p.

CAMPELLO, B. S. et al. A internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da web por alunos do ensino fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO de Biblioteconomia e Documentação, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Rio Grandense de Bibliotecários, 2000. CD-ROM. Disponível em: <gebe.eci.ufmg.br/downloads/T029.pdf> Acesso em: 12 jul. 2017.



CAMPELLO, B. et al. A coleção da biblioteca escolar na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 71-88, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1687/1438>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

CAMPELLO, B. S. Bibliografia nacional. In: CAMPELLO, B. S. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 43-56.

CAMPELLO, B. S. Controle bibliográfico universal. In: CAMPELLO, B. S. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 9-19.

CARINO, J. A biografia e sua instrumentalidade educativa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 67, p. 153-181, ago. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

CORTINA, A. A literatura de massa na perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 133-150, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/4938/5084>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

COSCARELLI, C. V. Gêneros textuais na escola. **Veredas online: ensino**, Juiz de Fora, v. 2, p. 78-86, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo051.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

CUNHA, M. B. da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.⁷¹

CUSTÓDIO, J. S. Para que serve o cânone literário? Aspectos e confrontos do discurso teórico contemporâneo. In: SEMINÁRIO de Estudos Literários, 10., 2009, São José do Rio Preto. **Anais...** São José do Rio Preto:UNESP, 2009. Disponível em: <http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/josesergio.pdf>. Acesso em: 26 out. 2016.

D'ANDRÉA, C. F. de B. Enciclopédias na web 2.0: colaboração e moderação na *Wikipédia* e Britannica Online. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 73-88, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/9147>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

DAMIM, C.; PERUZZO, M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 93-113, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6981>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

DIAS, E. W. Obras de referência. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÒN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 199-216.

⁷¹ O texto referenciado acima pode ajudar a entender a natureza das informações estatísticas, a identificar organizações que as produzem, bem como a conhecer as principais fontes da área.



DUMONT, L. M. M. A opção pela literatura de massa: simples lazer, ou alienação? **Investigación Bibliotecológica**, Cidade do México, v. 14, n. 28, p. 166-177, 2000. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx/ibi/vol14-28/IBI02809.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

DURÃO, A. B. de. Lembremos das velhas obras lexicográficas para redimensionar o papel da lexicografia e dos novos dicionários. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 27, p. 11-28, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p11>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

HARTNESS, A. **Brasil: obras de referência 1965-1998**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 453 p.

HARTNESS, A. **Brasil: obras de referência 1999-2013**. Brasília: Briquet de Lemos, 2014. 366 p.

JUVÊNCIO, C. H; RODRIGUES, G. M. A Bibliografia Nacional Brasileira: histórico, reflexões e inflexões. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 7, p. 165-182, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/118769/116240>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

KRIEGER, M. da G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 6/7, n. 10/11, p. 101-112, 2004/2005. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/42>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

KRIEGER, M. da G. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 235-252, set. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6950>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

KRYSINSKI, V. Sobre algumas genealogias e formas do hibridismo nas literaturas do século XXI. **Criação & Crítica**, São Paulo, n. 9, p. 230-241, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46876/50627>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

KUHLTHAU, C. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KUKUL, V. M. Da sombra dos gabinetes aos holofotes do espetáculo: as celebrações em torno da escritora Lya Luft e de sua obra. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 1, n. 2, p. 194-198, 2005. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/209/434>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

LAJOLO, M. Literatura e história da literatura, senhoras muito intrigantes. **Remate de Males**, Campinas, v. 13, p. 105-112, 1993. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3075>>. Acesso em: 22 jun. 2017.



LEITÃO, A. A. P. Verbetes da *Wikipédia* como gênero digital: conteúdo, estilo e construção composicional. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO e Tecnologias na Educação, 2., 2008, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5142266-Verbetes-da-wikipedia-como-genero-digital-conteudo-estilo-e-construcao-composicional.html>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

LUCCA, D. M. de; CALDIN, C. F.; RIGHI, J. P. R. O desenvolvimento da competência em informação nas crianças a partir da literatura infantil. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1588/pdf_93>. Acesso em: 12 jul. 2017.

MEDEIROS, M. de O.; SCHIMIGUEL, J. Uma abordagem para avaliação de jogos educativos: ênfase no ensino fundamental. In: SIMPÓSIO Brasileiro de Informática na Educação, 23., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/sbie/2012/00122.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

MONTEIRO, S. D. Os mecanismos de busca: à guisa de uma tipologia das múltiplas sintaxes. In: TOMAEL, M. I. (Org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina: Eduel, 2008. p. 97-122.

MOREIRA, M. E. Câne e cânones: um plural singular. **Letras**, Santa Maria, n. 26, p. 89-94, jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11883/7310>>. Acesso em: 26 out. 2016.

PELEGRINI, T. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência? **Novos Rumos**, Marília, v. 16, n. 35, p. 54-64, 2001. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0135/NOR0135_07.PDF>. Acesso em: 17 jan. 2017.

PERRONE-MOISES, L. Os heróis da literatura. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 251-267, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jan. 2017.

PIASSI, L. P. de C. A ficção científica e o estranhamento cognitivo no ensino de ciências: estudos críticos e propostas de sala de unidade. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 1, p. 151-168, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5285710>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

PORTELA, M. MPF quer tirar de circulação o dicionário Houaiss. **Estadão**, São Paulo, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mpf-quer-tirar-de-circulacao-o-dicionario-houaiss,841177>>. Acesso em 19 abr. 2017.

RAMOS, P. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, v. 3, p. 355-367, set./dez.



2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2017.

RECHOU, B. R. Educação literária e cânone literário escolar. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 75-79, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/8124/0>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

RODRIGUEZ, S. M. Leitoras com coração: usos de leitura dos romances sentimentais de massa. **Revista Letras**, Curitiba, n. 65, p. 23-37, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://lrc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj3421.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SIMÕES, L. B. T. Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 23, n. 46, p. 219-242, 2013. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/diversa1.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

SIQUEIRA, I. C. P. Mecanismos de busca na web: passado, presente e futuro. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.7, n. 2, p. 47-67, ago. 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/6355>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A. et al. **Democratizando a leitura: pesquisas e práticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17-32.

SOUZA, T. de F. C.; CAMPELLO, B. S. Aspectos contemporâneos do controle bibliográfico: das abordagens tradicionais para as virtuais. In: TOMAEL, M.I.; ALCARÁ, A. R. (Org.). **Fontes de informação digital**. Londrina: Eduel, 2016. p. 199-217.

TOMAÉL, M. I. S. et al. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 11, n. 2, p. 13-35, 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1061>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

TOMAÉL, M. I. S.; ALCARÁ, A. R. (Org.). **Fontes de informação digital**. Londrina: Eduel, 2016.

VELLOSO, M. A literatura como espelho da nação. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, dez. 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2162>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

VIANNA, M. M.; MARQUES JÚNIOR, A. M. Fontes biográficas. In: CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P. da T. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 43-51.

VIEIRA, M.; CHRISTOFOLETTI, R. Confiabilidade no uso da *Wikipédia* como fonte de pesquisa escolar. **Revista Tecnologias na Educação**, v. 1, n. 1, nov. 2008. Disponível em: <tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/Art-4-vol1-dez-2009.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2016.

WELKER, H. A. Pesquisando o uso de dicionários. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.9, n.2, p.223-243, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/172/139>. Acesso em: 22 nov. 2016.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/>. Acesso em: 24 abr. 2017.

WOOD JR., T.; PUNIDADE, A. P. P. Pop-management: contos de paixão, lucro e poder. **O&S**, Salvador, v. 9, n. 24, p. 39-51, mai./ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302002000200003>. Acesso em: 13 jan. 2017.

ZANFRA, M. P. Cânone, tradição e responsabilidade do professor: uma abordagem pela perspectiva de Hannah Arendt. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 15, p. 55-68, 2015. Disponível em:<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/16321/pdf>. Acesso em: 22 jun.2017.



